

A F E N I S
RENASCIDA,

O U

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguezes;

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO

XAVIER DE MENEZES

Conde da Ericeira do Conselho

de Sua Magestade, &c.

PUBLICAO

MATHIAS PERE'RA DA SYLVA.

V. TOMO.

E de novo acrescenta-o com varias obras
de alguns Authores.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES;
Impressor do Emin. Senh. Card. Patr.

M. DCC. XLVI.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

3280

LA
EN

OB

es mchore l'ingne l'ingne
A D V C O R

TO EXOMENTIS MO SENHUS

FRANCISCO

AVIER DE M...ES

Comde de Briceira de Contendas

de sua Magestade

FRANCISCO DE S...A

TOMO

de alguns Autores

L I S B O A

Officina de Miguel de Rodrigues
Impressor do Real S...o

XVII

Printed in...



EXCELLENTISSIMO SENHOR:



*Endo a obrigação de hum Me-
cenas patrocinar a quem de seu
poder se vale, e devendo este
ser buscado com proporção ao
que se intenta com discreta razão, e justo
conhecimento solicita hoje a minha Fenis o
amparo, e protecção de V. Excellencia; por-
que se ella generosamente renascida, em seus
remontados, e repetidos voos necessita de
alto patrocínio, para discorrer, e vagar pe-
la*

Na esfera do Universo livre da censura dos criticos, a ser bem aceita, e applaudida dos curiosos, e doutos; he sem duvida, que sabendo à luz publica debaixo da protecção de V. Excellencia segura, e concilia as mayores venerações, e respeito; pois todo o mundo onde o esclarecido nome de V. Excellencia he venerado, assim pela grandeza de sua nobilissima Casa, e tanto preclarissimo ascendente, como pelas singularissimas prendas, que o adornaõ, e profundas sciencias, que o enriquecem, e constituem Oraculo de Portugal, unindo a Providencia, e a natureza na pessoa de V. Excellencia tudo quanto repartiraõ aos mayores engenhos, que celebra a Fama, vendo serem estas Obras poeticas, de que se forma o corpo da minha Fenis, dignas da approvaçãõ de V. Excellencia, não achará nellas que censurar, antes lhes dará os applausos, e estimaçãõ, de que ficãõ sendo merecedoras, e a louvará de entendida, e generosa, pois

soube

soube encaminhar seus elevados voos a esfera tão gloriosa, sublime, e illustre. Deos guarde a V. Excellencia, e sua esclarecida descendencia por tantos annos, que igualemente aos da Fenis na duraçãõ, e com tantas felicidades, e gostos, que os inveje a mesma Fortuna, &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Beija as mãos de V. Excellencia feu humilde, e affectuoso criado

Mathias Pereira da Sylva.

PRO-



PROLOGO.

DEITOR amigo , cançado
estarás de esperar a repeti-
ção dos voos da minha
Fenis , parecendote tanta
demora, já fraqueza de suas azas, já des-
euído da minha applicação ; não sendo
hum nem outro motivo, causa de sua
detença ; mas sim , que estando já para
se remontár generosa á esfera da luz ,
maõ poderosa lhe cortou as azas , com
que foy preciso deixar-lhas crescer , e
nascer-lhes novas pennas , para poder
voar ; o que hoje faz taõ elevada neste
seu quinto voo , que excede muito

aos da fama, e com tanto vigor, que
promete repetição de muitos voos
até encher com os seus gyros toda a es-
fera da tua curiosidade.

VALE.

Pag. 1



JORNADA,

QUE DIOGO CAMACHO FEZ
às Cortes do Parnaso, em que
Apollo o laureou.



Ahia o Sol a vinte, e tres de Mayo
Nū coche de frisoés cō grãdes garras,
Vinha diante a Aurora por lacayo.
Detras em seus rocins vinhaõ bizar-

As nove irmãs cantando a muliana (ras
Em bandurras, rabeis, cитарas, guitarras.

Estava eu entaõ pescando á cana
No rio do Mondego celebrado,
Cuidando em certa Ninfa Castelhana;

E para ella nas tripas já traçado
Tinha o melhor Soneto, que na vida
Fiz depois de taludo, e bem barbado;

V. Parte.

A

Che.

2 *Fornada*

Chegou a companhia esclarecida
Para dar de beber a seus cavallos,
Fiz lhe eu a submissão, que era devida.
E apresentey ao Sol nove bordallos
Que elle com cara alegre, e bom focinho
Huma Ninfa mandou fosse tomallos.
Hiaõ já todos fóra do caminho
E para lho ensinar deylhe hum podengo,
Grande piloto de entre Douro, e Minho.
E como o Sol he grande, e realengo,
Porque lhe dey bordallos de presente
Logo me fez Poeta Bordalengo.
E para que ficasse mais contente,
Mandoume dar sua carta monitoria
Com armas, e sinal, sello pendente.
Entrou com isto em mim tanta vangloria,
Que para que de todo não inchasse
Me fez hum furo por fahir a escoria.
Pedilhe entaõ, que tanto que chegasse
A' Villa de Porrinho tão antiga,
O meu fiel podengo me mandasse.
Avizey-o tambem, que se a barriga
Por algum accidente lhe doesse,
Ou quizesse vazar sua bexiga,
Que dentro em Portugal o não fizesse,
Que em Galliza podia fazer tudo,

Mon

3 *de Diogo Camacho.*

Monturo velho, que elle já conhece.
Julgoume o Sol por homem muy fizudo,
De rara habilidade, e que podia
Hum pedaço montar se fosse mudo.
Mas vendome inclinado á Poesia,
E que elle era o senhor, e o pay della,
Que Apollo he Sol em lingua de Turquia.
Quiz me fazer a mim tão grande nella,
E que me invejassem todos os modernos
De Italia, França, Portugal, Castella.
E quiz que até os Poetas dos infernos
(Porque ha poucos no Ceo) logo borrassem
Em vendo os meus escritos seus cadernos.
E ás Musas mandou, que despachassem
Correyos pelo Mundo, que aos Poetas
A's cortes do Parnaço convocassem.
Ellas, que eraõ mulheres muy discretas,
Buscáraõ homens saõs, e corredores,
Que nunca se servissem de mulletas.
E deraõ pinhoada, e lambedores
A'quelles, que mandarão a terras frias,
Por causa dos catarros, máos humores.
Aos que hiaõ a terras quentes melancias
Para passar as calimas trabalhosas,
Com que a estrella do Ceo chamusca os dias.
Depois disto ordenado, faudofas

V. Parte,

A 2

De

De mim se despediraõ , e me mandáraõ
 Que fosse áquellas Cortes taõ famosas.
 E sem n ais se deter , logo montáraõ ,
 E foraõ atraz do Sol , que hia diante ,
 Naõ saberey dizer , se o alcançáraõ.
 Eu vendome ficar , no mesmo instante
 Comecey a traçar de que maneyra
 Iria honrado ás Cortes de Levante.
 Era eu vizinho de huma atafoneira ,
 A quem picava a pedra muytas vezes ,
 Por me livrar da fome , e da lazeyra.
 Fazialhe mil versos Portuguezes ,
 A que era muyto mais affeygoada
 Que aos Gregos , Latinos , ou Francezes.
 A cara tinha hum pouco rascunhada ,
 Culpa de amor, q em fim naõ ha quem fuja
 Se ama de fizo , a huma pantufada.
 A' feição se toucava de coruja ,
 Da sua qualidade (inda que pobre)
 Constava no cartorio da Azambuja ,
 Seu quarto avô foy hum Gallego nobre ,
 O primeyro, que ao hombro trouxe chuça
 Vede quanta nobreza o tempo encobre !
 Era senhora de huma mula ruça ,
 Que Reynaldos ganhou em Macedonia ,
 Em singular batalha ao Mouro Muça.

E ca

E caminhando nella até Polonia ,
 Alli a deo a hum sargento amigo ,
 E que a vendeo a certa D. Antonia.
 Esta caminhou nella sem perigo
 Por toda Hespanha, Fráça, até que em Lagos
 A carregou de passa , amendoa , e figo.
 Depois por consentir alguns estragos
 Que tres burras fizeraõ num centeyo ,
 Teve horas más , e dias aziagos.
 Até que por seu bem a parar veyo
 Nesta atafona , onde por regallo
 Caminhava ao redor sem trazer freyo.
 Nesta , porque naõ tinha outro cavallo ,
 Determiney partir para ir ás Cortes ;
 Muyto sentio meu bem tamanho aballo.
 Passatempos de amor saõ laços fortes ,
 Para saber se a ausencia os quebraria ,
 Lançou a atafoneyra algumas sortes.
 Tinha huma amiga velha , que sabia
 Por sua idade tratar estes assuntos ,
 E quanto o grande Tamorlaõ fazia.
 Untava-se ella com diversos untos ,
 E suçurrando peregrinas vozes ,
 Appariçõens fingia de defuntos.
 Azeyte tinha de estilladas nozes ,
 De homens coraçoens , que justificáraõ ,

Tira-

Tirados pelas mãos de seus algozes.
 Em sua casa nunca lhe faltáraõ
 Hervas, e pedras, que só ella escolhe,
 Embigos de mininos, que engeytáraõ.
 A semente do feto, que se colhe
 A noyte do grão Santo, e ainda nesta
 O bravo Satanás a véda, e tolhe.
 Arruda, herva pinheyra, que só presta
 Para se pôr em nome do amado,
 O aypo, e o serpaõ, salva, e giesta.
 Buço de lobo, corda de enforcado,
 De gallo branco o pé, maõ de topeyra,
 Do gato negro o olho mal mirrado.
 Alguns cuydavaõ que era feyticeira
 Por estas sirandajes, mas ella era
 Mulher insigne, bruxa verdadeyra.
 Almanagues fazia, que podera
 A Astrologos, e Medicos dar cabe,
 Se a vida com mentir passar quizera.
 A mana maquieira, que isto sabe,
 Naõ quer sem seu mandado, e seu conselho
 Que eu me parta na mula, e tudo acabe.
 Trouxeme a velha em fim todo o aparelho,
 E para a inteyrar bem na verdade
 Mostrou-me nũ em hum quebrado espelho
 Constituido estava em dignidade,

Com capella de ramos me interpreta
 Por Poeta sutil da nossa idade.
 Ficou a dama alegre, e muy quieta
 Pois ordenou o amor, e a ventura
 Que fosse Ninfa de taõ grão Poeta.
 E logo sem mais publica escriptura
 A mula me dotou ajaezada
 Sem mancha, nem lesaõ, nem matadura.
 De Mayo a vinte e seis de madrugada
 Com dous cayxoens de trovas pendurados
 Nos argoens comecey minha jornada.
 Depois de nove dias já passados
 A Lisboa cheguey, onde os trovistas
 Andavaõ com ser Junho enlameados.
 Aqui me derão hum rol dos citharistas,
 Dos Musicos do tempo, que viviaõ
 Como em Genebra os mesmos Calvinistas-
 Mostraraõ-me Poetas, que faziaõ
 Huns gordas rithimas, outros magras glosas
 Que por ser taes sem sello se vendiaõ.
 Outros compunhão magarefes profas,
 Esfalladores de infinitas pelles
 Tachadas por Paschim de copiosas.
 Hum dia porfiei c'um tropel delles,
 Houvera de morrer, se em meu soccorro
 Naõ viera Munhós Marquez de Velles.

88
Fornada

Chegou-se entã a mim hum preto forro,
E diffeme: Senhor, ou fois muy bravo,
Ou fois fabledor, ou estais modorro.
Aqui onde me vedes fuy escravo,
E por não porfiar, e andar em esgrima
Sem ter razão o negro rosto lavo.
Tive o conselho entã em muyta estima,
E dey-lhe em paga delle huma batata,
Que elle logo deo a huma sua prima.
Ao outro dia vi, que huma fragata
Alugava no caiz hum Pedro Ortega,
Metime nella por ser mais barata.
A mula foy na barca, e em quanto chega
Estava eu comprando redondilhas,
Naquelle Aldea, que chamais Gallega.
Alli hum mercador de beatilhas,
Quiz ser meu companheyro até Castella.
Homem, que vira grandes maravilhas.
Criado foy dos Condes de Penella,
Agora chatinava em toalhinhas,
De que trazia chea huma gamella.
Dous cortiços tambem cheyos de linhas,
E algumas alvas de disciplinantes,
Com seis talhas de mel, e camarinhas.
Assim nos fomos ambos viandantes
Atè chegar a Evora, que toda

Em

89
de Diogo Camacho.

Em vinho se resume, e estudantes,
Alli o que não empa, cava, ou póda,
Ou tem algum jardim em Peramanca,
Com esta ruça póde andar á roda.
O Bedel dos estudos com huma tranca
Me veyo receber, por fazer versos
Assim a negros, como a gente branca.
Dous epygrammas fiz ambos perversos
Em louvor da Cidade, e da muralha,
Antiga habitação de mil conversos.
Alli hum velho me mostrou huma talha
Que antigamente fora de Sertorio,
Nem Evora tem já outra antigualha.
Entramos depois disto em consistorio
Meu companheiro, e eu; elle dizia
Que Evora tinha rico lavatorio.
Eu, que era intemperada em demasia;
Em Junho, Julho, Agosto ardente fragoa,
Em Dezembro, e Janeyro neve fria.
Partimonos daqui com grande magoa,
Porque os dias, que nella descansamos
Nem vimos rio, nem bebemos agoa.
Depois todo Alentejo navegamos
Sem chuva, serração, e sem tormenta
Até que hum día em Badajoz entramos.
A' entrada da ponte com huma tenta

A mar-

A marfupia minha tenteáraõ
 Indo ella de tributo livre , e izenta.
 Como solida coufa não acháraõ ,
 Por ser gente grosseyra , e idiota ,
 De mim se riraõ , em nada me tocaraõ.
 Aqui topey hum Fabio Tarcanhota ,
 Natural Bolonhes , homem muy douto ,
 Fizemos todos tres nossa derrota.
 Era eu alegre , o Tarcanhota afouto ,
 Sagaz meu companheyro , a qué chamavaõ ,
 Por ser graõ jogador , d'alcunha o Couto.
 E era porque alguns quando jogavaõ
 A primeyra com elle sem ter massõ
 Não tinha mais que o Couto se envidavaõ.
 De Badajoz sahimos passo a passo ,
 A Merida chegamos a famosa ,
 Cuja ponte rendeo pelo espinhago.
 Nos Commentos , que faz Joaõ de Espinosa
 Sobre o Piamonte , diz que entaõ se dava
 Aqui nesta comarca caparrofa.
 E que esta para Flandres se levava ,
 E traziãõ por ella cá bonecas ,
 Com que ElRey Geriaõ logo brincava.
 Aqui ha enguias , trutas , e fanecas ,
 Mas com seu mijo a madre Guadiana
 Por ser barrento todas as faz secas.

Ficou

Ficou aqui dançando a dirandana
 O companheyro Couto em certa casa
 Com D. Catharina de Bedana.
 O Tarcanhota , e eu , quando se abraza
 Com calma a terra , e as pintadas aves
 Deyxãõ por seca esta campina raza.
 E as Damas em chapins se vão muy graves
 A's frescas logeas a passar a festa
 Com merendas , e cantos muy suaves.
 Sahimonos com furia manifesta
 Pela via commum da graõ Toledo ,
 Sem nos deter em vinha , nem floresta.
 Entramos nella huma manhã muy cedo ,
 A' tarde fomos ver huma comedia ,
 Filha de hum D. Cornelio de Penedo.
 E sobre ser comedia , ou ser tragedia
 Vierãõ a punho seco , e bofetadas
 Lopo Gentil com o Bacharel Heredia.
 As damas no curral alvorotadas ,
 Tendo sobre isto varios pareceres ,
 Jogarão entre si as chapinadas.
 Acodirão de fóra mais mulheres
 Com rocas , e sarilhos muy compridos ,
 Esperos , trempes , gnelhas , e colheres.
 As mais com algazaras , e alaridos
 Traziãõ tortos , e torcidos cornos

Ti.

Ttrados das cabeças dos maridos,
 Nunca entre os Fregosos, e os Adornos
 Se vio tão intrincada competencia
 Sobre os peyxes do mar, poyos dos fornos,
 Como se vio aqui nesta pendencia,
 Que se acendeo nas damas Toledanas
 Sobre huma curiosa impertinencia.
 Acodirão da Sè com partazanas
 Seis Conegos mancebos, e em chegando
 Fizeraõ nas dançar como ciganas.
 Veyo o Padre Toledo venerando,
 Porém não passou muy confiado
 Sobpena de ir ao Tejo volteando.
 Desta briga corrido, e enfadado,
 Deyxando o Tarcanhota parti logo
 Para Madrid, Madrid tão celebrado.
 Partindo de Toledo hum Dom Diogo
 Natural Cordovez Poeta vario
 Se me offereceo com primoroso rogo.
 De geraçoens sabia o Calendario,
 Grande familiar de huma taverna,
 De vinho amigo, de agua muy contrario.
 Partimos ambos juntos, e á moderna,
 Elle me fez devoto do Deos Baco,
 Inimigo mortal de huma cisterna.
 Tomando a cada legoa este tabaco,

Na Corte entramos, patria verdadeyra
 Do bom, do máo, do santo, e do velhaco.
 Cheguey a ella em huma terça feyra,
 Infausto dia para os máos Poetas,
 Por ter Marte com Febo graõ canceyra.
 Serião horas quasi de Completas
 Quando me recolhi n huma pouzada
 Com a mula, e cayxoens de obras secretas.
 Aquella noyte me deo huma hisopada
 O Deos Morfeo, e foy tamanho o sono
 Que não pude acordar de madrugada.
 Lá pelo meyo dia veyo hum mono
 C'um grande espectador de dormitorio,
 Dizendo: Levantay vos fanfarronos
 Levantey me, vestime, e ao refeytorio
 Me fuy do grãõ Mosteyro picaresco
 Por sua antiguidade muy notorio.
 Aqui se come tudo ao brutesco
 Que assim o manda a regra, e que a bebida
 Seja conforme ao primor Tudesco.
 Dous dias dilatey minha partida
 Para levar a Febo hum só bilhete
 De Lope, que he sua alma, e sua vida.
 Achey-o no mais humido retrete,
 Que tem a fertil, e comprida veyga
 Dos montes Períneos atè Punhete.

Apresentey lhe huma redonda teyga
 Cheya de recheados cumprimenros,
 Amassados com mel, sal, e manteypa.
 Declarey-lhe meus altos pensamentos,
 E para Apollo lhe pedi huma carta,
 E outra para os Vates fedorentos.
 Disse-me: Padre meu se vay a Esparta,
 Cidade de Arcadia, onde eu estive,
 Eu lha mandarey dar, antes que parta.
 Posto que ha muytos dias, que não tive
 Novas de Anfiliso, que era o senhor della,
 Não sey se he morto já, ou se inda vive.
 Eu lhe disse: Senhor não hey de entrar nella,
 Nem menos entrarey em Palestina,
 Senão emmascarado, e com cautella.
 Porque dizem os mininos da doutrina,
 Que quanto Frey Torcato fez primeyro,
 Foy por vossa mercê posto em ruina.
 Deyrou Frey Lope mão do seu tinteyro,
 E com elle me fez hum horrendo tiro,
 Virey lhe as costas, deo-me no trazeyro.
 Lancey por elle entãõ hum graõ suspiro,
 E para Lope bravo, e agastado
 Humilde, e brando me revolvo, e viro.
 Fechou-me a porta, fuy-me envergonhado,
 E caminhando só pela Cidade,

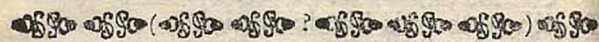
Ou Villa, que o que he não estou lembrado.
 Vi na calhe mayor Dona Vaidade
 Sem bom dinheyro, e erãõ suas damas
 Pouca Vergonha, e muyta Falsidade.
 Como era verãõ não havia lamas,
 Mas o pó me jurou hum hospedeyro,
 Dormia entre os lãgoes nas mais das camas.
 Na praça me seguiu muyto hum barbeyro
 Destes, que sangraõ bolsas; cousa errada
 Se he a minha camiza o thesoureyro.
 Hum dia acasõ em huma rua estreita
 Chegou comigo á falla huma embugada
 Não sey, como quem sou, se era direita.
 Mas como vio, que as obras erãõ nada,
 E as palavras em mim muy grande copia
 Huma figa me deo, e huma rizada.
 Topey muy descontente a Cornucopia,
 Por andar com o luxo consumida
 Do muyto despender, e grande inopia.
 Dona Pobreza andava taõ valida,
 Que era continua em casa dos senhores,
 A seu modo levando gentil vida.
 Vierãõ-me buscar tres mercadores
 Para querer comprar sobre fiado
 De minha Poesia os borradores.
 Dous mil annos, e mais ande eu borrado,

Lhe respondi, se algum vir a cousa minha
 Senão for com dinheyro de contado.
 Era a dona da casa Biscainha,
 E vendo-me fallar com arrogancia,
 Cuydou que nella hum peroleyro tinha.
 Enxerguey lho, e sem pagar a estancia
 Selley a mula, puz os cayxoens nella,
 E fuy-me sem dizer: yò voy a Francia.
 Na raya de Aragaõ huma donzella
 A mula vendo, e os cayxoens diante,
 E a mim sem me mover posto na sella.
 Aguiza antiga Cavalleyro andante,
 Me pedio, e rogou a soccorresse
 N'hum perigo, em que estava, penetrante.
 Livrey-a delle, e para que entendesse
 Como fora ditosa, dez Sonetos
 Na bolsa lhe meti, de que comesse.
 Ella com mil suspiros inquietos,
 De seus cabellos ordenou huma trança,
 Brancos, e curtos, e alguns delles pretos.
 Esta alli me entregou para lembrança
 Do amor, que deyxava em nossa Hespanha
 E assim muy cabelludo entrey em França.
 Passey a toda, fuy por Alemanha,
 E na Ilha de Comor, que he de Hungria,
 Topey o graõ Poeta Buzaranha.

Dey.

Dey-lhe hũ abraço, e perguntando onde hia,
 Me respondeo, que ás Cortes do Parnazo
 A revolver questoens de Poesia.
 Hia chegando o limitado prazo,
 Mas porque com exercito Turquesco
 Estava Mustafá em campo razo,
 Fiz lhe huma petiçaõ toda em Tudesco,
 Presentey-lhe com ella hum graõ toucinho;
 Que elle estimou por singular refiesco.
 Pedilhe que pois hia de caminho
 Pela terra do Turco a ver Apollo
 Podesse em todas ellas beber vinho.
 Vendo que era Poeta com miolo
 Passoume huma amplissima patente,
 Que eu levey pendurada em tiracolo.
 Passadas as Panonias brevemente,
 E caminhando pelos Reynos bravos
 De Epiro, e Macedonia antigamente.
 A' Morea cheguey sem deitar cravos
 A' mula; nem os Turcos me fazerem
 Injurias, desprazeres, nem aggravos.
 Daqui fuy ao Parnaso, sem que esperem
 As Musas lá por mim, nem se lembráraõ
 Que me mandáraõ ir para me verem.
 Com tudo n'hum palheiro me alojáraõ,
 C'um Poeta Marfuz, muy negro, e longo,
 V. Parte. B Cujõ

Cujo cheyro , e fuor muyto gabáraõ.
 Era eu de Portugal , elle de Congo ,
 Do feu Rey negro o unico privado ,
 Amigo sobre modo de mondongo.
 Com elle effive sempre acamarado
 Nas Cortes , onde quiz Febo divino
 Que eu fosse entaõ Poeta laureado:
 Mas porèm não deixey de ser mofimo.



Segunda Parte da Fornada do Parnaso.

D E pois que aquelle caso defaistrado
 Aconteceo a Daphne sem ventura ,
 Ficou perdido Apollo de enfadado.
 E vendo da Pobreza a formosura ,
 Empregou logo nella seus cuidados ,
 Buscando a tanto mal remedio , e cura.
 Depois de nove mezes já passados ,
 Na mingoante da Lua , em noite fria ,
 A Pobreza pario com dous mil brados.
 Nasceo a rapariga Poesia ,
 Filha de Apollo , filha da Pobreza ,
 Muito mais pobre que ella em demasia.
 Não lhe faltou com tudo gentileza ,

Mas

Mas nasceo a coutada em tal estrella ,
 Que nunca teve casa , cama , ou meza.
 Foy requestada em quanto foy donzella
 Por ser formosa , mas foy mal sadada ,
 Mofina como a mãy , como o pay bella.
 Na flor de sua idade foy levada
 A casa de David Rey de Judea ,
 E alli em santos versos animada.
 Morto David , a moça , que recea
 Ficar em terra aonde senaõ come
 Lebre , coelho , porco , nem lamprea.
 Pedio ao pay , que á sua conta tome
 Cafalla , porque he máo ser calaceyra ,
 E servir sem medrar , morrendo á fome.
 Apollo vendo a filha taõ palceira ,
 E que de puro douda , e vaidade
 Não queria em Judea ser tendeira.
 Quiz fazer-lhe por fim gosto , e vontade ,
 E em Grecia a casou com o velho Homero
 Homem de engenho ; e rara habilidade.
 Era este amigo de hum Achilles fero ,
 E de Ulysses , que fez em carvaõ Troya ,
 Nem mais né menos como em Roma Nero.
 Este inventou o exercitar a boya
 Por ser homem do mar , sagaz , e astuto ,
 Piloto mór dos Duques de Saboya.

B 2

Ho

Homero faleceo sem deixar fruto
 De benção, e por isso a Poesia
 Não quiz chorar por elle, nem pôr luto.
 Mas buscando algum amo, que a queria
 Que por qualquer soldada, ou por dinheiro
 Todo o magano della se servia
 Chegou de Italia alli hum forasteiro
 Que chamáraõ Virgilio Mantuano,
 Pobre saloyo, pobre pegureiro.
 Della se namorou, mas por seu dano,
 Porque a trouxe a Italia, e em seus braços
 Em Napoles morreo como magano.
 Depois deste morrer feito pedaços,
 Em muito em que lhe pêz, a sofraldáraõ
 De todas as naçoens muytos madragos.
 Agora para as Cortes a chamáraõ
 Por mandado do pay as nove Musas,
 E mula com andilhas lhe mandáraõ.
 Sem pôr impedimento, e dar escusas
 Se apresentou a pobre mal vestida,
 Cercada de barris, odres, e infusas.
 O pay lhe perguntou por sua vida,
 Ella lhe respondeo, que outra não tinha
 Senaõ comer muy mal, e andar despida.
 Mandou-lhe Apollo dar huma vasquinha,
 E huma muy redonda verdugada,

E hum bofete com huma escrivaninha.
E quiz que a esta junta celebrada ,
Por ter mil conhecidos , e devotos
Fosse junto com elle consultada.
E deo-lhe para guarda os Castriotos ,
Do grande Escanderbechos descendentes
Mandando-os vestir , que vinhaõ rotos.
Abrem-se as Cortes , chegaõ pertendentes ,
E chegaõ de tropel sem ser chamados
Graõ soma de Poetas requerentes.
Apollo por naõ ter tantos cuidados
Manda aos campos Elyfios trombeteiros
Os Poetas chamar , que eraõ finados.
Que quiz comfigo ter dez conselheiros ,
E entendeo que só mortos poderiaõ
Sem respeito nenhum ser verdadeiros.
No campo Elyfio todos peitendiaõ
Naõ vir ás Cortes por naõ ver trovistas ,
Que até no mesmo inferno aborreciaõ.
Tem lá odio mortal aos romancistas ,
Porque querem mostrar ser sabedores ,
Sendo em tudo muy pobres alchimista.
Mas Apollo mandou Corregedores ,
Que dos Elyfios prezos lhe trouxessem
Senaõ quizessem vir estes senhores.
E deo ordem precisa , que viessem

Cinco Provincias, dous de cada huma,
 Que o numero dos dez ao justo enchessem,
 Mandou não aceitar escusa alguma
 De pobreza, aleijaõ, ou de doença,
 Por huma provisaõ, e carta tua.
 E por tirar em tudo differença,
 Dos que haviaõ de vir os nomes manda,
 E a cada hum promette juro, ou tença.
 Homero o inventor da sarabanda
 Foy o primeiro por ser genro amado,
 Mas temeo de passar destouta banda.
 Vinha o rio Aqueronte muy inchado,
 Porque tinha Plutaõ muito bebido;
 E depois de beber muito mijado.
 Era o barqueiro velho mal sofrido,
 Pequeno o barco, com huã pá sem remos,
 De caruncho antiquissimo caminho.
 O bom Poeta vendo estes estremos
 Temeo, e com razãõ verse em perigo,
 Que em fim os avizados só tememos.
 Rogou entãõ a Ulysses seu amigo,
 Pois que de marear sabia a arte,
 E era Contramestre taõ antigo,
 Que o quizesse passar da outra parte,
 Porque o barqueiro o não enxovalhasse,
 Por dar pezar a Apollo, e gosto a Marte.

Ulysses o avizou a que esperasse
 Pelos nove Poetas, que faltavaõ
 Para que mais seguros se embarcassẽ
 Estãdo nisto, os outros que assomavaõ
 Em hum abrir de mãõ chegãraõ todos,
 Onde Ulysses co seu Homero estavaõ.
 E levando o barqueiro por bons modos
 No barco se meteraõ, pelo rio
 Deitando pulhas, foraõ dando apódos.
 Era isto em tempo do abrazado estio,
 Pequeno o barco, os passageiros muitos;
 O barqueiro velhaco de affobio.
 Tanto que entrãraõ disse, fois huns brutos,
 Por tal calma como esta, e tal quentura
 Querieis ir aqui todos enxuros?
 Isto dizendo por entre elles fura,
 Vay-se á trapeira, e lá de hum trapo tira
 Com que hia mal tapada huma abertura.
 Eneas, que hia alli, sobre elle vira
 E fez-lhe pôr o trapo aonde estava,
 Com goma bem tapado, e alcatira.
 Se elle não fora, o barco se alagava,
 E o Poeta, ou senhor, que não soubesse
 Nadar, como golfinho se afogava.
 Isto passado sem que mais houvesse
 Chegãraõ á outra banda a tomar porto,

Medrosos de que o barco se perdesse.
 Vinha Petrarca de enjoado, morto,
 Por nunca se embarcar; zombava d'isto
 Hum Luiz de Camoens Poeta torto,
 Que era em cousas de mar este muy visto,
 E já comera muita marmelada
 Desde o polo de Antartico a Calisto.
 Em fim este, e os mais de camarada
 Partirão com mais outros companheiros,
 Que os quizerão seguir nesta jornada.
 Eneas com Ulysses os primeiros
 Chegáráo a huma tenda bem provida,
 De mulas de aluguel, asnos, sindeyros.
 E por abbreviar sua partida,
 Para Homero, e Virgilio se alugáráo
 Dous asnos de andadura, ambos de brida.
 Traz destes os demais todos chegáráo,
 E das cavalgadas se proveraõ,
 Que engeitadas dos dous alli ficáraõ.
 E sem fazer detença se puzeraõ
 Depressa a caminhar sendo Sol posto,
 Que todos de maleiras se temeraõ.
 Era no fim do encalmado Agosto,
 Que Baco tinha já mandado a pipa
 A Beja repimpar do branco mosto.
 Quando estes dous galgazes pouca tripa

O templo descobriaráo, que em Parnazo
 Mandou fazer a Febo Marco Agripa.
 Foy este monte já hum rico prazo
 Das nove irmans, que Jupiter lhe dera,
 Agora quasi todo he campo razo.
 Que o Turco Solimaõ, serpente fêra,
 Porque hum Poeta não chamou por elle,
 Senaõ só pelas Musas, cujo era,
 Mandou-o esfolar, e a negra pelle
 Chea de palha, como de raposo,
 Fez espetar n'hum pao no cume d'elle.
 Depois Selim seu filho muy raivoso
 Porque perdeu a ultima batalha,
 Em que ficou o de Austria victorioso.
 Mandou ao monte soma de canalha
 A cortar muita copia de madeira,
 Para fazer galés, de que se valha.
 Ficou despido assim desta maneira
 O mofo Parnazo, sem já ter
 Em todo elle pé de cereigeira.
 Pasmáraõ os Poetas de o ver,
 E muito mais de ver as estallages
 Que Ochaly mandou nelle fazer.
 Saõ por aqui continuas as passages
 Que Turcos fazem, quando vaõ a Meca
 A cumprir votos, e fazer romages.

Ochaly , cuja alma he de caneca ,
 Para uso commum dos peregrinos
 As fez aqui por ser a terra seca .
 Chegados os Poetas , os mininos
 Começaõ a dar grita , Apollo manda
 Bombardas repicar , disparar finos .
 Mandou nas ruas pôr muita vianda ,
 E para elles , que vinhaõ destroçados
 Becas de catalol , voltas de Olanda .
 Elles de dous em dous bem ordenados
 Nestas Cortes fizeraõ tal entrada ,
 Que pasmáraõ os vivos , e os finados .
 Hia diante com sua calva honrada
 O Padre Homero , fraco , e encostado ,
 Com a folla do pè toda furada .
 Ulysses lhe levava pendurado
 Aquelle feu trombaõ , com que atroára
 O mundo todo , quando foy casado .
 Traz elle hia Theocrito com a cara
 Chea de lá de ovelhas , e de bodes ,
 Que elle sendo cabreiro tosqiára .
 Logo vinha Virgilio sem bigodes ,
 Que Dido lhe pellou , porque na escola
 Disse , que era mulher de bons pagodes .
 Vinha pedindo diante d'elle esmola
 Eneas , que com as barbas chamuscadas

Seu pay aos hombros traz , feyto mariola.
Traz elle em quatro liras já quebradas
Tangendo vinha Horacio , e seu Mecenas
Fazendo cabriollas estremadas.
A's costas com humas fácolas pequenas
As almas vinha diante encomendando ,
Que estavaõ no outro mundo em graves pe-
Logo vinha Petrarca arrenegando (nas.
De Laura lhe fugir de huma costella ,
Quando elle aos taralhoës andava armando.
Ella vinha diante feita pella ,
Fazendo-lhe com as mãos , e huma adaga
De quando em quando muita remoella.
Carregado de muita veniaga
Das suas trezentas vinha João de Mena ,
Por não achar ratinho , que lhas traga.
N'huma samfonha ruda não pequena
Garcilaso da Veiga entrou cantando ,
Cerca del Tajo en soledad amena.
Traz este , as Cortes todas assombrando ,
De mestres , e pilotos rodeado
O torto de Camoens vinha bradando.
Hum Portuguez pellote remendado
Vestia , que lhe deo Vasco da Gama ,
Com palavras Latinas debuxado.
Vinha com elle Brizida d'Alfama ,

De formosas lampreas muy golosa ,
 Mais celebre por nome , que por fama.
 No fim de companhia taõ lustrosa
 Hum Francisco de Sá apparecia ,
 Poeta até o embigo , os bayxos prosa.
 A este respondeo Boscaõ hum dia ,
 Porque como salsicha defumada
 Com seus safurros palmos se media.
 Gabou Apollo muito a boa entrada
 Dos senhores Poetas forasteiros ,
 E a Corte ficou toda muy pasmada.
 E como estes eraõ conselheiros ,
 Para muyto de perto consultallos
 Mandou os alojar n'huns pardieyros.
 As Musas lhes leváraõ mil regallos ,
 E a Poesia foy com carantonha
 Por mandado do pay a visitallos.
 Estava feyto Homero huma peçonha ,
 Por ver que se fizera taõ corruta
 Depois de enuiuvar , sem ter vergonha.
 Mas ella respondeo-lhe muy enxuta ,
 Que se elle lhe deyxára alguma renda,
 Naõ fora ella mulher taõ dissoluta,
 Que a moça sem marido , e sem fazenda
 He de mal proceder justo o receyo ,
 Pois na belleza tem toda a comenda.

Poz-lhe com isto a Poesia freyo ,
Porque onde até falta o necessario
Naõ ha costumes bons , naõ ha bom meyo.
Foy sempre o pouco ter vil mercenario ,
Que assim o diz Merlim nas Tusculanas ,
Firmado por franqueza o Secretario ,
Esquecidas em fim cousas profanas ,
Homero como velho , e mais prudente ,
Sabendo que as mulheres são humanas ,
Deo á sua hum perdaõ em continente ,
E mais por lhe jurar hum Canonista
Que o morto naõ aggrava a delinquente.
Feitas as pazes , vay hum Cabalista
C'hum odre cheyo de licor anciano ,
Que os Poetas beberaõ logo á vista.
Estando quentes , o Hespanhol Lucano
Chegou a vellos , e lhe fez lembrança
De que estavaõ no Imperio do Ottomano.
E que soubessem , que naõ era usança
Eberem na Provincia de Thessalia
Do mesmo modo, que se brinda em França.
O bom Virgilio natural de Italia
Lhe disse : Vós magano , engana velhas,
Ide fallar aos campos de Farsalia :
Que se fallais aqui , essas orelhas
Vos hei de deitar fóra , e juntamente

Vos hei de arrepear essas gadelhas.
 O Cordovez, que he homem mais valente,
 Levou de huma catana colubrina,
 Que lhe mandou de Ormuz hũ seu parente,
 Mas acudio com hum caldeirão de ourina
 O Portuguez Camoens a meter pazes,
 Que a todos enjoou por ser muy fina.
 Logo chegou graõ copia de roazes,
 Gente do tempo, má, falsa, e traidora
 Perguntando por tudo aos mais rapazes.
 Como creança a Poesia chora,
 E vendo o seu collegio alvorotado
 Sahio gritando pela porta fóra.
 E foy buscar o pay, que acompanhado
 Veyo dos Castriotos, e foy prezo
 Lucano, só por ser mal ensinado,
 E logo por Apollo, foy defezo
 Que não trouxessem mais ás Cortes vinho
 Que faz hum conselheyro duro, e tezo.
 Depois de descangarem do caminho
 Os dez Poetas, veyo a abraçallos
 Por mandado de Apollo hum Biscainho
 Trazia hum coche, sem nenhuns cavallos,
 Porque os Poetas romancistas puros
 Haviaõ, postos nelle, de levalllos.
 Vieraõ seis milhoens, trinta os mais duros

Tomáraõ só para levar o carro,
 Todos os mais deitáraõ nos monturos.
 Sahio galante Apollo, e muy bizarro,
 Com os dez conselheynos o outro dia,
 Posto que muy sentido do catarro.
 A' sua ilharga vinha a Poesia,
 E junto a ella huma moça etica,
 Que por tal se lhe dava o que queria.
 Encolhidos de pura gota arte ica
 Trazia os membros, sem saber quem era,
 Logo á licença me cheirou poetica.
 As nove Musas com capellas de hera
 Vinhaõ diante, sem trazer çapatos,
 Traça, que Apollo a todas ellas dera.
 Quilas fazer descalças muy baratas,
 Para que alguns maganos não dissessem
 Que não se lhe atreviaõ por beatas.
 E assim ordem lhe deo com que viessem
 Mostrando agrado a todos não pequeno,
 Para que muitos mãos se convertessem.
 Foy dando vista assim ao monte ameno,
 Digo, que foy ameno não sey quando
 Que agora he pedra tudo, e seco feno.
 Com este estado, e pompa passeando
 Lhe faziaõ os Vates reverencia,
 Beijando a terra, o rabo levantando.

Hum Poeta senhor de consciencia,
 De rara habilidade, e graõ talento,
 A que falla quem quer por excellencia.
 Elle affirmou que neste ajuntamento
 Se acharaõ de Poetas só de Hespanha
 Doze milhoês, e meyo, e mais hum cento.
 De Italia seis milhoens, e de Alemanha
 Onze Poetas, porque os mais estavaõ
 Bebendo contra os Turcos em campanha.
 Seis Mandarins da China procuravaõ
 Licença para lá fazerem trovas
 A' conta dos brinquinhos, que mandavaõ.
 Pramaticas do trinque todas novas
 Fizeraõ os Poetas do conselho,
 Por dentro cheas de coraes, e ovas.
 Mandáraõ, que qualquer Poeta velho,
 Que queira em tal idade dizer graças,
 No curral o meteffem do Concelho.
 Mandáraõ, que o mancebo de más traças,
 Como agora digamos esta minha,
 O penteaflem com humas almofaças.
 Que aquelle, que a saloya, ou a ratinha
 Fizesse algumas trovas, ou Soneto,
 Levaffe de agua fria huma mezinha.
 Que aquelle, que vivendo mais quieto
 Fizesse trovas para andar seguido

O rabo lhe furassem c'um espeto.
 Que aquelle, que tocado de Cupido
 Fizesse trovas a mulher casada
 Logo ás mãos feneceffe do marido.
 Que aquelle, que ou a Freyra, ou a encerrada
 Namorasse com trovas, não comesse
 Doce algum, nem ainda marmellada.
 Que aquelle, que a trovar só se atrevesse,
 Por querer obrigar huma donzella,
 De sarna gravemente adoeceffe.
 Que aquelle, que a viuva, por por mais bella
 Que fosse, estando tida por honrada,
 Trovaffe, fosse escarnecido della.
 Que aquelle, que não tendo de seu nada
 Engeitasse moeda, inda que cobre,
 A barba lhe rapassem c'huma enxada.
 Que aquelle que a fidalgo, rico, e nobre
 Fizesse trovas, e lhe não pagasse,
 Fosse pedinte toda a vida, e pobre.
 Finalmente, que aquelle, que trovaffe
 Sem tirar ganho, ou ter algum proveito,
 Para mangaz d'esguicho se ficasse.
 Outras muitas fizesse deste geito.
 A' vida dos Poetas necessarias,
 E que elles, quebraõ sem nenhum respeito.
 Trataráõ-se alli cousas muy variadas,

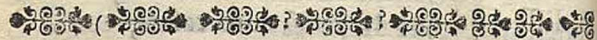
E ahi se resolveo como hum Poeta
 Não differia de outras alimarias.
 Alli se decretou, como a dieta
 Se havia de guardar, e as vestiduras
 Não podessem chegar mais que a baeta.
 Hum dia andando eu com mataduras,
 De levar, e trazer aos conselheiros
 Os dous caixoens de minhas escrituras.
 Fuy-me dando mil ays por huns outeiros
 Por não poder mijar de dor d'engurria,
 Coidando nos meus dias derradeiros.
 Achey cantando a Musa Palinuria
 Alguns estarambores por mim feitos
 Ao mais agudo som de huma bandurria.
 Conteylhe minha dor, deome huns confeitos,
 Que em os comendo logo migeey tanto,
 Como seis mariollas escorreitos.
 Gabeylhe o seu tanger, gabeylhe o canto,
 De tudo fiz notavel maravilha,
 Com grande admiração, cõ grande espanto
 Lembrey lhe quando fora na quadrilha
 Co Sol, co as mais irmãs já manhã clara.
 E que hia por final sem beatilha.
 E como pescando eu, o Sol chegára,
 E dos bordallos, que tomados tinha,
 Nove por não ter mais lhe apresentára.

E que eu ás Cortes confiado vinha
 Por elle me mandar, e não puzeraõ
 Té aquelle dia maõ em cousa minha.
 E sendo dos primeiros, que vieraõ
 Com minhas poesias approvadas,
 A minhas pertengoens não responderaõ.
 A Musa me tomou pelas queixadas,
 E levou-me ás irmans, que em lhe dizendo
 Ser eu aquelle, deraõ mil rizadas.
 E sem mais se deter, foraõ correndo
 Dizer a Apollo, que me despachasse,
 Porque andava mil queixas já fazendo.
 Elle mandou, que logo lhe levasse
 A larga relação muy verdadeira
 De minhas obras, porque se mostrasse.
 Fuy-me com brevidade á cevadeira,
 E comendo primeiro de hum pepino,
 Fiz huma petição desta maneira.
 Senhor, diz hum Poeta repentino,
 Que sempre mergulhou no Enxarrama
 E não bebeo no Tejo crystallino.
 Que elle quando compoem as Musas chama
 Mais graves, e mais bellas, campanudas,
 Que assim lho ensinou huma sua ama.
 Não ás muy delicadas, e ás agudas,
 Porque o querem sutil, não sendo dado

A cousas muy sutis, nem muy miudas.
 E assim compôz em verso recheado
 A vida de hum Poeta fugitivo,
 E que andou pelo mundo desgarrado.
 De Grego sabe hum só nominativo,
 Dous verbos de Latim, de Hebraico nada,
 Por ser em nossos tempos muy nocivo.
 Tem de Toscano sua pollegada,
 De Francez hum seutil, de Hespanhol pouco,
 Que tudo junto faz gentil sellada.
 Sabe cantar, mas sempre está muy rocco;
 Na guitarrinha põem a tarantana,
 Toca as teclas de hú cravo, mas he mouco.
 E tudo quanto faz, nada se dana,
 Porque lhe deita sal: por tanto pede,
 Ou capella de junco, ou d'espadana.
 Apollo, que em fazer mercês excede
 Aos Reys do mundo, disse aos do conselho
 Desse memorial os pontos vede.
 Este Poeta he tronchudo, e velho,
 E assim lhe quero dar a minha filha,
 Pois tem bom cabedal, bebe vermelho.
 E porque o mundo de insensáto, e tolo
 Não cuidasse que era eu Poeta falço,
 Por ter sizo, e saber, casco, e miolo.
 Mandou fazer hum alto cadafalço,

E assentado n'hum tanho, que era o trono,
 A rabeca nas mãos, e os pés descalço.
 Adelgaçando a voz em grave tono,
 Tomou huma capella de carraasco,
 Fazendo gatimanhos como mono;
 E disse: Já que tens taõ duro casco,
 E teu miolo he de tanta prova,
 Que o não derruba o mais valente frasco.
 Podes compor qualquer modo de trova
 Em toda aquella lingua, que quizeres,
 Até te sepultarem n'huma cova.
 Mas se algum dia vires máos prazeres
 Por essa tua cara taõ mesquinha,
 A culpa seja só do que fizeres.
 Aqui te entrego a essa filha minha,
 Bem sey que vay muy pobre, pois não leva
 Manto, manteo, gibaõ, saya, vaquinha.
 Mas porque nenhum rustico se atreva
 A morejar de ti que he triste peça,
 Procura ter de teu, que te releva.
 Com isto disse sobre a vã cabeça
 Apollo rufus veluri flamengus
 A capella me pôz, e o grão começa.
 „ Siquidem es tam sapiens, & tam sengus,
 „ Et est tuus versus bene numeratus
 „ Esto solus Poeta Bordalengus:

- „ Et ut sis semper mihi , & Musis gratus
 „ Mendicabis ut picarus , vel quasi ,
 „ Et sic esto Poeta laureatus.
 „ Vade in pace mangaz : datum Parnasi.



PEGUREIRO DO PARNASO.

DEDICATORIA.

E Stas , que me chorou na fantasia ,
 Lagrimas Febo , quando a Aurora ria ,
 Quando pelos outeiros
 Vinha o Sol caminhando inda em cueiros,
 Lagrimas derramadas
 Das Musas lastimadas ,
 Por ti mesmo nascidas ,
 Que matao com huma dor a nove vidas.
 Recebe Sylvio amigo ,
 Estes versos , que canto , choro , e digo ,
 Ainda que neste caso
 He necessario o tiple do Pegaço :
 Recebe Sylvio , em quanto
 Das nove irmãs de Apollo o rouco canto
 Retumba no universo

Em

Em trova , em metro , em sylva , em copla , em
 Em quanto teu capricho nos renova (verso :
 O verso , a copla , a sylva , o metro , a trova.

PROLOGO.

H Um Pegureiro sengo ,
 Que he primo cõ irmao do Bordalengo.
 Com pena de lavanco.
 Naõ calçando cothurno , mas tamanco ,
 Epistoliza aos miseros Poetas
 Satiras feras , tristes ceboleras.
 Oh tu , qualquer que leres ,
 Naõ te espantes de ver taes disparates ;
 Mas se applauso lhe deres
 No sempre verde Chipre dos orates
 Verás junto ás ribeyras do Mondego
 Azas de cisne , voos de morcego.

E Ra naquelle tempo , em que tangia
 Para a lição de Prima o triste sino ,
 E erguer os lassos membros pertendia
 Da taboa dura o famulo mofino.
 Notavel manha tenho , he cousa brava ,
 Que sempre hey de tomar tono de oitava!
 Vá de outro metro pois. Nas roxas horas ,

Em

Em que espulgando estão sonoramente
 Os quatrilhos do Sol as almofaces,
 E a Aurora punha o vermelhão nas faces.
 Notáveis traças investiga hum culto
 Para poder fazer versos de vulto!
 Triste cultunaria!

Naõ he melhor dizer, que o Sol nascia?
 Senão buscar da escuridade o pégo,
 Deyxando de ser cisne, e ser morcego?
 Tiro os antolhos do focinho á Musa,
 Naõ quero fallar mais por garatufa.

Era Sylvio manhã, quando hum correyo,
 Como Camoens o pinta, negro, e feyo,
 A Delfico luzente,
 Que tanto as saudades sente,
 Por gazetas de novas,
 Huns alforges lhe deo cheyos de trovas;
 Que cada dia Apollo tem gazetas,
 Até dos mesmos sonhos dos Poetas:
 Mas naõ se achou gazeta, em que se diga,
 Que algum Poeta encheo nunca a barriga;
 Desventuras terriveis,
 Que se possa sonhar com impossiveis,
 E nunca houve Poeta afortunado
 Que sonhasse comia hum só bocado!

Alli hum culto engenho lhe escrevia

Nas frases, que de Gongora aprendia,
Que o lindo Joaõ Moreyra
Deyxara do Mondego já a ribeyra;
Por quem sentido o campo
Desde que a luz faltara,
A barba lhe cresceu mais de huma vara:
Naõ he frase proterva
Chamar barba do campo á fertil herva.

Ficou turbado Apollo,
Tremeo maleita o Ceo de polo a polo,
Jurando pela Estigia amofinado,
Que em quanto Sylvio naõ tornasse ao prado
Que o mundo o naõ veria
Montar nos seus frisoens mais algum dia:
Mas que conforme ao grande sentimento
Lhe mandassem albardar logo hum jumento,
Pondo-lhe huma gualdrapa de baeta,
Taõ rota como a capa de hum Poeta;
E assim desta maneira
Foy dando traz da Aurora huma carreira,
E porque lhe naõ visse as alvas pernas
Meteose de huma nuve entre as cavernas:
Fora cousa galharda
O Sol, que andou de sella, andar de albarda!

Vendo-se com o poetico ornamento,
Sobre campos de luz corre o jumento,

Tascando por cabresto ardente freyo,
Bufava rayos com grosseiro orneyo.

O voador Pegafo

Com rinchos atroou todo o Parnaso,
Porque este sentimento, e caso adverso.

Hum dia todo o fez rinchar em verso.
Verdades puras fallo,

Que ha versos como rinchos de cavallo.
Mas ay Pegafo triste!

Se o varico furor muito te assiste
Para trovas escuras,

Has de roer primeiro as ferraduras,
Comer pouca cevada,

E não trazer a tripa tanto inchada;
Mas toma o meu conselho,

Que sou nesta materia perro velho;
Torna a pascer o verde da floresta,

E pois nasceste besta, morre besta,
Antes que os criticantes alveitares

Te ponhaõ nos narizes aziares.
Que hum bruto tenha idea

Para compor soneto a Galatea,
Se nunca soube mais que dando pinchos

Cuidar galopes, e trovar em rinchos:
Deixa nadar no mar a Ninfa loura,

Torna a dar huma vista á manjedoura.

E af.

E assim todo o trovante
Que em si sentir furor de rocinante

Não tome de Poeta o exercicio,
Só podera rinchar, que he seu officio.

Não note o verso bem, ou mal limado,
Só poderá notar herva do prado;

Que tem mandado Febo
Por hum criado seu, inda mancebo,

Se o sacro monte algum mais lhe atropella,
Que o ha de pôr de albarda, e não de sella;

E eu lhe prometto ás Musas celebradas
Que o hey de deitar fóra ás garrochadas.

Foy larga a digressão,
Mas deome tanta besta occasião.

Chegou a nova ás Musas,
Que estavaõ na Aganipe enchendo infusas;

E tanto que affligidas a escuráraõ
Nove infusas com a nova alli quebráraõ;

Donde receyo, e temo
De quebra raõ notavel, e assim gen o,

Amigo, que não possa
Ser mais desde hoje infusa a Musa vossa;

Se Apollo não mandar no seu laurel,
Que valha por infusa algum pichel.

A fonte desmayada
Por andar muyto tempo perturbada,

Doente

Doente de catarro

Gritava loiça , e discorria barro

A tempo , que hum trovante Castelhana ,

Que podéra chupar todo o Oceano ,

Com grande , e larga boca

As turvas aguas toca ,

Dizendo , que as queria tenebrosas

Para compor hum tomo escuro em profas ,

Que hum compadre de Gongora contára ,

Que nunca D. Luiz a bebeo clara ,

Que era de nevoa o tempo , em que alli hia

Beber da fonte fria ,

Por isso indo correndo a largo trote

Cobrio quanto compoz com hum capote ;

Inda que me affirmou certo letrado ,

Que bebeo destas aguas mascarado ;

E desde entaõ se conta no Parnaso ,

Mandára logo Apollo por tal caso ,

Que dessem muito açoitado

Em quem hia beber nella de noite ,

Porque crystal taõ puro

Naõ se deve tocar em tempo escuro :

Que hum amigo de Lobo lhe dissera

Que sempre aqui bebeo na Primavera :

E que Camoens famoso ,

Poeta , inda que torto , magestoso ,

Só pelo tempo quente
Na fonte mitigava a sede ardente ;
Por isso assim cantou em altos brados
As armas , e os varoens affinalados.

Mas eu (segundo ouvi ás nove Musas ,
Quando quebráraõ lá suas infusas)
Entendo que bebia todo o anno
Até fartarse bem o Lusitano :
E que para beber Pereyra illustre ,
Por ser homem no valle de graõ lustre ,
Pucaros lhe mandou a bella Aurora ,
Que quando ri nos Ceos , no campo chora.

E chegando a beber nada lhe impede ,
Porque hia o Portuguez ardendo em sede ;
Que antes que fosse o Reyno levantado
De frase Castelhana andava inchado ,
Que sempre compuzera
Com brava tromba , e catadura féra :
Remeteo com a fonte , mas eu logo
Ardendo em ira , e fogo
Lhe disse : Temte , ó besta grande , e rara ,
Porque queres manchar agua taõ clara ?
Naõ sabes tu , que a lingua Portugueza
Naõ tem no mundo igual outra em nobreza ?
Que eu des que guardo vacas neste outeiro ,
(Que em fim sou do Parnaso Pegureiro)

Só vi que compuzesse o alto Apollo
 Poesia divina
 Na lingua Portugueza, ou na Latina;
 Que tem o Portuguez propriedade,
 Eloquencia, brandura, e claridade,
 Amourisca-se muito o Castelhana,
 Tem muitos ches, e chis o Italiano.
 Nada responde o bruto, as aguas prova,
 E logo foy cantando escura trova.

Mas eu detendo hum pouco
 A sede, (que talvez acerta hum louco)
 Senteyme ao pé do monte,
 Até que vi correr mais clara a fonte,
 E logo arremecado
 Bebi na fonte do crystal nevado,
 Que tanto, que roncando as tripas corre,
 Fez, que estes faudosos versos borre.

Mas ainda não contente
 De propinar o argento transparente,
 Sendo o coro das Musas testemunhas
 Lavey na fonte hum livro, que compunha;
 Disseme entaõ Thalia
 Com garganta de tiple de folia,
 Que o verso culto, e claro
 Sempre o julgára Apollo por mais raro;
 Mas porém que não fosse

Tão claro, que ficasse de agua doffe.

Naõ vês (dizia a Ninfa
Ao som da corrente, e clara linfa)
Que o mundo he mais formoso,
Quando se mostra o Sol mais luminoso?
Naõ vês, que naõ deseja alguém a fonte,
Quando os enxurros tem, que vem do monte?
Porém depois que clara, limpa, e pura
Por entre as flores do jardim murmura,
Naõ ha boca tão bella,
Que naõ queira molhar os beigos nella.
Quem quer fazer escura huma poesia
Tem mais amor á noite, do que ao dia;
São lastimosas magoas
Turbar as fontes, e beber das agoas.
Seja o conceito fundo,
Mas que possa entendello todo o mundo;
Que naõ perde a beldade
O Sol, por ter mais luz, e claridade.
Por escarnio sómente, ou zombaria
Se póde escurecer qualquer poesia.
Acõde entraõ hum velho, que ha cem annos
Sempre cantára em versos Lusitanos,
E tinha por cuidado,
Guardar da fonte este licor sagrado
De bichos peçonhentos,

De Poetas , que são como jumentos ,
 E de paroleiras rans ,
 Que hiaõ allí cantar pelas manhans
 Muitas rimas sonoras ,
 Quando de rosicler vestem as horas:
 Aqui por varios modos
 A sede vem matar os Poetas todos.
 Homero por ser cego
 Buscou desta Aganipe o fundo pégo:
 Este foy o primeiro ,
 Que molhou na Helicon a seu tinteiro.
 E Virgilio bizarro ,
 Por hum vaso , que o pay lhe fez de barro ,
 Quando tocava nesta fonte grata ,
 Tinha este barro mais valor , que a prata.
 O Cordovez Lucano
 Punha agastado a boca sempre ao cano ;
 E Ovidio engenhoso
 Nunca chegou aqui senaõ choroso ;
 Que se bebeo licores,
 Deixou nas aguas lagrimas de amores.
 Aqui chegando hum tempo graõ Miranda
 Molhava toda a barba veneranda.
 Bernardes reverendo
 Do mais claro da vea foy bebendo ,
 E o douto Montalvaõ

Sempre della bebo pelo veraõ.

Daqui com inexhausta hydropesia,
Naõ sómente voraz licor bebia,
Mas provido levou Lope da Veiga,
Huns dizem que no alforge, ou na taleiga,
Que de Italia trouxera,
Para regar os versos, que fizera.

Daqui para cantar da guerra santa
O peregrino Tasso
Bebo sem descansar hum grande espasso.

Horacio taõ sómente
Pouco provou desta agua transparente;
Porque nos versos seus escrito se acha,
Que elegia por fonte huma borracha.
Bebem de Italia, e França os mais Poetas
Desta preclara agua ás gorgoletas,
Quando suados chegaõ do caminho,
Por vaso, que já tinha andando a vinho.
Naõ fallo de Petrarca, nem Ariosto,
Nem do sutil Marino,
Que he terno, que escolheo Febo divino.
Em fim da fonte nos crystaes serenos
Os poucos bebem mais, os muitos menos.

Aquelle, que cantar armas promete,
Bebe por morriaõ, ou capacete;
Que naõ julgamos nós por muy grande erro

Beber por ferro que n' cantar de ferro.

Aquelle, que compor sylvas cubiça
Só bebe por hum cocho de cortiça.

Os Comicos Poerantes

Bebem da fonte sem tirar os guantes.

Outros mandaõ beber as Ninfas bellas

Por alguidares, jarros, ou gamellas

Satyros, que compoem trova molesta,

Bebem pela caveya de huma besta;

Aquelles, que a algum livro dão sangrias,

Bebem como barbeiros por bacias.

Algun na prata amena

Está sorvendo pela leve penna.

Aquelles, a que a Musa ingrata falha

Chupaõ fó pela ponta de huma palha.

Alguns, a quem custou muito a Poesia,

Bebem por hum gomil, e almotolia,

Mas cada gota destas tem virtudes,

Como se aqui beberaõ mil almudes.

Tambem aqui vem frades

Amigos de compor sempre saudades,

A quem permite o sacro consistorio

Pelos copos beber do refeitorio.

Outro para fazer trovinha á dama

Está chupando todo o dia a lama;

E depois de cansar, e suar todo,

Começa em lama , e sempre acaba em lodo.
Depois em fim de fartos
Vão dando ao mundo monstruosos partos ;
Porque obraõ variamente estes licores
Gerando espinhas n'huns , em outros flores ;
Traz o engenho na maõ sempre os calçoens
Fazendo nos papeis varios borroens.

Algun sem que descance
Faz ás barbas do Cid logo hum Romance :
Outro grave , e quieto
Compoem a Durandarte algum Soneto ;
E porque nunca o consoante chega ,
Batendo no toutiço a testa esfrega ,
Outro mais facilmente
Vay furtando a toada a Gil Vicente ;
Algun com furia brava
Unta com alho os versos de huma Oitava ;
Outro por entre os ramos das Cançoens
Desfaz de assucar cande dous torroens ,
Onde se os versos olhas ,
Naõ acharás nos ramos mais que folhas ;
Outro , porque a sua pipa está vazia ,
Mata-se por compor huma Elegia ;
Outro de imaginar já tudo seco ,
Alguna obra vay compondo em eco ;
Outro , que labyrintho faz por traça ,

Cuida, que tem cabeça, e tem cabaça:

Em fim, que poi taes modos

Nascemos tolos os Poetas todos.

Disse eu entãõ: Senhor, os Gongorantes,

Que sempre por candil trovaõ brilhantes,

Que em rithmas atroadoras

Querem fallar crystaes todas as horas,

Porque vaso cruel das aguas bebem?

Elles (responde o velho) só recebem

Das aguas desta fonte,

Quando com chuva vay de monte a monte;

Entãõ por hum pipote,

Que em largo torno este licor lhe brote,

Sorvem só com as lincas desta vea

Muitos limos, e area,

Sevandijas, e sapos,

E de Poetas cultos mil farrapos.

Pois eu te juro, ó velho venerando,

Que se Apollo consente,

Que eu possa mitigar a sede ardente

Neste licor divino,

Que ha de ser por hum vaso crystallino,

Naõ por vaso suspeito,

Por onde beba bichos meu conceito.

Naõ beberás já agora,

O' Joven, (me responde)

O divino licor , que aqui se esconde ,
Desta fonte sonora ,
Inda que o siso teu tenha desmayo ,
Até que venha entrando o mez de Mayo ,
Até que o graõ Moreyra
Torne a pizar a flor desta ribeira ,
Até que torne a vir o meu Poeta ,
Hey de ser desta penha anacoreta .
Deixey o velho aqui , guarda Aganipe ,
Em fazer dous Sonetos occupado ,
Senaõ houver alguém , que lhos estripe ,
E fuy correndo atraz do manso gado .

Estas rithmas saudosas
Sahiraõ do Parnaso assim ventosas ,
Que á rua ausencia devo ,
Chorando porçoens d'alma , ao mundo escrevo ,
Naõ faças de seus erros (Sylvio) caso
Anno quarenta e dous , Monte Parnaso .





SAUDADES DE APOLLO

DEDICADAS

*A seu amado filho João Moreyra Telles.
Do mesmo Author.*

DO quarto globo a gema nunca avara,
Que té por casca o Ceo, nuvês por clara;
Nunca ninguém tal dice,
Não vi mais descascada parvoice!
Grande cousa he ser culto,
Fingir quiméras, e fallar a vulto!

Mas sempre ouvi dizer desta Poesia,
Que vestido de imagem parecia;
Pois quando vemos o que dentro encobre,
Quatro páos carunchosos nos descobre.
Faça-lhe a culturana
Muy bom proveito á lingua Castellhana;
Que a frase Portugueza por fizuda,
Por prezada, e por grave não se muda,
Não se occulta entre cultas ignorancias,

Pois

Saudades de Apollo.

Pois toda he cultivada de elegancias
Mas porque me não digas, culto amigo,
Que do ovo a metaphora não figo,
Quero, como quem traz raposa morta,
Ovos frescos pedir de porta em porta:
Para que nestes versos escalfados
Te possa dar apupos atiplados,
E se esperas achar cultos sigillos,
Eu andarey aos ovos, tu aos grillos.

Digo que a clara gema, a quem retrato,
Quando de ovos reaes não seja prato,
Nove vezes por agua foy passada,
Ficando, se não choca, requentada:
Aqui verás, que sendo o Sol tão puro,
Qualquer culto Poeta o faz escuro:
Em fim quero dizer, que nove dias
Nas do Parnaço estive enfermarias,
Onde cheguey a estado,
(Sempre, graças a Deos, acompanhado
Das devotas irmans, brancas, e louras)
Que vi bulir a Parca com as thesouras;
Mas deteve se hum pouco, (gentil forte)
Porque lhe estava entao pedindo a morte
A estopa para outro ministerio,
Olha como escapey do duro imperio?
Mostrey nos olhos tanta graça, e brio,

Que

Que disse a Parca fria :
Deixemolo ficar para outro dia ,
A Poetica vey a deste modo
Se endureceo de todo ,
E seguindo a Durando hum largo espaço
Branduras esqueceo de Garcilago :
Foy da Ninfa Siringa visitada
Até que por amiga , e camarada ,
Sendo de tal effeito tal visita
Que esta folha borrey , que vês escrita.
Agora provarás , se força toma
O vulgar axioma
Tantas vezes versado
Que o melhor dos Poetas he o borrado :
Oh quem me dera agora
A gaita celebrar desta Senhora ,
E por desempenhar o que me toca
Tomara , que a tomaras nesta boca.
Sabe que deste fluxo
Logo fiquey valente como hum buxo :
Apollo me quiz ver nesta mezinha ;
Mas em quanto não vinha ,
Daphne chegou primeiro
A defumar as casas com loureiro ;
E quando se informou desta doença
Disse sem mais detença ,

Que sem falta comi cidra inimiga,
Pois durou nove dias na barriga;
E me mandou purgar desta maneira
Por ser do anno a estação primeira,
Mas assim como disse
Que de ruibarbo a purga se pedisse;
Se rui barba differa
Eu bem sey de que barba me valera.

Agora ausente amigo
Quero fallar contigo,
E dizerte as miserias (triste caso!),
Que vão de monte a monte no Parnaso;
E nem por este nome quer que falle,
Pois já não quer ser monte senão valle;
E de erguer a cabeça mostra empacho
Faltando-lhe Moreira por penacho.

A fonte Cabalina
Faixa de tenras flores crystallina,
Gloria daquelle monte,
Morrendo está de sede com ser fonte.
As nove Musas entre tantas penas
Todas fazem novenas,
Descalças todas, e as mais dellas nuas.

Mas como não invoco,
Quando a sanfona toco,
Coro, a quem devo tanto?

Mas como sou Poeta , não me espanto
 Perderme nestes tratos ,
 Que he proprio de Poetas ser ingratos :
 Mas depois lhes direy , que me convinha
 Isto de , com licença vou á vinha
 Só por não molestallas invocando
 Quando vejo que estaõ choromingando ;
 Porque toda esta gente
 A vontade me faz como a doente.

Levanta hum pouco amigo as sobranceiras,
 Inclina estas benevolas orelhas ,
 Verás a penitencia
 Que fez todo o Parnaso nesta ausencia ,
 Os versos ouvirás , que vou sentindo ,
 Pois eu chorando , e a sanfona rindo ,
 Assim nem mais , nem menos
 Heraclito , e Democrito seremos.

Teu pay Apollo sem comer bocado ,
 Vestido té as orelhas de orelhado ,
 Descuberta a cabeça ,
 Taes cousas diz , que temo , que endoudega ;
 Pois em tanto desvello
 Nem faz as unhas , nem cortou cabelo :
 Eu o vi passear de mil maneiras ,
 Humas vezes com as mãos nas algibeiras ,
 Fallando só , tão alto , e de tal sorte

Que

Que sem bozina o ouvirá o Norte :
 Outras porque o nariz lhe distillava ,
 Entre o index , e o pollux se assava ;
 E porque lengo a dor lhe não concede
 Os dedos alimpava na parede ,
 D'ndo de seus pezares testemunho
 As lagrimas cahindo como punho ;
 E se fazer quizesse
 A barba , que ha mil dias , que lhe crece ,
 Encaxes escufara do barbeiro ,
 Servindo-lhe o chorar d'agua de cheiro.
 Se alguma vez tratava
 Enxugar os humores , que chorava ,
 A modo de Poeta
 Se alimpava nas abas da roupeta :
 A rabeça estimada
 Estava em hum sálgueiro pendurada ;
 Occupando instrumento tão galante
 Cordas de linho , e trastos de barbante.
 Do coche os aparelhos se quebrarão ,
 Os cavalloos á margem se lançarão ,
 Que das fracas cadeiras dando arran os
 Não parecem cadeiras , senão bancos ,
 A quem por pés sustentão quatro estacas
 Retratando do Egypto as sete vacas :
 Muitas vezes os vi quasi defuntos

Cho.

Chorarem pelas barbas todos juntos,
 E mostrando o espinhaço com mil falhas,
 Não pareciaõ facas, mas navalhas;
 Pois o que foy cavallo, ou foy ginete
 Tratos me póde dar de cavallete.

Achey neste Parnaço

O mimoso Pegaço,
 Taõ delgado por causa desta bulha,
 Que podiaõ passallo com huma agulha.
 Movate amigo caro,
 Movate a compayxaõ tal desamparo,
 Pois de Apollo se conta por verdade
 Que está tentado de meter-se Frade.

Movate, ó Sol, obstinação taõ crua,
 Pois foste causa de mover a Lua,
 Porque dando-lhe as novas no caminho
 Do que fazia o pay pelo sobrinho,
 A tanto sentimento se provoca
 Andando chea, e com a barriga á boca,
 Que com ser advogada para os partos
 Esteve mal parindo muitos quartos;
 De que saõ testemunhas as parteiras,
 Pois mandáraõ lançar de mil maneiras
 Os abortivos quartos pelo escuro
 Em Galiza, ou Castella por monturo.

Quero tomar alento

Para segunda vez dar vento ao vento ,
Pois quando reduzirte mais porfio ,
Eu acho que he malhar em ferro frio ;
He prégar no deserto
Querer encher de agua hum vaso aberto :
Mas porque me não possas dar escusas ,
Te quero retratar as nove Musas :
Porque de Salamaõ o exemplo sigas :
Foste aprender na escola das formigas :

Não viste esta republica inquieta ,
Seja embora Raquel , ou seja preta ,
Andar sempre em perpetuo movimento ,
Sem descanso no funebre aposento
(Oh que moralidade taõ valente !)
Fazer tumba , e thesouro juntamente ,
E todas com desordem

(Que já mais em furtar se guardou ordem)

Ora deixar o centro ,
Ora entrar carregadas para dentro ,
Sem que nunca laudarse se detenhaõ ,
Inda que aquellas vaõ , e estoutras venhaõ ?
Pois desta mesma sorte

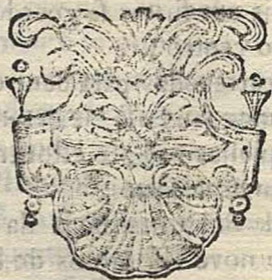
Nesta casa do Sol , que he já da morte ,
Comtemplo nove assombros de belleza
Todas taõ carregadas de tristeza ,

Que sem fallarse , nem deterse huma hora ,

Andaõ

Andaõ sempre de dentro para fóra
Todas taõ penſativas ,
Que parecem da morte imagens vivas ;
E já agora as deidades , que malogras ,
Nove Musas não ſaõ , mas nove ſogras.

Amigo , ſe notares
Que ajuntey a cabeça aos calcanhares
Nesta comparação mal applicada ,
Se te parece humilde , e limitada ,
Não ſou eu dos primeiros ,
Que ſempre houve Poetas formigueiros ,
E Gongora tambem , por mais que digas ,
Das Provincias de Europa faz formigas ,
A Deos , que eſtão cançado
Mas prometto acabar o começado.





LAGRIMAS SAUDOSAS

*choradas na ausencia do Licêciado João
Moreira Telles.*

Do mesmo Author.

P Enfil adolescente,
Em quem reluz o equivoco altamente,
O galante, o bizarro, o entendido,
O culto, nunca já bem parecido,
Que aos carnisoes conceitos de relance
Nenhum sacro juizo deo alcance.

To mimoso das Musas,
Vasilha enriquecida das infusas
Sciencias, com que alagaõ todo o mundo,
Das cincoenta irmans dorna sem fundo;
Pêgo, em quem por mais que eu o encareça,
Nadante algum tomou pé, nem cabeça,
Pois eres no capaz taõ temerario,
Que pareces espaço imaginario;
E tanto assim, que Apollo, que he mais douto,
Que

Que os deoses todos, (fim que fallo afouto)
Quando em teu bojo tantas letras Nora,
Se confessa ignorante, ou idiota.

Oh tu galhardo moço,
(Tem paciencia, que callar não posso
Teus louvores, que tanto reverencio,
Que fora sacrilegio o ter silencio)
Tu pois, não digo a caixa matadora,
Com que infestou o mundo essa Pandora,
Sendo para os mortaes cada doenca,
Sem respeitar alguem, final sentença.

Oh tu amigo ausente,
Que vives nella ausencia tão contente
Por mais querido das douradas Ninfas,
Que por verte furtado ás claras linfas,
Os cultos immortaes, e crySTALLINOS
CrySTAES pisando com crySTAES alternos,
Que confessaõ antigos, e modernos,
Que tu Theseo sómente venturoso
Pedes vencer enredo tão gostoso,
Sem Minotauro, que lhe corte a bota,
Se he que te não meteste na chacota,
Que havendo sido amor Dedalo cego
O que traçou na codea desse pégo
Tão vistoso, e tão claro desvario,
Bem claro está que te daria o fio

Que quem de ti confia o arco, e frechas,
Quero dizer a gala, com que esmechas
A belleza mais dura, te diria
Que no tal arco hum fio se acharia
Bastante a desfazeres labyrinthos
Muito mais enredados, e indistintos.

Oh tu em fim querido,
Gentil garção, bizarro, e entendido,
Vasilha, dorna, espaço imaginario,
Capaz bojo, e de letras temerario,
Esculapio galhardo, moço erguido,
Theseo das bellas Ninfas mais servido:
Escuta em breve cifra de tua ausencia
O estrago fatal, e a inclemencia,
Que fez nos habitantes do Parnaso,
De Apollo hum tempo oriente, agora occaso;
Que contarte desejo sem rodeo,
Sem mais invocação, sem mais asseo:
Porque caso tão triste, e magoadado
Não pede estilo culto, e penteado;
Musá sómente quer desmelenada,
Penha só descomposta, e desgrenhada,
Sentimento forçoso, e pasmado horrendo,
Horror pasmado, hirsuto, e estupendo.
Depois que te partiste
Tudo está carregado, tudo triste,

Apollo descontente, e magoado
 Em hum grabato jaz taõ entevado,
 Que com ser inventor da Medicina
 Desta vez sentirá fatal ruina,
 Posto que o duro filho bem trabalha
 Pela vida do pay, sem que dê falha,
 Na continua vigia, na assistencia
 Espreitando do pulso a intercadencia,
 E applicando remedios efficazes
 Para entre a vida, e a morte fazer pazes.

Subi hum dia ao monte como pude,
 Por saber como estava de saude:
 Chegando acima feito mil pedaços
 Fuy taõ mofoño, que não vi dos paços
 Huma só porta, nem janella aberta;
 Guidey que estava a casa já deserta,
 E que a familia assim o deixaria
 Depois da morte deste author do dia.

A' porta me cheguey feyto hum escolho,
 No buraco da chave puz hum olho,
 As potencias applico todas d'alma
 Por ver se de algum modo colligia
 O que no paço succedido havia.

Estive assim hum grande espaço quedo,
 Deos sabe com que horror, e com que medo,
 Porque vinha de lá vapor etherio

Muy tirante a fortum de cemeterio ,
E a cera dos enterros , que revia ,
Com o nariz tinha certa antipatia.

Estando pois suspenso , de repente
Senti vir hum tropel de muita gente ,
Hum olho arregaley , cerrey outro olho
Pondolhe o dedo ; o habito recolho :
Eis que vinha com passo acelerado
Huma das nove irmans do entrevado ,
Que trazia na maõ hum candieiro
De garavato , e vi por derradeiro
As outras Musas , que a vem seguindo ,
O Ceo com gritos , e ays ferindo ,
Taõ deslustrosa da sua gala vinha ,
Que jurarey esteve na cozinha ;
As maõs traziaõ todas occupadas ,
E com ellas mais cinco , ou seis criadas ,
De lambiques , espatulas , raizes ,
Seringas , ourinoes , almofarizes ,
De ruibarbo , de salvas , de marcellas ,
De vidros , de boyoens , e de panellas ,
De incenso , sal armonico , de malvas ,
De violas , salitres , e de salvas ,
De pirolas , borragens , dormideiras ,
De acatilicoens , purgas , e de apistos ,
E de outros mil emplastos nunca vistos.

Tanto pois que esta dança foy passada,
 Ouvi lá dentro grande traquinada,
 E conforme julgava pelo tino,
 Presumi, que morava alli Tarquino,
 Ou pelo menos, que pelo espantoso
 Saltou Boreas do monte cavernoso.

O certo foy, que Apollo desejava
 (Não se vio frenesi mais miserando)
 De dar por ti hum giro a todo o mundo
 Baralhado o fantasma taõ fecundo,
 Cuidando o dava em carro transparente
 Em curri curri o deo taõ inclemente
 Que os nafutos Ovidios do Parnaso
 Mandinas foraõ de taõ raro caso.

Não pude aturar mais magoado
 De ver Apollo taõ destemperado,
 Mas que peito cruel não choraria
 Ver taõ destemperada a fantasia
 Que hum tempo oraculava de tripeffa,
 As tripas arrojando peffa a peffa?
 Mas olha não te mates tu por isso,
 Que elle fica com tudo a teu servisso;
 Como he em grão estreito teu parente
 Para ti sempre está corrente, e moente.
 Tu, zoilo, que motderes neste verso
 Por não estar mais limpo, puro, e terfo

Acaba de entender, que he excellente,
Que para isso lhe basta o estar corrente.
Porém tornando, amigo, ao que te conto,
Que sempre he grande bem fallar a ponto,
Deixey o cume, e trouxe magoado
Apollo na garganta atravessado,
Mas subindome logo em hum outeiro,
O monte todo quiz notar primeiro,
Que como o Sol estava taõ doente,
Se via o pobre já taõ diferente,
Tanto nos ossos posto, e triste estava;
Que ao monte Gelboé se assemelhava.

Oh caso raro! Vi andar no monte
O graõ cavallo de Bellerofonte:
Se este verso não corre com pé franco,
A culpa he do Pegaso, que está manco,
O qual deixando o passo com tristeza
Desperdigando a vida na aspereza
Do monte, parecia em tua ausencia
Hum humilde jumento na paciencia;
E o que deo a mil mimos co focinho
Andava debicando no tojinho;
E quem taõ fraco, e macilento o via
Por outro rocinante o julgaria.
Parecia o pesçoço no comprido
A hum heroico verso bem medido:

Por certo que me fica a mão folgada
 De pespegar tão grande pescoçada.
 As ancas, que gordas escachavaõ ,
 Huma cadeira de ossos figuravaõ ,
 Que tendo o espinhaço de diante
 A hum esporaõ de não muy semelhante ,
 E vendo que o Pegaõ estava posto
 Na rostrada cadeira muy composto ,
 Quando desta maneira assim o via,
 Hum Cicero pro rostris parecia ,
 Que ostentando ser monstro de eloquencia ,
 Orava aos mais Pegasos : Paciencia.
 Este sim que he valente disparate
 Não o dirá mayor, mas que se mate.

Mas tornando ao meu conto : junto d'elle
 Vi huns ossos cubertos de huma pelle ,
 Vi de outra banda (que fataes destrossos !)
 Outra pelle cobrindo a outros ossos ;
 Bem que assim que cubertas as offadas
 Semelhavaõ canastras encouradas.
 Chegueime ao perto , puz me bem defronte
 Sabeis quem eraõ ? Não. Flegon , e Etonte
 Cada hum parvoeja como póje.

Tão delgado , e tão longo era o pescoço
 De cada hum , que certo affirmar posso
 Que figuravaõ por aquelles valles

No delgado meus bens , no longo os males.

Aqui tñhaõ lugar os escarceos ;

Mas adiante com os fogareos.

Finalmente nos dous de macilentos

Quem os bebesse , beberia os ventos.

Quem vio mayores da fortuna ensayos !

Aquelles, que escarravaõ hum tempo rayos ,

Luzes vestindo , os pés calçavaõ de ouro ,

Naõ tem agora mais , que o osso , e couro ,

Cothurno já naõ calçaõ , nem farrado ,

Mas o casco descalço , e magoado.

Cavallos , que Epicuros

Dos prados sois, lembraivos que ha monturos,

E que toda esla pompa ris o corre ,

Porque quem besta nasce , besta morre.

Vi as Pias do Sol, quando mais bellas

Em campos de zafir pascer estrellas ;

Vi pedir emprestados seus candores

Os mais Planetas lá do Ceo senhores ,

Vi o bruto de Flegon , e de Eronte

Naõ dar ancas ao louro Faetonte ;

Já naõ tem os Planetas a luz pura ,

Que naõ ha nesta vida honra segura ;

Nenhum dá rincho , nenhum faz curveta

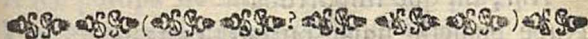
Por mais que tanja o Norte esta trombeta ,

Porque está cada qual tanto no fio ,

Cada qual taõ raído , e taõ sábio ,
 Cada qual taõ subtil , delgado , e fraco ,
 Que se o que se escreve do Bussaco ,
 Da agulha , e do camello , se escrevera
 De hum cavallo , que rico se perdera ?

Este he finalmente ,
 Tu , que vives no Douro taõ contente ,
 Clarissimo Moreira ,
 Que contempas alegre esta ribeira ,
 O lastimoso estado
 Deste monte das Musas consagrado ,
 Que Apollo , Musas , e o que arriba fica
 Dessoutra firandagem da botica ,
 O ruaz , que escavando abriu a fonte ,
 Do Sal as Pias , ou Flegon , e Etonte ,
 Todos padecem taes adversidades ,
 Affligidos com tuas saudades.





A los años de la Serenissima Señora

D. CATALINA

Infanta de Portugal, y despues Reyna de
Inglaterra.

*En el certamen del Conde de la Torre con
obligaciones en cada ramo*

Por hum Anonymo.

El nascimiento.

I.

CANCION.

N Ace el Alva purpurea, y las esferas
 Cantando a coros el candor triunfante
 Dan a su infante luz, Sidonia cuna;
 Y el ayre entre illusivas primaveras
 Siendo en selvas de albor, pensil brillante,
 Dexa los orbes sin tristeza alguna;

Affi;

74 *A los años de la Señora D. Catalina.*

Añi, sin que importuna
Nube pudiesse hajar purpura tanta,
Oy bellissima Infanta
Del Lusitano Sol Alba nascistes,
Y Aurora apenas de sus rayos fuistes
Quando te juzgaron del futuro trono
Luz feliz, bello anuncio, ilustre abono,
Que las Gracias la crearon.

2.

De tela de oro el Principe del dia
Por los balcones del Palacio ethereo
Sale a ostentar la ephimeral belleza,
Y luego de essa octava galaria
Corre veloz cada pavon siderico,
Y a darle el feudo de su luz impieza.

Añi por mas grandeza
Las tres Gracias, que alumnas os crearon,
Velozes se juntaron,
Y tantas gracias emulas os dieron,
Que su zenit de vuestro oriente hizieron,
Para que esse esplendor, ya sin segundo,
Venga el Sol, pise el ayre, ocupe el mundo.

Considera su hermosura.

3.

Gloria del Alba, y joya de Amalthea
Madruga entre esmeraldas vergonçosa

A ser

A los años de la Señora D. Catalina. 75

A ser pompa de Abril la flor mas pura ,
Y antes que el dia arrebolarse vea ,
Sinó Sol del jardin , Reyna olorosa
Purpuras viste , imperios se asegura
Asi vuestra hermosura ,
Sin que el tiempo sus pompas amenace ,
Tan magestosa nace ,
Que a su deidad la Reyna de las flores
Rinde diademas , y consagra olores ;
Pues lo menos , que en ella se contiene ,
Sctros dá , tronos goza , Imperios tiene.

La discricion.

4.

Recreando las selvas , con que trata ,
Dulce , claro , y sucinto arroyo breve
Corre del Oceano al gran concurso ,
Y ò troncos mueva a numeros de plata ,
O Cielos copie en laminas de nieve ,
Mucho enseña , y consigue en solo un curso
Asi vuestro discurso ,
Sin mar , que le confunda obscuramente ,
Dulce , claro , y corriente
Recrea , enseña , y persuade tanto ,
Que oraculo a la patria , al mundo espanto
Muestra , que en las dulçuras , que eterniza ,
Troncos mueve , almas roba , ancias suaviza.

La

76 *A los años de la Señora D. Catalina.*
La piedad.

5.

Nocturno Sol en golfo de tinieblas,
Las ciegas sombras de la noche muda
Benigna estrella rasga luminosa,
Y aunque se opongan pielagos de niebla
Al anegado mundo, a quien ayuda,
Pretende a rayos alumbrar piedosa:

Affí deidad hermosa

Vuestra piedad, de todo el Reyno estrella,
Las impias sombras huella,
Y de su Sol ausencias, y desmayos
Esconde a luzes, y dismiente a rayos
Pues parabien de quanto predomina,
Norte alumbra, astro corre, estrella inclina.

El exemplo.

6.

Porque a luzir de su esplendor aprendan
Las otras piedras nitidas, que excede,
De cada viso un Sol vibra el diamante,
Y bien que a golpes su constancia ofendan
Más a cariños, que a violencias cede,
Y el fondo muestra del valor brillante.

Affí claro, y constante

Qual primer mobil vuestro exemplo altivo
Todos lleva atractivo,

Y ha

A los años de la Señora D. Catalina. 77

Y haziendole imitar fondo , y caudales
Por diamantes adopta los crystales ,
Pues a reflexos, con que los ilustra
Uno pule , otro afina , a todos lustra
Se junta todo en esta.

7.

Alba nasciendo , y Sol creciendo fuistes ,
Flor en beldad , arroyo de eloquencias ,
Astro , y piedra preciosa en lo brillante ,
Mas de tal suerte a todos excedistes ,
Que en vós sola juntais las excelencias
De Alba, Sol, flor, arroyo, astro, y diamante.

Repetid pues triunfante
De vuestra Aurora el circulo dorado ;
Piedra en lo eternizado ,
Los numeros , la edad , no las venturas ;
Y de su oriente en glorias mas seguras
Pues aguilas deslumbra , y luzes huella
Sol al mar , luz al mundo , al norte estrella.



*Epithalamio al hymeneo del Señor D.
Francisco de Sosa, y la Señora D. He-
lena de Portugal.*

C A N C I O N.

NO de la selva Idalia,
No del bosque de Chipre, ò de Cithera,
Sinó de aquella cumbre,
Con que del Tajo en la menor montaña
Tiene para aliviar su pesadumbre
Throno el Abril, solar la Primavera;
No lexos donde el Oceano baña
De argentadas espumas la ribera,
Copia de Pindo, idea de Thessalia
Coronado de flores,
De flechas adornado
Sale aquel Dios vendado,
Corre aquel niño ciego,
Que en los ojos, que encuentra,
Lince mentido, y basilisco alado,
Con todo sale, aun quando menos se entra,
Ya las almas, que ignoran aquel fuego,
Que a sus armas soccorre
Por todo passa, aun quando menos corre;

Ale.

Alegre corre , y sale
A ver aquella antorcha brilladora ,
Luz de la tarde , y nuncia de la Aurora ,
Contra cuyos imperios poco vale ,
Que vibre rayos Jupiter severo ,
Que el azero sangriento Marte esgrima ,
Pues no solo se escusa a los desmayos ,
Qual laurel a los rayos ,
Qual iman al azero ,
Sinó que ambos los fuerza , aunque no oprima ,
A que del campo , ó del Cielo en las alfombras
Caigan com fuerzas tantas
El azero a sus plantas ,
Los rayos a sus sombras ;
A ver pues esta estrella
Siempre en los Cielos bella ,
Siempre en la tierra errante ,
Quando ella corre del mayor planeta
A vengarse cometa ,
Buela el rapaz gigante
De los montes del Tajo ,
Con que repara aun más , que no el destino ,
La razon quien salio de su camino :
A cuyo obsequio el viento ,
Monte , rio , espessura ,
Siendo alegre teatro ,

80 *Epithalamio al hymeneo*

Hazen a coros quatro
Festivo acogimiento,
Pues al ayroso, y blando moviminto
De sus pies, y sus alas
El rio de suspenso no murmura,
Su cumbre el monte de esmeralda afeyta,
Haze la selva alarde de sus galas,
Y el ayre en recrearle se deleyta,
Tanto, que en su orizonte
Lisonjas siempre haziendole suaves,
Rio, selva, ayre, y monte
Iguales en affectos, sino iguales
En ofrendas, le dan a sus favores
En plata sus cristales,
En aromas sus flores,
Musicas en las aves,
Throno en sus esplendores
Haziendo dulcemente,
Por trocar en delicias sus congojas,
Que riendo essa fuente,
Y cantando aquella ave enternecida
Se escuche, y vea quando alegre el ayre
Le dá la bien venida,
Con quanto pueden natural donayre
Tañer los ramos, y baylar las hojas.
Yaze junto al imperio de Neptuno,

Donde se entra a ser río el Oceano ,
En las selvas de Luso , un monte breve ,
Tan valido de Flora , y de Vertumno ,
Que por verde colonia del Verano
Nunca el Invierno a su color se atreve ;
Con foffo pues de fugitiva nieve ,
Con murallas de escollos arrogantes ,
Ya del Ossa gigantes ,
Que una camisa de esmeraldas viste ,
No solo le resiste ,
Mas cargado de leños , y asperezas ,
Con que se arma , ó previene ,
A las del mar , ya furias , ya ternezas ,
Para que el Sol Sol de rayos le corone ,
Para que Abril de nacares le implume
A los baibenes de crystal se opone ,
Y a los assaltos de zafir se tiene ;
Bien , que Neptuno de picado gima ,
Bien , que de bravo el Oceano espume.

En este pues de los deleites clima ,
Casa de amor , milagro de la idea ,
Aranjes de la Aurora ,
Pensil de Venus , y Ciudad de Flora ,
Corte de Abril , y Cielo de Amatheia ,
Un palacio sobervio se levanta ,
Cuya fabrica altiva

En cien columnas de esmeralda esfriba,
 De arte tan rara, y de riqueza tanta,
 Que siendo puertas cinco, y cazas ciento,
 De crystal las paredes soberanas,
 Y de oro el pavimento,
 En forma quadrilatera parecen
 Los porticos rubies,
 Diamantes las ventanas,
 Cuyas orlas esmaltan, y guarnecen
 Cornijas verdes, plintos carmesies,
 Donde sobrefaliendose luziente
 El techo de topacios, y zafiros
 Compuesto, y tachonado,
 Tambien finge al sentido,
 Que hurta el convexo a los celestes giros;
 Pues se ostenta, y se ilustra altivamente
 De estrellas embutido,
 De Soles esmaltado,
 A la materia superando el arte,
 Tan fina a cada parte
 Milagros distribuye,
 Que a su comparacion, e a sus ideas
 Son ridiculo espanto,
 Fatigas son plebeas,
 Quantas ya maravillas, y oy ceniza,
 Fueron, y son de Europa, y Asia; y quanto

Corinthia forma incluye,
 Y aun oy Dorico estudio solemniza,
 Deste fingido cielo
 Un jardin paraíso es delicioso,
 Donde no ay planta, ó flor, peñasco, ó fuente
 A quien no cresca, afeite, ame, ó lamente
 El mas tierno galan, rustico, ó triste,
 Amor su bien, su mal, ancia, y desvelo
 Con gusto caricioso,
 Pues nó funesto, alegre cipariso
 Del alagueño Narciso,
 Ecco menos confusa,
 Y apacible Arethusa
 Mueve, hermosa, corresponde, y corre
 Aquel sus ramos como quien se inclina,
 Sus hojas esse como quien se tiene
 En presuncion tan bella,
 Y en sus ayes aquella
 Que a palabras se pega, y se socorre
 No como cosa de ayre,
 Y esta en todo una prisa, que es donayre,
 Como quien se detiene,
 Aqui purpureo Adonis resuscita,
 Y Clicie se corona,
 Aqui suave filomena entona,
 Y lo gime Tereo, y Progne grita,

Aqui Jacinto hermoso su tragedia
En sus hojas escribe,
Y sin que Cigno con la muerte luce,
Aqui se oye que canta
El mal, que con el llanto no remedia,
Y en silencio eloquente, culta rima,
Con que uno el mal espanta,
Otro el dolor consuela,
Yerba no sale al fin, arbol no vive,
Fiera, ó bruto no corre, ave no buela,
Donde entendida una alma no se escuche,
Donde un amor oculto nó se exprima.
Junto pues de aquel ultimo horizonte
Razga a un verde peñasco las entrañas
Con folloços de aljofar una fuente,
Vibora no de plata,
Bien que undosa serpiente
En torcidos destroços se desata,
Niña si de los ojos de aquel monte,
Cuyas verdes pestañas
Ribetis son hermosos,
Matizes olorosos,
De quanto es gala al valle floreciente.
Tan tierna, y tan ardiente
Bien que cada jasmín, cada narciso,
Procure a siglos atajar su estruendo

Que muestra cada instante
Que embuelta en fixas de cambray fragrante
Viene como naciendo,
Por cuya causa Flora
Viendo en cunas de rosas, y affucenas
Quan dulcemente gime,
Quan tiernamente llora,
Sus gemidos, y lagrimas no oprime,
Ya con los ceños asperos de un risco,
De aquel monte obelisco,
Antes le ofrece alegre, y lisonjera,
Por merecer su agrado,
Las varias telas, que bordó la Aurora,
Despues que siendo bastidor del prado
Sus quadros dibuxó la Primavera.
Aqui pues en sus margenes armenas,
Entonces se halla para el orbe humana
Essa diosa, essa estrellita,
Que entre las diosas casta, y soberana
El aureo pomo obtuvo por más bella,
Quando a sus brazos se arrojó Cupido,
Y apenas se vió unido
A tan dulces cadenas,
Quando preso en tan dulce travessura
Oyó un ay en solloçar prolijo:
Donde vienes le dixo,

86 *Epithalamio del hymeneo*

Donde , fingido Apeles ,
Pues que tu engaño como quiere pinta
En la del alma lamina mas pura
El gusto , y la hermosura ,
Siendo tu sangre tinta ,
Y tus plumas pinceles ,
Donde dizes , que vienes ?
Si me has dado de mano
Con tan varios desdenes ,
Sin duda prezo dessa peña esquivada
Quando en tu ausencia , y soledad severa
A nó pintarte en sombras
En tenieblas muriera ,
Que no me quiso tu rigor tyrano
En copias a lo vivo ,
Pues me tienes ha tanto en un desierto ,
Toda de color muerto ,
Y tanto de ti mismo te retratas ,
Que a quien de cerca vida tuya nombras
Con tantos lexos matas ,
Por ventura essa saña , que se espera
De tus armas imperio ,
Para tu triunfo , ó palma
Soplan el fuego a un coraçon de cera ;
Quitán la vida a quien te ha dado el alma.
Nó es ya despojo tuyo esse hemisferio ,

Nó arrastraste triunfante
Las armas del Tonante ,
Y las vanderas de aquel Dios invicto ,
Con que la tierra en su mayor conflicto
Con que el Olimpo en su mayor victoria
Se hizo a la fama grito ,
Se vió del cielo gloria ,
No erigen los trofeos ciento a ciento
Tierra , mar , fuego , y viento !

Como pues tanta herida
Solo contra una vida ?
Como asalto tan fuerte
Para solo una muerte ?

Madre hermosa respõde , a quien mi estrella
Me conduze obediente , y nó atrevido ,
Y a quien del alma la menor centella
Muestra el amor, con que pague tu olvido.
A la presencia de tus ojos bella
Más tu honor , que tu agravio me ha trahido ,
Pues de mi pecho excede en ascuas mudas ,
Mi halago tu rigor , mi fé tus dudas.

El mayor timbre , y la mayor corona
Que con mis armas a tu imperio uniste
Oy te ofrece la fanta , que blasona
De aquellas alas , que a mis plumas diste ;
Y tan fino Fileno se eslabona

En las cadenas donde amante asiste,
Que juzga aborto en este incendio mudo
Gloria el estrago, y libertad el nudo.

Nó de prostrar de Febo la insolencia,
Nó de pisar de Alcides la arrogancia
Se prueba de mis armas la vehemencia,
Se admira de mis furias la importancia;
Si por vencer la ufana resistencia,
Si por rendir la iatrepida jactancia,
De un joven, que del alma entre las lides
Quiso cegarme Febo, herirme Alcides.

Ramo de un tronco excelsó, y soberano,
De España adorno pululó Fileno,
Pimpollo ilustre al Reyno Lusitano:
Antes que en flor, de sabios frutos lleno;
Tan alto cedro en su primer verano,
Flor tan crecida en su candor ameno,
Que siendo honor de Abril, pasmo de Flora,
Muchos siglos lustrava en cada Aurora.

Todo un Reyno le ha sido estrecha cuna,
Todo un mundo por patria se le inclina,
Minerva aun oy se jacta de su alumna,
Juno se precia aun oy de su Lucina:
Su merito nó cabe en la fortuna,
Su discrecion los Astros predomina,
Tanto, que oy empobrece en prendas tales

Su voz la fama, el premio a sus caudales.

Fueron de sus mas verdes primaveras
Chiron las gracias, y las Musas Floras,
Con que las luzes de su edad primeras
Hizo zenit de Apollo sus Auroras,
Siendo ya sus metáforas las fieras,
Mas nunca sus parenthesis las horas;
Con discreta, y gallarda bisarria
Era Febo a la noche, y Marte al dia.

Talvez para que el ocio se presume
Hidalga ocupacion, dá sin socio
Para guerra de viento armas de pluma,
Contra plumas del ayre alas de fuego.
Talvez por argentar de ardiente espuma,
Del giricete el feroz desafocio,
Haze que en corbo, rapido donayre,
Sus manos befe el Sol, sus pies el ayre.

Quanto del Tibre plateó la arena,
Quanto el Pactolo en sus campañas dora,
Quanto abraça en sus circulos el Sena,
Quanto en su imperio el Tamesi atesora,
Siendo a sus ojos, y discursó scena,
Theatro es ya de quien aprende aora
Su valor Anglia, sus caprichos Galia,
Sus fastos Roma, su prudencia Italia.

Este, que por su honor, y su portento

Tamefi, y Sena vió, Pactolo, y Tibre,
 Si con mil flechas se implumava esento,
 Con mil cadenas se adornava libre,
 Bien que a su orgullo passadores ciento
 Cada pestaña de sus ojos vibre,
 Destos, y aquellos me dexó su olvido
 Gastado el oro, el plomo derretido.

Mas tanto que a la muerte llegó el plago,
 Con que encargarme de sus armas pudo,
 Cayó Fileno víctima del laço,
 Rendido al golpe deste arpon agudo.
 En este al alma ya dulce embaraço
 Muere tan fino en holocausto mudo,
 Que es fuerza al fin, que con discreto aviso
 Quiera morir, porque a matar nó quiso.

Tiempo fue no me olvido, en que su agrado
 Fuesse del alma gusto, ó fuesse estrella,
 Sintio de un hierro por cruel dorado
 Dulces peligros de la edad mas bella;
 Mas si en el auge de aquel Sol nublado
 Lo que rayo nació, murio ceniciella,
 Quien dirá que amor fue, si tan confuso
 Un Sol en cada lagrima se puso.

Del celeste Leon, Cinthio luziente
 Con furia intensa, y colera abrasada
 Rayava ya la coronada frente,

Sinó la piel de estrellas mosqueada,
 Ya de Luso al Dragon con saña ardiente
 El Hiberio Leon via postrada,
 De sus garras la fuerza, y con su injuria
 Deshecho el ayre en fuego, el campo en furia.

Quando embuelto Fileno en la pelea,
 Que le hizo el alma una interior pintura,
 Amaneció suspiro de una idea,
 Lo que aun sombra no fue de una hermosura;
 De fuerte al gusto el coraçon emplea
 Entre las llamas, que el objeto apura,
 Que aun oy son (de que el Etna se eterniza)
 Gemidos humo, y lagrimas ceniza.

Sin ojos, nó sin luz, ni aun el conceto
 Pudo formar compuesto tan precioso
 En Lysis, que excediendo lo perfecto
 Nació flor de lo illustre, y de lo hermoso;
 Oraculo tan summo en lo discreto,
 Idolo en la beldad tan milagroso,
 Que dudo, qual mayor idolatria
 La voluntad, ó la razon devia.

Tan fina el alma a su atracion se entrega,
 Que el gusto siente en decorosa duda
 Vanagloriarse la razon de ciega,
 Y hazer la fé la ostentacion de muda.
 Mas de tal modo en mar de luz se anega

Quando en sus vendas toda el alma muda,
Que pienso, que en sus víctimas, y ofrendas
Fueron las sombras luz, ojos las vendas.

Ufano de rendirse al fin parece,
Que mas, que de otro bien vanaglorioso,
Quanto a caricias de galan se ofrece,
A los respectos consagró de esposo.
De quanto ilustra el Sol, y el mar guarnece
Se aplaude tanto el hymeneo hermoso,
Que en gloria nó vulgar se ha descubierto
Commun el bien de un singular acierto.

Febo nó de su estadio luminoso
Bolviendo al dia a coronar la frente,
Nó del docel nocturno, y tenebroso
Ojó otra vez el humido Planeta,
Sin que el triunfo esplendido, y famoso
Coja sus palios el mejor atleta,
Que en las guerras de amor tan noble, y ciego
Siente en golfos de nieve un mar de fuego.

Dixo, y las sombras con cargados ceños
Dexando triste el Sol, palido el dia,
Hizo turbar, y huir sus esplendores
Con tanta obscuridad, que en los peñascos
Del occaso mas lobrego parece
Que al fin sin lumbre de pavor muria;
Pues quando menos crece

Aquel

Aquel confuso Océano de horrores,
A nocturnos grañidos
Entre eccos desmayados
Quedan muertas las flores,
Los valles sumergidos,
Los montes erizados,
Mas desmentida su tristeza obscura
De aquel mar de hermosura
A quien ama Cithera,
Y a quien Pafos venera,
Depuso el negro adorno,
Y entre luzes ardientes
Que vidrieras varias
Fueron, sinó crepusculos lucientes,
Con brillante soborno
El pueblo se pobló de luminarias,
Y antes que el tardo Arturo
Rompiendo el manto de su niebla obscuro
Los indistintos rayos manifieste,
Libre ya de su densa pesadumbre,
Su corona Ariadna
Ofentó soberana,
Y esse pabon celeste
De sus ojos la cumbre,
Las Hyadas, las Pleadas llorosas,
Viendo tambien del polo de Calisto

El

El resplandor bien quisto
Rieron luminosas,
Con esse amor al fin restituido
Al palacio amoroso,
Despues que se abrafaron las caricias,
Banquete la ofrecieron repetido
La ostentacion, el fausto, y las delicias.
No fueron plato de su pompa summa
Quantos sin intervalo
De lo que tierra, viento, y mar derrama
Son de cerdas regalo,
Nectares son de escama,
O sainetes de pluma
Nó quanto en sus Hesperides Pomona
Hermosea, y sazona;
Menos de Baccho, y Ceres
Blancos, y rubios mares;
Tan poco del amante de Euridice
La dulçura malquista
Despues que con ingenios no vulgares,
Se acreditó la America felice.
Si, pero los placeres,
Con que en gustos mayores
El hallasgo se hizo mil sabores,
Mil delicias la vista,
Y el gusto mil manjares

A sedientos enojos
Sobre un dulce recreo
Dieron del alma en bucaro a los ojos
Btfa ambrosia suave ,
Con que llorar de gusto el amor sabe.
Sirvió siempre al asseo,
Y a la galantaria
Sin parar la lisonja , ni el deseo
En lo que uno quitava , otro ponía.
Acabadas las mesas ,
Si bien que de sentido
Quiso la diversion , que sin jactancia
Hablasse la eloquencia ,
Mas como la ignorancia
El lugar , que mudava la advertencia
Sus quimeras hazia
El engaño , y reia
De ver como el melindre , y la hermosura
Hallando en cada passo una centella ,
Con ruidosa eficacia
Eran invencion pura ,
Alguna vez con gracia ,
Pero muchas sin ella ,
Blasonan el contento , y la alegria ,
Cantó la leviandad , más que el contento ,
Dancó lá cortesia ,

Represento con pompas de razones
 El encarecimiento
 Mil solemnnes ficciones,
 El placer muy de fiesta
 De buen humor anduvo,
 Solo a todo se estuvo
 Mudo el merecimiento,
 Y la razon modesta;
 Los sustos, y rezelos
 N6 osaron parecer, pero acecharon
 Por quantos hizo la sospecha zelos
 De un quarto, en que la quexa con la embidia
 A murmurar de todos se encerraron,
 Pero la diosa Gnidia,
 Que del Artico polo las estrellas
 Vi6 coronarse de sus guardas bellas,
 Mand6 al Silencio desplegar las alas
 Por las festivas salas,
 Y la Quietud a recoger tocando
 Por las quadras, y giros,
 Al Amor le llevaron las venturas
 Para el thalamo blando,
 Pasmandose de ver subitamente
 Que apenas razonaba
 A los eccos sin voz de unos suspiros,
 Un follogar doliente

De magoas, y saudades; que llorava
 Una firmeza ausente
 Luego se desnudaron las finezas,
 Y al irse los extremos despedidos,
 Dex6 que le acetassen las ternezas,
 Mas como ojos dormidos
 En una paz del merito enemiga
 Sienten mayor la guerra del rezelo,
 N6 hallando la fatiga
 En olvidos agrado,
 Y en descangos victoria,
 Fue su sueño el desvelo,
 Su alivio la memoria,
 Su sociego el cuidado,
 Hasta que despertando alegre el alva
 Por oyr en sus ultimos retiros
 Del ruyñenor la salva,
 Para que el dia más alegre buelva
 El mar vesti6 de espejos más radiantes,
 De purpuras la selva,
 Las nubes de topazios, y zafiros,
 Y el ayre de diamantes;
 Apenas pues con su candor dorado
 De vestigios nocturnos, que venciera
 N6 dexando vestigios por la esfera,
 Parecio Cielo el prado,

Y el cielo Primavera;
 Quando de aquellos montes peregrinos
 A sus brazos benignos
 Llegaron con suavísimos affetos
 Cupidillos discretos,
 De la razon Sirenas,
 Que son en la de amor mas leve calma
 Alma de los concetos,
 Circes del gusto; y remoras del alma;
 Luego Aglaya, y Thalia
 Y las demás deidades,
 Que en las del campo flores,
 Y en las del Tajo arenas,
 Honran sus entendidas soledades,
 Sin que para lo culto de aquel dia
 Perdonasse a Amalthea
 De los valles Napea,
 Y del bosque Hamadria.
 Junto pues este exercito luziente
 Propuso amor de Lyfes, y Fileno,
 El hymeneo illustre,
 En cuyo laço de las Gracias lleno
 Más a la embidia aprieta, que desmiente
 Un bien, que quiere amor, que nó se frustre,
 Luego ocupando con clarines ciento
 Esta deidad, que plumas mil tremola,

Y se apea en la tierra el firmamento,
 No bien el epiciclo coronaron
 Donde Venus, y amor se prevenian
 Para el más alto triunfo, que alcanzaron;
 Quando en carroça de cristal ardiente,
 Que globo parecia de diamantes,
 Vieron Fileno, y Lyfes, que vencian
 Lustrando al ayre el matizado ambiente.
 Del lindo mar en la dorada espuma
 Menos hermoso el Sol Fenis renasce,
 Despues que en parda bruma
 Tempestuosa la noche
 Las ondas bosques de tinieblas haze;
 Nò tan bello se ostenta
 En los erarios del jardin Aonio,
 Y en las puericias del Abril fragante
 Esta purpurea afrenta
 Del nacar Tirio, y rosicler Sidonio,
 Quando de la deidad menos modesta,
 Que a la tarde madruga,
 Ya la Aurora se acuesta,
 En copas de rubies,
 Y quando entre sendales carmesies
 Del Alva en los aljofares se enxuga,
 Que Lyfes Sol de aquel alegre occaso,
 Flor de aquellos pensiles,

100 *Epithalamio del hymeneo*

Pues en sus arreboles
Se via a cada passo
La beldad toda soles,
Y la edad toda Abriles,
Donde en espacio breve
Consideraron quantos
Vieron en tan esplendidos despojos
Vencidos los espantos,
Y suspensos los ojos,
Que si nó era en floridos esplendores
Jardin de luz, ó luminar de nieve;
O' flor de rayos era, ó Sol de flores.
Fileno parecia, mas pueden
Dizir las elegancias, si las vistas
Los discursos exceden,
En su comparacion fabulas fueron
De la idea malquistas
Los Narcisos, Adonis, y Jacintos;
Que a la gentilidad affombro dieron
Para ser de su voz, quando no extremo,
Extremidad sonora,
Ecco a Narciso amante nó escuchara,
De Adonis se olvidara,
Esta deidad, que el Reyno Ciprio adora
Si a Fileno mirara,
Si su presencia viera

El luminar supremo

Ya ciego en tantos bellos labirintos

Por tal diamante mil jacintos diera,

Al fin dós fin par tan singulares

Fueron encanto hermoso

Del congreso amoroso,

Y con razon de todos a millares

Oyendo parabienes,

De laureles, y palma

Coronaron las sienes.

Al templo pues pomposamente altivo

Del alegre hymeneo caminaron,

Y ya triunfo empezaron

Las Gracias, y las Ninfas,

Y con plectro festivo

De esta fuerte cantaron,

Suspendiendo su musica las almas.

Las Gracias.

COrred almas felices

Al arbol de Hymeneo venturoso;

Donde tantas raizes

Heche el amor en cada fruto hermoso,

Que sean de otra tantas

Las hojas troncos, y las flores plantas,

De sus aureas arenas
 Tantas el Tajo os feude enriquecido,
 Que arrastrando cadenas
 De esse metal, que suelta bien prendido,
 Sayais dichosamente
 Dueñosa quien más sirva en su corriente
 De los sceptros de Lusó,
 Assi gozeis el mismo soberano,
 Que entre el Babel confuso
 Del rumor palaciego, y cortesano,
 Las lenguas una a una
 Honren con vuestro applauso la fortuna.

Las Ninfas.

LAs mas hermosas deidades
 Que el Tajo en sus ondas vé,
 Porque más que de zafir
 De crystal las quiso hazer.

A las bodas de Fileno
 Salen con pompa cortes,
 Porque le miran gozar
 Lo que nó osó merecer.

Verse embidiosas de Lyfes
 Cortesana offensa es,
 Pues lo que a Lyfes embidia

A Fileno és parabien.

Corriendo al verse corridas
Yà lo festejan, porque
Del color, que és mas costoso
Hazen gala de esta vez.

Todas de Lyfes repiten
Que les parece muy bien,
Y aora en esso han mostrado
Que tienen buen parecer.

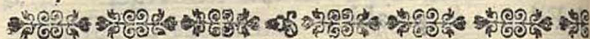
De tan nueva maravilla
Essas flores, que oy la ven
Por quererse eternizar
Solicitan aprender.

De Fileno nó se admiran
Pues lo más, que luze en el,
Para ser prenda de Lyfes
Deuda de los hados fue.

Como todo hay en sus partes
Juran, que no hay por su fé
En el más que desear,
Ni en ella más que querer.

Estribillo.

D El dia que se aulen ta
Corran todos a veer
El gusto más galan,
Y el más bello desden,



SONETOS

Do mesmo Author Anonymo.

ASSUMPTO ACADEMICO

Si los favores de Nise eran concedidos de gracia, ó de justicia al amor de Fabio.

SONETO.

NO tiene, ó Fabio, en la sublime esfera
 De Nise imperio el dios más atrevido;
 Antes confieſſa a ſu deidad rendido,
 Que por ſu esclavo el orbe le venera:
Y aſſi el favor, que nunca conſiguiera
 De ſu poder tu merito entendido,
 Siempre de gracia fuera concedido,
 Bien que alcançado de justicia fuera:
No pues ingrato a la beldad mas pura
 Offendas, convirtiendo tu dureza
 La dicha en daño, el merito en locura:
Porque ſerá de un ciego amor baxeza
 Igualando el agravio a la ventura,
 Medir la ingratitud con la fineza.

Havia

HAVIA DADO NISE SU RE-
trato a Fabio , y hallandole dor-
mido se le quitó.

SONETO.

F Abio , nó fue castigo , ni aspereza
Robarte Nise en sombras su hermosura ,
Fue quitar un agravio a tu cordura,
Escusando un desprecio a su belleza.
Quien viendote de un sueño en la tibieza
Te paga el robo en tan dichosa usura ,
Hasta del mal te puede hazer ventura ,
Pues del rigor te supo hazer fineza.
Todo el tiempo , que hurráras al retrato ,
Su deidad offendieras sin lo cuerdo ,
Su favor agraviaras con lo ingrato :
Y assi dos vezes te obligó su acuerdo :
Una , pues se redime a un desacato :
Otra , pues te desculpa un desacuerdo.



A UN DESMAYO.

SONETO.

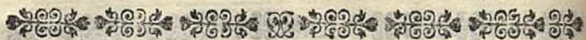
Sol, que en funesto affombro desmayado
 Estais en vuestra Aurora anohecido,
 Que esfera os tiene en nubes escondido,
 O que Planeta en sombras eclipsado?
 Si al occaso esse oriente haveis mudado,
 Y en nubes vuestros rayos se han mentido;
 Para nube os desmiente lo luzido,
 Para Sol os deslustra lo nublado.
 Sin duda, ó Sol, del llanto en las centellas
 Haveis querido hazer con pompa obscura
 Las luzes tristes, y las sombras bellas:
 Para que sea en perfeccion mas pura
 Cada luz un eclipse a las estrellas,
 Cada sombra un affombro a la hermosura.



A HUM RETRATO DE FILIS
 ao natural.

SONETO.

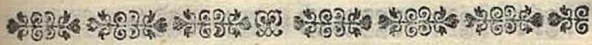
Divino furto, em que a mayor destreza
 Industria foy de Apelles peregrina,
 Se a furtos da arte copia sois divina,
 Que foreis sendo furto á natureza?
 Se junto a vós he sombra outra belleza,
 Se o mesmo Sol seu sol vos imagina,
 E ainda de Filis sombra sois indina,
 Que luz he copia a tanta gentileza?
 Ao longe vos deitaraõ, prenda amada,
 Huns longes tristes desta ausencia esquiva,
 Onde estes pertos de meu bem são nada:
 Porém que importa, ó sombra persuasiva,
 Se em ser de bronze ao natural pintada,
 Mostrais, que nessa imagem sois mais viva.



HAZIENDO MERITO LA
 ofadia.

SONETO.

TAn dulce iman , ó Fili , al pensamiento
 Es de tus ojos el hechizo amado ,
 Que obsequio fue , nó offensa a lo atinado,
 El gusto de un cortez atrevimiento.
 Nó me persuado a que este gusto siento ,
 Sin occulto mysterio de tu agrado ,
 Y esto , que me suaviza en lo adorado ,
 Es un decoro , en que te obligo atento.
 Si pues agravio el atreverme fuera ,
 Ciego el delirio el alma atormentára ;
 Mundo el pesar la vida consumiera.
 Mas es fineza a toda luz tan clara ,
 Que por amar como otro te offendiera ,
 Te obligo con lo que otro te agraviara.


 AOS OLHOS DE FILIS ENFER-
 mos com humas nevoas, e por isso
 ausentes.

S O N E T O.

Formosos olhos, se a essas luzes bellas
 Offendem de hũa nevoa as impiedades,
 Não sofra tanto rayo escuridades,
 Que he officio do Sol desvanecellas.
 Se desculpais fingindo padecellas
 Não querer verme em magoas, e saudades;
 A piedade acredita as divindades,
 E he o rigor deslozimento dellas.
 Se he porque me não mate este cuidado,
 Que desgraça he morrer compadecido,
 Se hei de morrer em vos olhar premiado?
 Olhos, dar-me outra morte haveis querido,
 Pois quereis sobre a dor de lastimado,
 Que morra dessas luzes delvalido.

QUE SU AMOR HA SIDO IM-
perio de los ojos de Filis , mas que
influxo de las estrellas.

SONETO.

Esta razon , que a enloquecer me induxo,
Este delirio , que atinar me esfuerça ,
Fue de unos ojos soberana fuerça ,
No de los astros poderoso influxo.
Tan dulcemente el alma me reduxo
Al cautiverio , en que a morir me fuerça ,
Que no es possible , que esta fé se tuerça
Mientras durare al alma su dibuxo.
Ostenten pues los astros sus enojos
En otra voluntad , porque sus huellas
No podrán blasonar con mis despojos :
Que es , Filis , offender tus luzes bellas
Negar las eficacias de tus ojos ,
Por fingir un imperio a las estrellas.

AO LOUREIRO DE JOÃO DE
Saldanha de Sousa, que está com as
raizes fóra da terra sobre huma
fonte.

S O N E T O.

Porque inda em tronco Apollo nũa intête
Ter de alcãçarte, ó Daphne, hũa esperãça,
Desprezando da terra a segurança,
Escolheste o solar dessa corrente.
Aqui fugindo á terra, ao ar pendente,
Mudando o ser, não mudas a esquivança;
E o Sol, que outra te vio pela mudança
Te achou mais nas mudanças persistente.
Se aqui te busca algum reflexo amante,
Esse crystal te pinta tanto ao vivo,
Que inda nas sombras te retrata errante:
Pois mostras nesse espelho successivo,
Que por ser sempre estavel no inconstante,
Firme sómente estás no fugitivo.

EM HUM CERTAME QUE SE
 fez ao Padre Joáo de Almeida da Cõ-
 panhia de JESUS, que morreo no
 Rio de Janeyro com opiniaõ
 de Santo.

SONETO.

FLor herida del Iris nõ tan pura
 Fragrancias respiró, nõ prevenido
 Ansi de armiõo el candido vestido
 Casto guardó a la muerte su blancura.
 Como suave ya tu exemplo apura,
 Como tu virtud bella ha defendido,
 Aquel con buen olor siempre florido,
 Esta nunca con mancha en la hermosura.
 Si pues de tu virtud tu exemplo alterna
 Triunfos al olor tanto, a tanto aliõo,
 Que gloria ha de faltar, que luz superna?
 Gosala pues que Dios te haze el cariõo
 Deste jardin de estrellas flor eterna,
 Deste campo de luz celeste armiõo.

POR FIA EN UAMAR.

SONETO.

Filis, que han de importar los desengaños,
 A quien tiene su emienda en la porfia,
 Si a ninguna excepcion el alma fia
 Las cadenas, que arrastra á tantos años?
 Dexame en la ilusion de mis engaños
 No crer siempre, que mi suerte es mia,
 Que es mucho, que mi propria fantasia
 Se arme en mi contra mi para mis daños.
 Filis, destino ha sido esta locura,
 Matarme no es librarme del tormento,
 Mayor gloria es vencer mi desventura.
 Y si no offende un puro pensamiento,
 Es impiedad quitarme tu hermosura
 Al mismo tiempo, que adorarla intento.



R U I N A S.

S O N E T O.

E Dificio del tiempo destruido,
 Sin duda, que la suerte hemos trocado,
 Vós de un triste caher eternizado,
 Yo de un loco subir desvanecido.
 Vós desse mismo horror de haver cahido
 El no poder caher haveis sacado,
 Yo siempre en mis temores despeñado,
 Jusgo mi mal el bien de haver subido.
 Oh novedades de mi amor perjuras,
 Que me enseñan estragos vuestras dichas,
 Quando mis glorias se hazen desventuras!
 Porque mas sienta en las fortunas dichas
 Ver de un mal, que senti, tantas venturas,
 Llorar de un bien, que amè, tãtas desdichas

R U I N A S.

S O N E T O.

E Stas ruinas donde el alma , ó Licio ,
 Llora las que mis penas afiguran ,
 Para el nombre immortal , que le procuran ,
 En su estrago fabrican su edificio.
 Mientras fue su sobervia ufano indicio
 De su altivez , temieron lo que apuran ;
 Y oy tanto en sus ruinas se aseguran ,
 Que parece ambicion su precipicio.
 Porque a los ojos fuesen sus tristezas
 Demás espanto , y de memorias dinas ,
 Cayeron entre aquellas asperezas :
 Si pues , Licio , a discursos te destinás ,
 Que havemos de estrañar en las grandezas ,
 Si hallamos vanidad en las ruinas .

DUDAS DE DECLARARSE.

SONETO.

Filis, no se que tiene tu hermosura,
 Que siempre que la miro la apetesco,
 Delvanecido dicen, que enloquesco,
 Mas quando fué tan cuerda la locura?
 Que es simpatia, el alma me asegura,
 Esta atracion, a quien la vida offresco;
 Mas si ser sombra tuya aun no merezco,
 Quen hizo semejança esta ventura?
 Pero que razon tienen mis desmayos,
 Si el Sol se disfoncea al rendimento
 De una flor, q̄ es desprecio a muchos Mayos.
 Nó pues se turbe el alma, que en mi intento
 Ser gyrasol, ó Filis de tus rayos
 Es mas adoracion, que atrevimiento.

FAZENDO RAZAM DO ATREVIMENTO.

SONETO.


Filis, se foy o amor merecimento,
 E o vir a merecer ser venturoso,
 A mesma adoraçã me faz ditolo,
 Por mais que hoje não queira o sentimento.
 Que haõ de avizarme as sombras do escarmeto
 Se o merito me alenta generoso,
 E a ambiçã de perigo taõ formoso
 Já tem feito vangloria o meu tormento.
 Direis, Filis, que he crime o meu cuidado,
 Pois impossivel tanto espero, e sigo,
 E offende as divindades o esperado.
 Mas como ha de assombrarme este perigo,
 Se acho na culpa acerto de atinado,
 E os ditolos me invejaõ o castigo.



DUDAS DE DECLARARSE.

SONETO.

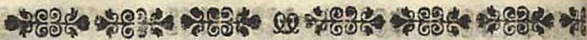
Cómo en la mar se vè dudosa nave
 Del Boreas , y del Austro combatida ,
 Errar confusa , y vacilar perdida
 Como que mal en agua , y cielo cabe.
 O' como arbol , que al Zefiro suave
 Era verde lisonja perfumida ,
 Que herido de segur en la cahida
 Mal a la parte , que se inclina, sabe.
Luchando con el mar de mi tormento ,
 Contrastado de amantes paraxismos ,
 Ya digo el mal , ya callo el sentimiento.
Tan çoçobrado en mis incendios mismos ,
 Que juntando un suspiro a un desaliento,
 Mido en un punto el cielo , y los abismos.



 SALIENDO FILIS DE NOCHE
 al campo.

SONETO.

Libre el cabello, el talle bien prendido
 Filis, esse peligro idolatrado,
 Salió de noche a amanecer al prado,
 Quien vió de noche el Sol amanecido!
 Su pie, que al alma en dulce riesgo ha sido
 De un negro dixé escrupulo nevado,
 Ya de las tiernas flores abraçado,
 Nuevos Abriles dexa a lo corrido.
 Pero razon fué mucha en tola un hora
 Sacar tanta luziente monarchia,
 Y dar tanto florido imperio a Flora.
 Para que viesse el mundo que podia
 Dar con un pie triunfos a la Aurora,
 Vencer de noche a la deidad del dia.



BORRASCAS DEL AMOR.

SONETO.

EL aire ronco, el mar embravecido,
 Triste el Sol, pardo el cielo, obscuro el día,
 Sin norte, sin timon, sin luz, sin guía,
 Syrtes toco, ondas lucho, esferas mido.
 Naufraga la razon, ciego el sentido
 A mucho golfo poco leño fia,
 Donde el cuidado haziendose porfia
 Rocas busco, el mar dexo, el puerto olvido.
 Roto el fragil baxel de la esperança,
 Hecho cáos el juizio confidero,
 Tempestad el remedio, el mal bonança.
 Oh ciega confusion, pues quando espero
 Besar libre la playa, a una mudança
 Fuego surco, ardo en agua, en aire muero!

A UNA AUSENCIA.

SONETO.

INCultos bosques, ásperos desiertos,
 Que de ambicion mortal vivis seguros,
 Sin que forçados vuestros troncos duros
 Vaguen del mar por la region inciertos.
 Felices vós, que unidos, y encubiertos
 Los néctares bebeis del Alva puros!
 Y de las aves entre verdes muros
 Tantos ois suaves desiertos.
 Felices vós, que en estas soledades
 Vivis con la voz pura de una fuente,
 Enseñando a la corte las verdades!
 Mas ay de un coraçon que adora ausente,
 Pues muerto al gusto, y vivo a las saudades,
 Destierros ime, y divisiones siente.



MANDAN DOSE UN RELOX
de movimiento en una ausencia.

S O N E T O.

(noras
Que importa, ó Laura, pues mi amor ig.
 Que este relox, q̄ a mi cuidado embias,
 La mudança me apunte de los dias,
 Si la igualdad me cuenta de las horas,
 Muestre su movimiento a las Auroras
 Quan varias son; que las firmezas mias
 Nunca podran hurtarse a las porfias,
 Que ha tanto son a tu deidad deudoras.
 Si pues firme en su proprio movimiento
 Mide un relox con tan igual decoro
 Un hora, un punto, un atomo, un momento:
 Que importa, ó Laura, que este mal que lloro,
 Te diga en las mudanças, que me ausento,
 Si muestra en las firmezas, que te adoro?



A FIL IS POR NAM HAVER
 correspondido amante a quem a
 pertendia solícito.

S O N E T O.

F Ilis , morrer de mal correspondido
 Não desmente a razão de meu cuidado ,
 Antes na semrazão de desgraçado
 Acredito a fineza de sofrido.
 Se o merito padece desvalido ,
 Tambem fica na pena acreditado ,
 Pois luz nas experiencias de apurado
 Mais do que nas venturas de admittido.
 Mostrevos mais, que a lastima , a fineza ,
 Que estou pago no meu merecimento ,
 Se mereço matarme essa belleza :
 Pois sei , que a dor mayor do meu tormento
 He sentir deste amor tal a grandeza ,
 Que parece impossivel darlhe augmento.



AMOR NO ES INFLUXO.

SONETO.

Dizen que mi desdicha estrella ha sido,
 Bien podra ser, q̄ ay astros desdichados,
 Però no era desdicha en mis cuidados
 Ver sobre las estrellas lo sentido.
 Mas si al alma no fuerça lo influido,
 Que es libre el alvedrio, en que los hados
 Podrán ciegos quitarme los agrados
 De haver yo mis fortunas elegido?
 De mi mal no es estrella la porfia,
 Que antes estrella infausta pudo hazella
 Siempre que fuere en los influxos mia;
 Y es embidia de un mal, que me atropella,
 Desluzir de un amor la idolatria,
 Por honrar el influxo de una estrella.

LAGRIMAS.

SONETO.

Detened en los ojos la ternura,
 Lagrimas, no con todo os vais saliendo,
 Que de irme el alma en mares deshaziendo
 Cada raudal del coracon mummura
 Si este dolor del merito es usura,
 Porque acabarle pertendeis corriendo?
 Si ni me alivia un llanto, en q̄ me inciando,
 Ni me abona un dolor, que se apreslura,
 De espacio pues con tanto arrojamiento,
 Que hurtais a vuestro merito el motivo,
 Dando esta prissa vuestro sentimiento.
 Y como el alma en vuestra copia escrivo,
 Si durais mucho, abono lo que siento,
 Si acabais presto, agravio lo que vivo.



SONETO.

D Espierta el Alba en talamo de rosa,
 Y bordando de perlas sus candores,
 En risa trueca de las varias flores
 El llanto de la noche tenebrosa.
 Luego en pompa de rayos luminosa
 Se ostenta el Sol Monarcha de esplendores,
 Hasta que declinando sus ardores
 Sepultra en feo horror su luz hermosa.
 En fin todo es mudança, y movimiento;
 Yo solo firme en la tristeza mia
 Ardo, lloro, suspiro, sufro, y siento.
 Porque es tal la razon desta porfia,
 Que haziendose locura el escarmiento,
 Gimo a la noche lo que peno al dia.

AO DOUTOR JOAÕ MEDEIROS

Correa no seu Perfeito Soldado confi-
derando as palavras de Justiniano: *Im-
peratoriam Maiestatem non so-
lum armis &c.*

SONETO.

DE armas, e letras doutamente unida
A força, e arte nos promete agora
Pelas letras a espada vencedora,
Pelas armas a penna engrandecida.
Esta gloriosa, aquella não vencida,
Será de eternas palmas acredora,
A mesma fama á espada devedora,
Da mesma inveja a penna encarecida.
Se pois por vós Minerva, e Marte ordena
Que a patria, ó varaõ douto, heroicamente
Luza de armas, e letras illustrada:
Bem he que se equivoque, e que se augmente
Toda a gloria das armas para a penna,
Toda a honra das letras para a espada.

A DOM FRANCISCO DE
Almeida.

SONETO.

FOy tal o affôbro, cõ q̃ a praça encheſtes,
 Bizarro Almeida, o tempo q̃ a pizasteſ,
 Que apenas para os vivas, que levasteſ,
 Lugar nos paſmos aos diſcurſos deſteſ.
 Taõ valente os perigos ſuſpendeſteſ,
 Taõ galhardo a eſperança avantajaſteſ,
 Que a meſma inveja airoſo namoraſteſ,
 E o meſmo applauſo intrepido excedeſteſ.
 Cayaõ pois as eſtatuas, que applaudiraõ
 Tantaſ varoens, que os orbes illuſtraraõ,
 Quando immortal memoria lhe erigiraõ.
 Que he milagre mayor ver que ſe acharaõ
 Voſſas pedras de Imán, quantos vos viraõ,
 E eſtatuas voſſas, quantos vos olharaõ.

A MORTE DE ANDRE DE
Albuquerque.

SONETO.

DA mesma fama o mundo não sabia,
Se era mais neste heroe, q̃ Marte amava,
A fortuna, que o braço acreditava,
Se o valor, que a razão favorecia:
Cada qual pela palma contendia,
E tanto nas vitorias se igualava,
Que se do braço a sorte se queixava,
O valor da fortuna se sentia:
Mas julgando o valor pequena gloria
Prostrar a Hespanha, e não vencer a sorte,
Quem por vencer a morte não repuna.
Mostrou perdendo a vida na victoria,
Sem que triunfasse do valor a morte,
Que era mais o valor, do que a fortuna.

HALLANDO EN LA HERMO-
sura de Filis razones para dexarla.

SONETO.

Filis, si Abril quando se vê triunfante,
Filis, si el Sol, que tantos orbes dora
Muere en su mesma vida a cada un hora,
Y halla su mismo occaso a cada instante;
Desta beldad la primavera errante,
Desse esplendor la mas luziente Aurora,
Porque florida vanidad se ignora,
Porque se duda ephimera brillante?
Pues no mas, Filis, que halla mi congoja,
Que Abril buelve a tener pōpas, q̄ occulta;
Que el Sol buelve a lustrar mundos, q̄ enoja.
Y ver no quiero en flor, y luz tan culta,
Que una edad en su estio te despoja;
Que una muerte en su occaso te sepulta.

A D. JOAM DE CASTRO MA-
tando hum touro com hum rojaõ.

SONETO.

FEroz o impulso, horrenda a caradura,
Bravo o mugido, irada a valentia,
Escarvando esse bruto parecia
Que á praça toda abria a sepultura:
Quando desse trovaõ, que o vento apura,
Fulminante de hum rayo a bizzaria
Por terra poz a intrepida ousadia
Das meyas luas, com que a frente mura.
Do valor forte foy; mas de tal forte,
Que a forte foy valor, Castro bizarro,
Sem fer azar do bruto o darlhe a morte:
Antes se vê, que com feliz desgarrro,
Já no carro da fama está mais forte,
Que esse que foy de Europa amante carro.



AO CAVALLO DO CONDE DO
Sabugal, q̃ fazia grandes curvetas.

S O N E T O.

C Alhardo bruto, teu bizarro alento
Musica he nova, com q̃ aos olhos cantas,
 Pois na harmonia de cadencias tantas
 He clave o freyo, he solfa o movimento:
 Ao compasso da redea, ao instrumento
 Do chaõ, que tocas, quãdo a vista encantas,
 Já baixas grave, e agudo já levantas,
 Onde o pizar he som, e o andar concento:
 Cantaõ teus pés, e teu meneyo pronto,
 Nas fugas, naõ, nas clausulas medido,
 Mil consonancias fórma em cada ponto:
 Pois em saltas airozas suspendido,
 Ergues em cada quebro hum contraponto,
 Fazes em cada passo hum sustenido.

AO CONDE DA TORRE DES-
crevendo em a sua Centuria heroica
as firmezas de Lidio, e inconstan-
cias de Marfiza.

S O N E T O.

P Or vossa penna, ó Conde illustre, rara
Já taõ feliz Marfiza se pondera,
Que hoje em vós por mudavel se venera,
Mais do que antes por firme se louvára:
Ve-se em ser vosso assumpto taõ preclara,
Taõ sublime o discurso a considera,
Que inconstante outra vez Lidio a quizera,
Se outra vez vosso plectro a celebrára.
Por esta causa glorias mais seguras
Buscou contente Lidio entre as tristezas,
E Marfiza atinada entre as loucuras:
Pois de ambos, porque são vossas emprezas,
Fazeis firme a inconstância entre as venturas,
E a desgraça felice entre as firmezas.

A MORTE DA SANHORA IN-
fanta D. Joanna.

SONETO.

NEssa pira funesta, ó peregrino,
Que occaso he triste ao Sol mais sobera.
Defunto vive aquelle excessõ humano, (no,
Onde o mortal foy gloria do divino.
Ambição foy celeste o seu destino,
Pois excedendo ao trono mais ufano,
Neste fatal da vida defengano,
Honrou da injusta Parca o defatino:
Transposta, quando apenas admirada,
Anoiteceo na aurora de hum vida,
E se eclipsou de hum Sol na madrugada:
Mas sendo as luzes tantas, quem duvida,
Se era o viver de muito desejada,
Que o morrer foy de pouco merecida.

DESE.

DESEANDO SALVAR EL AL-
ma de las tempestades del siglo.

SONETO.

EN este golfo de la vida incierto
Corre, Dios mio, temporal la vida,
Huye del puerto el alma estremecida,
Pues no ay sirte mayor, q̄ el mismo puerto.
Sea en las playas pues deste desierto,
Cuya serenidad oy me combida,
Por vós a salvamiento conduzida,
Pues vuestra vida es norte, iman mi acierto,
Librese ya de riesgos, y sirenas
Este baxel, que de las olas roto
Se vê escapado del naufragio apenas:
Sean de vuestras aras, que oy devoto
Besó, sacros trofeos las cadenas,
Un coraçon ofrenda, una alma voto.

DE.



DESENGAÑO LIBRE.

SONETO.

Romped ya las cadenas, desengaño,
 Que forcejan mi loco pensamiento :
 Que haze de la desdicha atrevimiento
 Quien llorando a su mal sigue a su daño.
 Si de mi mal no vivo tan extraño ,
 Que los sentidos pierda el sentimiento ,
 Que importa enamorarme del tormento ,
 Si a los cuerdos tan feo es el engaño ?
 Avise a la razon lo padecido ,
 Y basten las Esfinges , y Sirenas
 Que por mi error me vieron tan perdido.
 Y vós , ó libertad , venced las penas ,
 Que es ya vil servidumbre de un sentido
 Sufrir prisiones , y arrastrar cadenas.

ET PETRÆ SCISSÆ SUNT.

SONETO.

Quebramse as pedras ao final gemido
 Do Author da vida, á morte condenado;
 E as pedras vendo o coração quebrado,
 De coração de pedra he mal sentido.
 De dor se partem com fatal ruído,
 Para que veja o Ceo, que está aflombrado,
 Que tem só por virtude haver tratado
 De apedrejar hum povo endurecido.
 Se pois nas pedras houve esta terneza,
 Quem pedra sobre pedra se persuade,
 Que ha de ficar na mais feliz grandeza?
 Se as pedras com devida atrocidade
 Se devem levantar contra a dureza,
 Com que as fez já de escandalo a maldade.



SAUDADES DE AONIO

Pelo Doutor Antonio Barbosa Bacellar.

I.

A VOZ entre os soluços suspendida,
 Entre os dobrados ays a alma pendente
 Caminha sem receyos na partida
 Aonio, aquelle Aonio, em que sómente
 Para sentir a magoa mais crecida
 Duravaõ privilegios de vivente,
 Formando nelle occulta providencia
 Se a dor theatro, espelho a paciencia.

2.

Para o valle de luzes avarento
 Corria pois com passo cuidadoso,
 Que para render ao sentimento
 Vagares não admitte hum saudoso;
 A impulsos de seu triste pensamento
 Buscava as sombras, porque mais queixoso
 Podesse em tal lugar, pelos horrores
 Medir as magoas e explicar as dores,

He

3.

He inimiga da luz a fauldade ,
Opposta sempre a toda a companhia ,
Que o mal, que tem de morte a qualidade,
De tudo , o que he remedio , se desvia ;
Por isso entregue a tanta enfermidade
Aonio , ao fenecer do claro dia
Para todo empregar-se nos suspiros
Busca no valle as sombras , e os retiros.

4.

Rendido ao tofco pé de hum tronco duro ,
Que de pomposas ramas coroado
Verde docel ministra ao crystal puro ,
Daquelle arroyo, que precipitado
A fuaas plantas chega , porque em muro
Cryfallino agradeça o feuo cuidado,
Aqui larga os registros á corrente ,
E pelos olhos diz o que a alma sente.

5.

A dor , que o peito feuo he communica
O motivo cruel de fuaas magoas ,
A chamma, com que o amor he purifica
O fervoroso affecto em vivas fragoas ,
Tyrannamente lastimado explica ,
Ao coração pedindo turbas agoas ,
Pois fabe que o pesar que na alma mora

Nos

Melhor o persuade quem mais chora.

6

He mais tyranna a dor quando arrebenta
 Em aguas , porque nellas se retrate ,
 Que se no coração cresce a tormenta ,
 He força que em diluvios se desfate ;
 Sendo pois em Aonio tão violenta
 Aquella dor esquiva , que o combate ,
 Por isso em largos rios se deriva
 Pelos olhos aquella dor esquiva.

7

Naõ porque menor seja a sua pena ,
 Mas porque he mais crescida a sua magoa ,
 A tão feros extremos o condena
 O amor, que lhe formou no peito a fragoa ,
 Como author em suas lastimas ordena
 Provar etnas de fogo em olhos de agoa ,
 Que abonaõ quando firmes os pesares
 Chammas no peito , se no resto mares.

8

Geme sentido Aonio , e tanto emprega
 Em seu coração triste o sentimento ,
 Que naõ só com seu pranto o valle rega ,
 Mas tambem com seus ays engrossa o vento ;
 Fazendo com os alentos que despega
 Do seu peito mais duro o sentimento ,

Que

Que he pena a mais cruel achar os meyo
Nos proprios males para os bens alheyo.

9

Porém como saudoso se lamenta ,
Pois são de soledade as suas dores ,
Por isso a pesar seu tanto se augmenta
O tyranno tormento em seus rigores :
São repetidos ays, em que arrebeta
Para elle solitario disfavores ,
Porque faz inimiga a soledade
Converterse o alivio em crueldade.

10

Nas mesmas causas, em que fielmente
Encontra com o remedio outro queixoso ,
Chega a topar penando estranhamente
Caminhos para o damno hum saudoso :
Assim padece Aonio em quanto sente
Da soledade o estado lastimoso ,
Pois o grande rigor dessa tormenta
Em seus ays , e em seus prantos alimenta.

11

Mas são taõ lastimosos os seus prantos ,
E tanto tem seus ays de enternecidos ,
Que ainda no meyo de rigores tantos
Vem a ser do insensivel percebidos :
Piedosos pois o rio , e o tronco a quantos

Seu

Seu coração despede altos gemidos ,
 Mostraõ que no efficaç não são menores
 As suas queixas , do que as suas dores.

12

O tronco duro a forças de seu fado
 Mais que dos fortes ventos sacodido ,
 De seus ays penetrantes magoado ,
 Abranda hum pouco o ser endurecido ,
 E pelo acompanhar naquelle estado
 Os seus troncos iguala ao seu gemido ,
 Que em caso semelhante até a dureza
 Experimenra os golpes da tristeza.

13

O rio, que a pezar de ser taõ claro
 Sabe mostrar nas aguas o que sente ,
 De liquidos crystaes hum pouco avaro
 Com o seu pranto envolve a sua enchente ,
 E embargando com hum sentimento raro
 Os costumados passos á corrente ,
 Escúsa-se ás pensoens de tributario
 Por ser de suas magoas secretario.

14

Ou he que o tronco chega a enternecerse
 Esquecidas as leys de sua dureza ,
 E tambem chega o rio a suspenderse
 Em suas aguas , morta a natureza ;

Para

Para que possa mais enforecerse
A sua soledade em tal empreza ,
E em estado taõ triste a sorte ordena ,
Que até na compaxão se augmente a pena.

15

Miseravel estado , em que a porfia
Para os alivios morto o sensitivo
Rendida huma alma ás mãos da tyrania
Acha até nos remedios o nocivo :
Mas ó de amor tyranna demasia ,
Que entre as magoas turbando o discursivo
Fazes a hum solitario alli sómente
Se represente o bem , onde o mal sente.

16

Destá sorte em sua alma offerecida
Ao violento rigor da soledade
Naõ larga Aonio os prestimos da vida
Quando podera opporse á crueldade :
Só para ser a pena mais sentida
Acha no sensitivo a liberdade ,
Que no augmento das ancias só consiste
De hum saudoso amante a vida triste.

17

He firme Aonio , e ás leys de affectuoso
Vive em suas desgraças taõ rendido ,
Que já naõ sabe mais que lastimoso

Solicitar razoens ao seu gemido :
 Reperindo memorias de laudoso
 Em sua alma retrata o bem perdido ,
 Para que nunca em lastima tao grande
 Ou falte a causa , ou a sua dor se abrande.

18

Porém como he de Nise a formosura
 Aos olhos sepultada , bem que a fama
 Viva sempre a pesar da sombra escura
 A que em seu peito acende tanta chamma :
 Para encarecer bem magoa tao dura
 Naõ bastaõ os ays , e aguas, que derrama ,
 Logo porque a sua dor sua queixa iguale ,
 Desprende as vozes , e suspende o valle.

19

E em fim (começa) mas aqui cortada
 A voz em parte lhe ficou no peito ,
 E em parte na garganta atravessada
 Estorvoulhe os discursos ao conceito :
 Em fim (torna a dizer) mas alterada
 A magoa , a que padece raõ sujeito,
 Torna a detello , até que finalmente
 Cobra alento , e começa novamente.

20

Em fim que morreo Nise , aquelle exemplo
 Da formosura , em cujas perfeicoens

Formando a natureza illustre templo
Consagra a seu poder altos padroens :
He certo que de Nise, em quem contemplo
Taõ puras de immortal as condicoens,
Ergueffe em cinza pouca a breve sorte
Teatros ao pezar , trofeos á morte.

21

O' sorte injusta sempre que pesando
Os discursos da vida em tuas balanças
Para entregar teus pesos vás cortando
Os frutos igualmente , e as esperanças,
E as mais firmes grandezas profanando
Fazes gala sómente de mudanças ,
Em que peccou de Nise a innocencia
Para empregares nella tua insolencia ?

22

Nise , que em discriçaõ , e formosura
Era do mundo o mais precioso ornato ,
E para acreditar acçoens de pura
Da natureza altiva era o retrato :
He possivel tambem que mal segura.
Sentisse as ijujustiças de teu trato ,
Ah sorte , que chegaste em tal crueldade
A perder o respeito á divindade !

23

Logras os teus poderes neste mundo

Sempre com desmedida liberdade ,
 Pois rendendo-o ao sono mais profundo
 Colhes o melhor ser em tenra idade :
 Não vês , ó sorte injusta , que segundo
 As leys bem entendidas da igualdade ,
 Em taes estragos teu rigor nos deixa
 Sem argumentos á dor , razoens á queixa ?

24

Que em Lia , a quem gerou menos lustrola ,
 Empregue a providencia mais cautella ,
 Será satisfação mysteriosa
 Ditpensar mayor vida á menos bella :
 Mas que sendo Raquel a mais formosa
 No caminho a sepulte a sua estrella ,
 Parece injusta ley , que á formosura
 Taõ cedo se anticipe a sepultura.

25

Que a Lua nesse Ceo resplandecente
 Dure a pesar da sombra entre os horrores ,
 Por lhe córar as manchas, que em si sente ,
 Farlheia o seu Author estes favores :
 Porém que sendo o Sol mais excellente
 Não passe além do dia em seus vigores ,
 He grande semrazaõ ser permittida
 A tanto resplandor taõ curta vida,

26

Que no jardim retrato da belleza
A perpetua se atreva á eternidade,
Queria supprir-lhe a natureza
Os desmayos da cor na longa idade:
Mas que ostentando a rosa mais grandeza
Perca morrendo em flor a suavidade,
Por injustiça o tem quem o considera
A tanta ostentaçãõ taõ pouca esfera.

27

Que o rio largo campo entre as boninas
Occupe, quando deixa a mata espeça,
Será, porque das ondas crystallinas
Menos grave o tributo lhe pareça:
Porém que produzindo aguas mais dinas
Adonde nasce a fonte, ahi pereça,
He tyranno rigor, que o ser mais puro
Pague a pensaõ no berço ao fado escuro.

28

Porém que da belleza ao ser mais raro
Se anticipe o sepulcro, e além do dia
Naõ passe astro de luz menos avaro
Que da flor mais pomposa a galhardia,
Logre menos esfera, e que o mais claro
Crystal perca na fonte a alegria
Naõ he muito, mais he, que em Nise unidas

De hum só golpe desmaem tantas vidas,

29

Em Nise de seu rosto , e gentileza ,
 De seus olhos a luz resplandecente ,
 A flor de suas faces , e pureza ,
 De seu nevado collo , e transparente :
 A combates da mais tyranna empreza ,
 A impulsos do rigor mais insolente
 São despojos que agora em pouca terra
 Recolhe a morte , e a sepultura encerra.

30

Mas ay, que não sómente em Nise bella
 Tantas prendas , ó morte, recolheste ,
 Que pois lhe consumiste o ser a ella ,
 Tambem contra o meu ser te enfureceste :
 Quando te armaste só para vencella ,
 Juntamente em minha alma o golpe deste ,
 Que aonde as almas correm a mesma sorte,
 Dous alentos acaba huma só morte.

31

A vehemencias daquelle amor ardente ,
 Que em huma , e outra alma se accendia ,
 Certo he que não vivia em si sómente
 Em Aonio tambem Nise vivia :
 Buscoute pois , ó Nise juntamente ,
 Em mim da morte iniqua a fouce impia

Para de todo assim desanimarte,
Combatendo a tua alma em toda a parte.

32

Porém se te alcançou em mim a morte,
Em quanto aos sentimentos de perderte,
Não he possível que seu golpe forte
Me alcance, quanto ás forças de quererte,
Hey de correr de amante a mesma forte,
Posto que entre os pesares de não verte,
Que quando tem de firme as qualidades,
Sabe viver o amor nas soledades.

33

Mas já que a melhor vida me roubaste
Em Nise amor tecida, ó morte dura,
Porque de todo em fim não me acabaste
O ser, que em minha dor tanto se apura?
Mas ay, que essa he a razão, porque deixaste
Livre em parte o meu ser da sombra escura,
Pois fica hum solitario o sensitivo,
Se morto para o bem, para o mal vivo.

34

Eu vivo, ó Nise bella, mas a parte,
Que em mim logra da vida os exercicios,
He para que empenhada em mais amarte
Satisfaga constante a seus officios:
Vivo, porque minha alma com tal arte

Sinta de tua belleza os precipicios ,
Que igualmente se vejaõ em meus pesares
Trofeos de amor, da magoa os exemplares.

35

Vivo , porque amorosamente triste
Mê condemne ao perpetuo sentimento ,
Que no penar tambem o amor consiste ,
Quando só para a dor dura o alento :
Vivo em fim, porque o ser, q̃ já em mim viste
Alegre , dé materia ao meu tormento ,
De sorte que igual guerra entãõ perdida
Me faça a tua morte , e a minha vida.

36

Se a féra morte em ti, Nise adorada,
A vida te roubou tyrannamente ,
Em mim ficoume a vida reservada
Para entregarme á morte eternamente :
Tua belleza em cinzas defatada
Minha alma enternecida tanto sente ,
Que já se satisfaz em tal estado
Com huma eterna dor o seu cuidado.

37

Mas ay, que para mim só foste escaça
Em me deixar , ó morte , em parte vivo ,
Pois foy quando eclipsaste em Nise a graça ,
Em Aonio o furor menos activo :

Porém

Porém já agora entendo que foy traça
Do fado , que me segue sempre esquivo ,
Ordenou que sem ti, Nise querida,
Sentisse a morte , sem perder a vida.

38

He menos rigorosa a morte , quando
Fulmina em hum só golpe os seus tormentos ;
Porém he mais tyranna a que durando
A hum amante examina os sofrimentos :
Quiz pois minha fortuna , que ficando
Sem ti lograsse , ó Nise , os meus alentos ,
Para que a repetidas tyrannias
Minha morte alcançasse a muitos dias.

39

Se a dor , que te cortou da vida os laços ,
Logo a mim juntamente mos cortára ,
Igualmente com a tua a poucos paços
Huma só morte em mim se executára :
Mas já que agora vivo , chegue a braços
Com mil ancias em lastima tam rara ,
Só porque sacrifique desta sorte
Muitas vidas , ó Nise , a tua morte.

40

E pois que em tua perda , ó bella Nize ,
A sorte tam cruel commigo esteve ,
Que a penas topa em mim , sem que divize

Muitas

Muitas ruínas o discurso leve:

Justo he que minha magoa se eternize,

Porque possaõ a pezar da vida breve

Por industrias de amor tam peregrinas

Caber em minha dor tantas ruínas.

41

Porém se aquellas almas, que constante

Escolheo para hum laço reservadas,

O amor ordena que no mesmo instante

Sejaõ a huma só morte destinadas,

Dezar he, pois que firme as leys de amante

Guarda em seu coração sempre estampadas,

Aonio se conserve inda com vida

Quando já Nise bella a tem perdida.

42

Mas pois que te perdi, ó Nise minha,

Que muito que em mim se achem só dezares,

Porque as ditas, que em ti seguras tinha,

Logo se me trocáraõ por azares:

Minha fortuna he tal, que quando vinha

Cortarte a Parca, em mim para acabares,

Tambem minha alma entaõ lhe consagrava;

Mas não a quiz, porque sem ti ficava.

43

Agora triste sem querer socego

Com as vozes de meu rogo o desafio,

Para

Para que cuidadosa a seu emprego
Execute em minha alma o golpe frio:
Mas valem pouco as aguas, com que rego
Meu rosto, e aquelles ays, em que porfio,
Mostrase dura em fim, só porque eu viva,
E porque viva mais, mais fugitiva.

44

O' tyranno rigor sem piedade,
O' condiçãõ cruel de minha sorte,
Que me falte da morte a crueldade,
Quando para acabarme busco a morte?
He taõ estranha a minha soledade!
Quando sem ti estou, bella consorte,
Que chego a descobrir por modos raros
Até na mesma morte os desamparos.

45

Quando o sentir da morte as tyrannias
He precisa pensãõ do ser humano,
Só de mim, morte dura, te desvias,
Porque em mim o viver só he tyranno:
Mas já entendo que foges aos meus dias
A forças de algum impulso soberano,
Para que as izençoens experimento,
Permittidas em mim sejaõ tormento.

46

Naõ sey a que mais póde em tal successo
Esten.

Estender seus rigores do meu fado ,
 Pois topando com o bem ainda tropeço
 Nos azares de pouco afortunado:
 Os foros de immortal perdem seu prego
 Neste, em que vivo, rigoroso estado ,
 Que em tal caso he melhor a hum solitario
 Renderse ás condigoens de tributario.

47

Porém tenho alcançado que em tua roda
 Trocado o curso tens para comigo
 O' inconstante sorte, pois que toda
 De erros formada corre, quando a sigo:
 Mas conheço tambem que se accõmoda
 Este meu triste estado só comtigo,
 Que pois nelle sem Nise vivo amante ,
 Força he que minha estrella seja errante.

48

Mas como aos olhos teus, ó Nise bella
 Logrei em doce emprego a melhor dita ,
 Não he muito que agora minha estrella
 Taõ veloz em meu dano se repita :
 Injustamente armando se contra ella
 Minha voz, queixas tantas folicita,
 Pois são ensayos para a sorte escura
 Os breves logros da mayor ventura,

Porém

49

Porém se o ter logrado teus favores ,
He mais caminho infallivel para os danos ,
Tambem, ó forte varia , entre os rigores
A efficacia de impulsos soberanos
Promettes succeder aos disfavores
Com as diras a pezar de teus enganos ,
Pois com ligeiro pé tua roda passas
Alternando as venturas com as desgraffas.

50

O pobre navegante, que rendido
Ao arbitrio dos mares inconstantes
Dobrabos ventos sente o alto bramido ,
Sofre o furor das ondas mais possantes ,
Se aqui de mil contrarios combatido
Luta com a triste morte por instantes ,
Ao depois lá no porto com bonança
Cobra certo o penhor de huma esperança.

51

O leve passarinho que no prado
Tambem de amor os movimentos sente ,
Se huma hora tristemente magoado
Prende a seu canto os passos por ausente ,
Entregue em outra hora a mais agrado
Dá liberdade ás vozes docemente ,
E entre os favores da fiel consorte

Os

Os mimos agradece á melhor sorte.

52

O campo, que estendido em verde sala
Variamente recolhe as lindas flores,
Em libré, que o bello esmalte iguala,
Faz apparente alarde de mil cores:
Se a combates do Inverno perde a gala
As flores murchas, secos os verdores,
Logo que aponta a fresca Primavera
Começa a parecer quem dantes era.

53

O Tejo, que por campos dilatados
Em seus puros crystaes o Ceo retrata,
Se quando desses ares condensados
Em diluvios a nuvem se desfata,
Corre menos formoso ao mar turbados
Os cabedaes immensos de sua prata,
Tanto que o Ceo sereno se descobre,
Então torna a cobrar seu preço nobre.

54

Em fim que em todo o estado se repete
Alternada a fortuna nas mudanças,
De maneira que a hum triste se acomete,
Agora com batalhas de esquivanças,
Nessa batalha mesma lhe promere
Restituillo á posse das bonanças,

Mas

Mas sendo assim mudavel para todos ,
Só comigo se empenha de outros modos.

55

Ah sorte tão inconstante , como dura
No discurso veloz de tuas empresas ,
Pois não sómente varia , e mal segura
Com os prazeres alternas as tristezas !
Mas tambem por causar mais desventuras
Chegas a fazer gala das firmezas ,
Diga o o estado triste, em que a porfia
Dura te experimenta qualquer dia.

56

Em chegando a este ponto tão tyranno ,
Em me vendo rendido a tal violencia ,
Tanto com o teu rigor me desengano
Tanto me offende , ó sorte , tua inclemencia,
Que entre desmayos o valor profano
No espirito , estragada a paciencia ,
Pois sendo aqui tão unico o tormento ,
Força he que a dor exceda ao sofrimento.

57

Sofra-se muito embora que á tua graça
Não deva os privilegios de mimoso ,
Ou que nunca de mim se satisfaça
Para perpetuar-me venturoso ;
Mas que sujeito sempre á mor desgraça

Me

Me conserves no estado lastimoso ,
 E que a especial rigor de teus cuidados
 Me faltes com o que alcanção os desgraçados.

58

Que vencida dos mares a aspereza
 O navegante chegue ao porto amado ,
 Que trocada em requebros a tristeza
 Suspenda o passarinho alegre o prado ,
 Que ao campo lhe renasça sua belleza,
 Despedido o Inverno , a seu estado
 O Ceo reduza ao Tejo , e que eu sómento
 Sempre a mesma fortuna experimente !

59

Que politica injusta determina ,
 Que decreto fatal , ó sorte, ordena
 Persistir em meu dano (ay dor indina)
 Aquelle imperio teu , que me condena !
 Cabe em tua razão menos benina ,
 Que me negues cruel em tanta pena
 Os tributos , que pagas inconstante
 A hũ rio, a hũ campo, a hũa ave, a hũ navegãte?

60

Mas ay, que he justa a ley , bem que tyranna,
 Que a dor me perpetúa em tal perdida
 Aquella Parca fera , e deshumana ,
 Que te roubou , ó Nise, a doce vida :

Deo motivos a forte, que profana
A roda em meus azares tão seguida,
Pois faz perdido o bem, que em ti consiste,
Correr a forte minha sempre triste.

61

Corra pois minha sorte por diante,
Estampese em minha alma tanta magoa,
Porque meu coração sempre constante
Ministre á minha dor eterna fragoa:
Em diluvios de fogo o peito amante,
Tristes meus olhos em incendios de agoa,
Paguem, pois que meu fado assim o consente,
Tributos ao pezar eternamente.

62

Deva-se justamente aos mais queixosos
A forças de sua sorte a piedade,
Pois sabe nos successos lastimosos
Rebater com o favor a crueldade:
Porém Aonio, que entre os saudosos
Chora de Nise a eterna enfermidade,
Neguese ao alivio todo, que em tal caso
Sendo tão justa a dor, não admite praso.

63

Em quanto me durar a vida breve
(Se dura a vida em quem vive penando)
As horas meditei do tempo leve

Com

Com os gemidos , que fórho suspirando ,
 E a pena, que em meu mal tanto se atreve,
 Satisfarey com as aguas , que manando
 De meus turbados olhos em dous mares ,
 Dobrem a pensão devida a meus pezares.

64

E pois que a sorte minha assim se empenha
 Tanto em minhas desgraças conjurada ,
 Eu me accomodo já com que não tenha
 Mudanças minha pena tão porfiada:
 Hum dia passe , e outro dia venha ,
 E dure a magoa em mim sempre augmentada,
 Que até no tempo encontraõ a crueldade
 Os males , que repugnaõ á piedade.

65

Neste valle profundo , que em tristeza
 Quer medirse com minha soledade ,
 Neste subido monte , que em dureza
 De minha dor iguala a crueldade ,
 Penando sempre com igual firmeza
 Darey aos ays sómente liberdade ,
 Porque do monte , e valle despedidos
 Outra vez os recebaõ meus ouvidos.

66

Por ventura que impressos em meu peito
 A impulsos do reflexo vehemente

Possaõ nelle empregar aquelle effeito,
Que fora em favor meu, se não consente
Aquella magoa grande, a que sujeito
Vive meu coração constantemente,
Bem poderá em minha alma repetida
Dobrarlhe a pena, ou destruilhe a vida.

67

Mas em quanto da vida o curso triste
Tanto em meu disfavor se continúa,
Nise minha gentil, tu, que subiste,
Rendido o ser caduco á morte crua,
Para os logros da luz, em que consiste
A vida, que nos Ceos se perpetúa,
Lembrete deste amor tão firme, e puro,
Que ainda no peito meu vive seguro.

68

A esse Senhor supremo, a quem rendeste
Em sacrificio ardente a formosura,
E a cujo eterno amor offereceste
O espirito a pesar da sombra escura,
Rogalhe em meu favor, que pois lhe deste
Parte da vida minha em tua alma pura,
A outra parte me leve, porque unidas
A huma alma lhe offereças duas vidas.

69

Destá maneira em todo amortecido

V. Parte,

L

A for

A forças de outra morte o meu alento
 Poderá finalmente suspendido
 Acabar-se o rigor de meu tormento,
 E á tua alma segunda vez unido
 Com melhor sorte lá no ethereo assento
 A hum só Deós em perpetuos exercicios
 Dobraremos de amor os sacrificios.

70

Porém como rendido á crueldade
 De hũa pena immortal, bem que homicida,
 Vivo mal poderá minha vontade
 Lograr Nise saudosa, mas perdida:
 Aqui da triste voz a liberdade
 Ficou por largo espaço suspendida,
 E a forças de hum desmayo preso o alento
 Entregou a alma toda ao sentimento.



OITA

OITAVA DE CAMOENS.

MAs Affonso do Reyno unico herdeiro
 Nome em armas ditoso em nossa Hes
 Que a soberba do barbaro fronteiro (peria,
 Tornou em baixa, e humilima miseria;
 Fora por certo invicto cavalleiro,
 Senão quizera ir ver a terra Iberia;
 Mas Africa dirá ser impossivel
 Poder vencer ninguem ao Rey terrivel.

G L O S A.

A ElRey D. Affonso VI.

Pelo Doutor Antonio Barbosa Bacellar.

ARme se de Castella o vingativo
 Sentimento da perda, e desventura;
 E co ardor da vingança executivo
 Tente outra vez os lances da ventura;
 Que da Lusã nação, do Reyno altivo
 Já mais o seu Monarcha, que o procura,

L 2

Set

Será senhor pacifico , ou guerreiro ,
Mas Affonso do Reyno unico herdeiro.

2

Este, que a cinco Reys na Magestade
Succede do valor , e do appellido ,
Fará hoje callar por mais que brade
Desse Leão de Hespanha o vaõ rugido :
Mas que muito , se agora em tenra idade
Fez já a seu appellido esclarecido ?
Nome em armas temido em nossa Iberia ,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia.

3

Seja fronteiro embora magestoso
O Atlante, em quem Filippe o peso cede ,
Que para oppor a hum Carpio generoso
Tem Affonso hum invicto Catanhede :
Este se mede a espada valeroso ,
O outro a campanha fugitivo mede ;
Que póde mais o zelo verdadeiro ,
Que a soberba do barbaro fronteiro.

4

Este a nobreza Iberia, que atégora
Em a conquista de Elvas insistia
Pompeo , venceo , desbaratou n'hum hora ,
Juiz o Ceo , e testimunha o dia :
Este com a mão armada , e vencedora

Eternizou a Lusã Monarquia ;
 Este a soberba vã da inchada Iberia
 Tornou em baixa, e humilima miseria.

Tinha o Carpio a Hespanha convocado
 Para oppor-se ao exercito valente,
 Que a não ser de outros casos estorvado
 Sentira-o. Badajoz ; mas ainda o sente:
 Se entaõ de nossos danos ajudado
 Quizera só a gloria do accidente,
 No applauso vaõ do mundo lisonjeiro
 Fora por certo invicto cavalleiro.

6

Mas Deos, que a vã soberba desmedida
 Não deixa sem padraõ para a memoria,
 Quiz que se visse agora na fugida
 Que não pode ser sua aquella gloria :
 Perdendo a fama por salvar a vida,
 Fugio de ser despojo da vitoria ;
 Mas fora inda menor a sua miseria
 Se não quizera ir ver a terra Iberia.

7

Desengane-se Hespanha escarmentada
 Que assiste Deos á Coroa Lusitana,
 E que não teme a Castelhana espada
 Quem enfreou a furia Mauritana ;

Diga que a grey he pouca , e mal armada
 A respeito da turba Castelhana ,
 E que o vencella he facil , e possivel ,
 Mas Africa dirá ser impossivel.

8
 E vós, invicto Conde , justamente
 Descansay nos applausos da vitoria ,
 Pois de tanto magnanimo ascendente ,
 Excedestes o exemplo , e a memoria :
 Saiba o tempo futuro do presente ,
 Para que mais se augmente a vossa gloria ,
 Que havendo hũ tal vassallo , he impossivel
 Poder ninguem vencer ao Rey terrivel.



DE D. RODRIGO DE ME-
nezes.

S O N E T O.

J Az sepultada nesta pedra fria
 Por decreto fatal da sorte escura
 A inveja da mesma formosura,
 A que já precursora foy do dia.
 A luz, que o Sol com todos repartia,
 Tambem repousa nesta pedra dura,
 Que acompanhando está na sepultura
 A' mesma de quem luzes recebia.
 Que desenganos vimos n'hum instante,
 Nesta assim lamentavel despedida!
 Desenganate pois, ó caminhante:
 E se vemos a cinzas reduzida
 A estrella desse Ceo mais rutilante,
 Quem te teme, ou te estima, ó morte, ó vida?

GLOSA

G L O S A

Por Bacellar.

1

A Mais airofa flor da formosura,
 Da gala luz, da discrição portento,
 Dos olhos mais sizudos a loucura,
 O feitiço do peito mais izento,
 O perigo das almas, e a ventura,
 A gloria dos sentidos, e o tormento,
 Reduzida a tragedia a bizarria,
 Jaz sepultada nesta pedra fria.

2

A que armada de amor sempre triunfante
 Já mais rendeo aos rogos a vontade,
 Trocada em sombra parda a luz brilhante
 Jaz aqui pata longa saudade:
 Nesses tumulo breve, ó caminhante,
 Esconde em tofca cinza a magestade
 Por destino cruel de estrella dura,
 Por decreto fatal da sorte escura.

Quan.

3

Quanto inventou de bello a natureza;
 Quanto estudou de grave o soberano,
 Sem respeito da gala, ou da grandeza
 Reduzio a esta pedra o defengano:
 Esta pedra he theatro, onde a belleza
 Avisos achará contra o engano,
 Vendo aqui cinza toscamente escura
 A iuveja da mesina formosura.

4

Aqui jaz pó caduco, e leve terra,
 Quem teve adoraçoens de divindade;
 A que já foy dos olhos doce guerra,
 E agora he só dos olhos saudade:
 Aqui (ó defengano!) aqui se encerra
 A que foy das bellezas magestade,
 Aqui jaz sombra escura, e cinza fria
 A que já precursora foy do dia.

5

Essa, que vês, ou terra, ou cinza, ou nada,
 Mal recebida de huma pedra dura,
 Essa emprestava ao Ceo a luz dourada,
 Essa ensinava gala á formosura:
 Luz era dos seus olhos emprestada
 A que o Sol repartia, luz mais pura;
 Dessa em fim morta sombra, a luz nascia

A

A luz, que o Sol com todos repartia.

6

Turbado agora o Ceo co a luz ausente
 Testimunha em horrores a verdade,
 Essas inundaçoes, que o mundo sente,
 Lagrimas são da amarga saudade:
 Estranha a escuridaõ absorta a gente,
 Mas que muito, que falte a claridade,
 Se a luz, que dava o Sol brilhante, e pura
 Tambem repousa nesta pedra dura!

7

Acompanha esta pedra saudoso
 O Sol com apparencias de eclipsado,
 Tanto mais destes rayos invejoso,
 Quanto já foy com elles invejado:
 Arde tocha do enterro, e em som quixoso
 Parece que suspira lastimado
 Por as luzes daquella formosura,
 Que acompanhando está na sepultura.

8

Justamente se mostra agradecido
 A quem vivia de antes obrigado,
 Porque quem por Anarda o vio luzido,
 O veja por Anarda lastimado:
 Inda aqui nesta pedra enternecido
 Lhe vem pedir as luzes emprestado,

Inda

Inda aqui no sepulchro deve o dia
A' mesma, de quem luzes recebia.

Oh pensão da belleza rigorosa!

Oh desconto cruel da formosura!

Que seja a gentileza como a rosa,

Que este instante, em que nasce, apenas dura!

Nesta dura tragedia lastimosa

Vimos bem as mentiras da ventura;

Vimos sombra defunta a luz brilhante,

Que desenganos vimos n'hum instante!

10

Aquella, por quem tudo respirava,

Vida de quanto havia, aquelle alento

Que as flores, e as estrellas animava,

Parece que foy sonho, sombra, ou vento:

Vimos falta de luz quem a luz dava

Neste assim faudoso apartamento;

Vimos faltar a vida á mesma vida

Nesta assim lamentavel despedida.

11

Esta pallida sombra foy aquella

Lá do jardim de amor rosa encarnada,

Esta defunta tocha ardeo taõ bella,

Que foy luz das estrellas invejada:

Que importa já ser rosa, ou ser estrella,

Se

Se a flor mais bella, a luz mais adorada
 Tudo desapparece em hum instante,
 Desenganate pois, ó caminhante!

12
 Aquella luz de fogo soberano,
 Trocada a forte em desiguaes estremos,
 Bem nos mostra em seu dano o nosso dano,
 Quando a tocamos morta, e quando a vemos:
 A's mãos, e aos olhos mostra o desengano
 Igualmente, ou vejamos, ou toquemos:
 Se tocamos, em terra convertida,
 E se vemos, a cinzas reduzida.

13
 A cinzas reduzida a formosura,
 Oh como nos ensina verdadeira!
 Ahi nos lê o fragil da ventura,
 Essa pedra he sepulchro, e he cadeira:
 Aqui acharão doutrina bem segura,
 Conferindo esta sombra á luz primeira,
 A rosa desse prado mais brilhante,
 A estrellá desse Ceo mais rutilante.

14
 Em fim se he tão seguro o desengano,
 Se he da morte despojo o bello, o forte,
 Não sey quem pode já viver ufano,
 Nem sey quem pode já ter medo á sorte:

Se acaba em hum instante o soberano,
 Quem te estima, ou te teme, ó vida, ó morte!
 Se apaga hum sopro a tocha mais luzida,
 Quem te teme, ou te estima, ó morte, ó vida!

Do mesmo Author.

C A N Ç A M.

M Eu Senhor D. Rodrigo de Menezes,
 A quem eu muitas vezes
 Cuido, que amando offendo,
 Porque ouvi dizer já, e assim o entendo,
 Que amor he qualidade,
 Que busca nos extremos igualdade;
 Eu, que a distancia vejo,
 Callo o amor á custa do desejo;
 Não, que esfrie o cuidado,
 Porque antes em respeito disfarçado
 He o mesmo no effeito:
 Amor he, porém chamolhe respeito.

Outras vezes Filosofo discorro,
 E comigo me corro
 Desta veneração escrupulosa,
 E digo: Por ventura,
 Não he o bem objecto da vontade?

Pois

Pois se assim he, quem goza
 Tantas razoens de amado
 Porque ha de ser sómente venerado?
 Ha de fazerlhe mal a qualidade?
 Deixaõ bem aviada a magestade
 Estes pontos sofistas;
 Quando he voto commum dos estadistas
 Em ambos hemisferios,
 Que he só o amor a base dos imperios:
 E se o amor igualdades só quizera
 Ser o Principe amado não poderá.

Cousa fora bem dura
 Que sendo o sceptro o auge da ventura,
 A quem prostrado adora
 Hum Reyno obediente,
 Fosse capaz do odio
 O Principe sómente;
 E sendo o amor o affecto mais gostoso
 Que ao mundo faz formoso;
 Sómente a summa alteza
 Carecerá de amor por natureza!

Assim, Senhor, me inflammo,
 E á boca chea grito, que vos amo,
 E que só por amarvos vos mereço,
 Se he delicto confesso
 Que podeis cattigar-me,

Por que eu sey, que estou fóra de emendarme;
 Seja offensa, ou não seja,
 A culpa não me peja,
 Que he entendida a culpa
 Onde o mesmo delicto he a desculpa:
 E mais quando diz Plinio, a quem devoto
 Vós dais na discrição o melhor voto,
 Em o seu Panegirico a Trajano,
 Que em vão se arma da forga o soberano
 Se de amor não se arma,
 Callem pois neste dia
 Os nomes da grandeza,
 Que só da singelleza
 Usar quer a Thalia,
 E em versos mal limados
 Pertendo darvos conta de cuidados
 Guardados atégora no segredo
 Por destino, por pejo, em fim por medo,
 Ouvi já, que começa
 Sem pés, e sem cabeça,
 E se culpais o excessso a que me atrevo,
 A Musa he a que dicta, eu o que escrevo,
 Buscou este caminho,
 Não só como a caminho de tratarvos
 Com brandura, e carinho,
 Mas também como a traça de obrigarvos.

Que os nomes da grandeza, e magestade
 Já não terão com vosco novidade:
 Andais enfastiado
 Dos nomes soberanos,
 E como sollicita ao vosso agrado
 Buscou termos humanos,
 Que a quem já traz fastio da grandeza
 Só pôde ser lisonja a singelleza.

Em fim eu lhe obedeco,
 Não sey como comece, mas começo,
 Sem frases magestosas,
 Mas não iguaes de todo;
 Eu buscarei hum modo,
 Que adoração não seja,
 Mas não chegue a igualdade,
 E que case a grandeza, e amizade:
 Fallarey com amor, porém de geito.
 Que o amor não me esqueça do respeito,

Ouvime pois, Amigo,
 Ouvime, Dom Rodrigo,
 Constellação tão dura
 Me tirou da materna sepultura,
 Que em tudo o que intentou meu pensamêto
 Foy vento a esperança, a posse vento.
 Nalci tão enteado da ventura,
 Que podera sem culpa facilmente

En.

Enganarse comigo muita gente;
 Tendo em grande valia
 A quem tanto a fortuna perseguia;
 E se não fora clara experiencia
 Que mostrou logo no mundo a evidencia,
 Facilmente eu podera,
 De outra mayor esfera
 Correr no mundo praça,
 Julgando o merecer pela desgraça.

Em fim sou o primeiro,
 (Oh caso peregrino!)
 Sou o primeiro indino
 Que não mereço mimos à fortuna,
 A qual como com premios favorece
 A quem nada merece,
 Este já seu costume
 Accrescenta a razão ao meu queixume;
 Que se reparte os premios cegamente,
 E quem merece menos
 He só dos seus favores o sujeito,
 Ninguem tinha Rodrigo o meu direito:
 Mas eu sou tal, que quando
 Vai a escolha do mundo tão errada
 Que os que merecem tudo, estão sem nada,
 E os que mere em nada, estão com tudo;
 Só para mim o mundo anda sizudo.

V. Parte.

M

Mas

Mas deixando episodios
 De estrondo, e de voato,
 Sem pompa, e apparato,
 Tallando claramente,
 Quizera darvos conta brevemente
 Não de merecimentos,
 Mas de alguns fundamentos
 Pintados só com a tinta da verdade,
 Que servem de desculpa á needade
 De eu tornar arrojado
 A procurar melhoras do meu fado:
 Oh nescias confianças,
 Que ainda eu imagine em esperanças!
 Ouvime pois attento,
 Porém não que vos custe sentimento,
 Nada esta minha dor comvosco possa,
 Basta que seja minha sem ser vossa,
 Porque como vos amo sobre tudo,
 Se souber, que vos doe, acharme-hei mudo:
 Penosa dor he esta,
 Mas atègora posso c'ò tormento;
 Porém se eu presumir, que vos molesta
 Est llará de todo o sofrimento,
 Faltarei na constancia muito azinha,
 Que me doe a dor vossa mais que a minha,
 Em vez pois da clemencia,

Que só pára em affeito ,
 Preparai para o effeito
 Vossa magnificencia :
 He affecto a piedade
 Só de quem mais não póde ,
 Que quem ao mal póde acodir activo
 Não basta , que se mostre compassivo.

A poz huma esperança lisonjeira
 Jacob de huma cadeira ,
 Vencendo ora impossiveis , e ora damnos ,
 Servi quatorze annos
 Nos campos do Mondego a hum povo rudo
 (Que ainda he Labaõ mais duro , e fero)
 Sem ter outro descanso ,
 Que salzar de hum estudo em outro estudo.

De meus annos a doce primavera
 Lá ficou a pedaços consumida ,
 E ainda este troço , que salvei da vida ,
 (Oh com que dor o escrevo !)
 Ao defengano o devo ,
 Que se elle inda que tarde não viera
 A salvar estes ultimos desmayos ,
 Onde perdi os Mayos ,
 Os Setembros perdera.

No serviço , e no estudo
 O meu pouco gastei , que era o meu tudo ;

Vivi sem aparato ,
 Mas sempre com limpeza ,
 Não era o trato rico ,
 Mas era limpo o trato ,
 E em fim huma estreiteza ,
 Que não era de faire , era pobreza ;
 Gastouse pouco a pouco a pobre herança
 Em aturar os tardes da esperança ,
 Té que estendendo o prazo a sorte escaça ,
 Se foy levando pouco a pouco à praça
 O garfinho de prata , o anel de ouro ,
 (Que este era o meu thesouro)
 Com quanta dor a pena hoje o descobre !
 Ardeo toda a casinha da viuva ,
 Que era casinha em fim , inda que pobre ,
 E agora a velha honrada
 A si se vê sem nada , a mim sem nada.
 Com taõ geral espanto ,
 E com applauso tanto ,
 Li todas as Cadeiras
 Ultimas , e primeiras
 Da minha faculdade ,
 Que tropecei por vezes na vaidade
 Nas honras , que a escola me fazia ,
 Parece que antevia
 Que havia de faltarme ao provimento ,
 E qui

E quiz pagarme em vento.
Seis mezes dei postilla
Lendo Digesto velho ;
E por concorde escolha do Conselho ,
Sem haver controversia , nem disputa ,
Tambem huma Cadeira de Instituta
Li pelo largo espaço de seis annos ;
Os soldados da escola veteranos ,
Que lá chamaõ passantes ,
A mim me ouviaõ antes ;
Deixavaõ seus Geraes , aonde liaõ
As materias melhores
Lentes muy superiores ,
E em voz commum diziaõ
Vamos ao Bacellar , que explica ás tardes.
Esperanças seriaõ mui cobardes
As que naõ se animassem justamente
Com o applauso geral de tanta gente ?
Quem entaõ cuidaria
Que eu daquelles tiraria
Sómente desengano ?
Aos Lisbonenses , Beiras , Transtaganos ,
Tras os montes , Coimbra , Douro , e Minho
Sem distincão de patrias igualmente
Era eterno assistente ;
O mais simples Ratinho

Tè o Beiraõ mais rudo
 Me achava em sua casa
 Para explicarlhe as duvidas do estudo:
 Nenhum agora vejo
 Que ande aqui requerente,
 Que eu entaõ não servisse promptamente
 Com a pessoa, c'õ estudo, e c'õ desejo.
 Chegouse em fim o prazo
 De vagar a Cadeira,
 Logo aquella esperança lisonjeira
 Me faltou taõ azinha,
 Que ainda eu cuidava, que comigo a tinha;
 Eu a vi, que aos meus olhos se alongava,
 Vi que as costas me dava,
 Nas quaes pintado o defengano via,
 Que eu inda entaõ não cria.
 Armados em meu damno
 Vi, Senhor D. Rodrigo,
 Os mesmos, que eu livreí no seu perigo.
 Hum houve taõ ingrato,
 Que áquelle mesmo tempo
 Que de mim recebia o beneficio
 Me ordenou em segredo o precipicio.
 Aquelles mesmos braços,
 De que eu vi muitas vezes os abraços,
 Por convençoens secretas

(Inda me doe agora!)

Vi tirarme o remedio, e a melhora.

Lutei eu só com as armas da justiça

Contra hum poder inteiro

Da valia, da força do dinheiro;

E inda assim não podia

Vencer ao meu direito a tyrannia,

Se não lhe dera traça

Minha propria desgraça,

Que della só confesso ser vencido.

Oh caso nunca ouvido!

Vi assistir, Senhor, ao meu direito

Com invencivel peito

Aquelles, que eu primeiro aborrecera;

Aquelles, que eu de antes offendera,

Sómente por respeito

Destes mesmos, que agora me offendiaõ;

Destes, que a minha causa perseguaõ,

Oh successo profundo!

Mas isto mesmo he mundo.

Era no fim de Mayo a vacatura,

Tempo, em que não atura

Em Coimbra pessoa,

E menos de Lisboa:

Cento, e oitenta havia

Homens na Academia,

Dos quaes por mim votariaõ cento , e vinte ,
 Que a pezar da injustiça , e falsidade
 Tive por mim a lastima , a verdade ;
 Mas a inveja por odio , ou por acinte ,
 Vendo desbaratado o seu partido ,
 E o seu poder das letras excedido ,
 Sofrer não pode a ira ;
 Usa primeiro as armas da mentira ,
 Logo reparte cega
 O metal , que a fortuna a tantos nega ;
 E para fazer gente
 Com acordo prudente ,
 Que ao mais remetto a barca ,
 Não tocou caixa não , tocou arca ,
 Com que cobrou o enfermo melhoria ,
 Que na vea d'arca he a melhor sangria ;
 E depois de acabada a conferencia ,
 Depois dos actos feitos ,
 Do gasto , e donativo satisfeitos ,
 Por meynos da violencia
 Baixaraõ convocados ,
 Ao som do metal louro ,
 Da Beita , Campo , e Douro
 Cento , e vinte soldados ,
 Não eraõ da cruzada , mas cruzados .
 Vencêo pois a mayor à melhor parte ,

E triunfou desta arte
O poder da justiça
Atada ao baixo carro da injustiça ;
Foy a razão despojo da victoria ,
(Ah traidora memoria !)
E para circumstancia mais urgente ,
Que qualifique a magoa eternamente ,
Foy tal o vencedor , taõ desluzido ,
Que se naquella hora
Minha a victoria fora
Me podéra pejar de haver vencido.

De taõ mal merecida
Fortuna o sentimento
Teve a perigo a vida
Do derradeiro alento :
Effeito foy daquella magoa fina ,
Calor de febre ardente
Que apoderado n'alma gravemente
Me teve muito perto da ruina ;
Só por hum leve fio
Deixou de arder de todo este pavio ,
E eu cuido , que se a vida me custara
Naõ fora a perda cara ,
Que a quem aggravos sente atropellado
De sempre adverso fado ,
Por minhas contas acho

Que

Que o morrer he seu modo de despacho,
 Morrer pertendo em fim, porém entendo
 Que não o alcanço, só porque o pertendo;
 Que he decreto da sorte,
 Com que ha tanto pejejo,
 Que por faltarme tudo o que eu desejo,
 Tambem me falte a morte.

Apenas melhorei, quando á presença
 Quiz fugir de huma terra,
 Onde só na amizade achei a guerra;
 Com a perda, e com a doença
 Fiquei taõ demudado,
 Que não me parecia já comigo:
 Passava em fim por mim o mor amigo
 Sem mostrarme hum agrado:
 Era carro entornado:
 E como disse bem o nosso velho,
 (De quem cada sentença he euangelho)
 He costume de todos muito usado
 Dar ao carro de mão, que está quebrado.

Partime deste modó
 Inda não são de todo,
 E menos do juizo,
 Taõ outro tinha o sizo;
 Vinha taõ rematado,
 Que cuidei confiado,

Com arrogancia summa ,
Que daquella injustiça , que eu sentia ,
O remedio acharia
Nesta Corte , onde o mesmo se costuma :
Aqui onde a justiça
Tem o mor precipicio ,
Fez-se traje a injustiça ,
Que d'antes era vicio ;
Diversos são os modos ,
Porém he traje , que costumaõ todos ;
Não he a culpa do tempo ,
Dos homens he a culpa ,
Em vaõ certo os desculpa
Quem imputando ao tempo falsamente
Dos homens a maldade ,
Seculo chama o não fallar verdade ,
Ay de ti Monarchia ,
Onde reparte os premios a valia !

Huma breve Conduta
Pedi para alimento ,
Atè vagar Cadeira de Instituta ,
Justo requerimento ;
Mas foy huma repulsa
Destes rogos o fruto ;
E fiquei sem Conduta , nem conduto.
Por mim tinha a justiça ,

A razaõ , a clemencia ,
 Mas não tive por mim a consciencia ;
 Por ventura que disso nasceria.

Appellei para o Paço, onde Leiria ,
 Lamego , Guarda , Beja ,
 E a Correiaõ do Crime estavaõ vagos ,
 Mas nem assim pararaõ meus estragos ,
 E mais cuido comigo ,
 Que fuy em as consultas bem proposto ,
 Porque estava no Paço D. Rodrigo ,
 Como tambem porque fiquei sem posto ,
 Subiraõ as consultas ,
 Porém não sey se foraõ os providos
 Os que foraõ nos votos preferidos ,
 Assim o povo o diz , mas não he novo
 Lisonjear o povo
 Aos que ficaõ de fóra ,
 Com dizer , que dos outros a melhora
 Foy diligencia feita lá por cima ,
 Desses que o Rey estima ;
 Eu o não creyo não , que o povo he rudo ,
 Vós o sabeis, Senhor , que sabeis tudo.

Dous annos ha , que assisto nesta Corte ,
 E como escravo vosso
 Vos confesso, Rodrigo , que não posso
 Fazer já rosto á sorte ,

Estou em tal estado ,
Tanto os apertos crescem ,
Que os mesmos, de quem já fuy invejado,
De mim se compadecem :
Não seja assim , não seja ,
E torne a ser inveja , o que era inveja.
Quantos formey , senhor , Licenciados
Que agora occupar vejo os Magistrados !
A quantos fiz Doutores
Hoje grandes senhores ,
Amigos alguma hora ,
E eu , Senhor , de fora !

Tempo he já de acodir ao sentimento
(Antes que lhe rebente o sofrimento)
De huma viuva pobre ,
Que passados setenta ,
Inda que honrada as lagrimas encobre ,
De lagrimas honradas se alimenta :
Vagou nesta Cidade
A Correição do Civel ,
E a quem por si vos tem , tudo he possivel ;
Não faltaõ os exemplos ;
Seco , Martim Monteiro ,
Hontem José Pinheiro ,
E se dizeis , Senhor , que he diferente
De todos o partido ,

O Monteiro sobrinho do Valido ,
 Sobrinho o outro de hum Collega voffo ;
 Que eu competir não posso ,
 Não sei se ousado na modestia pecco ,
 Mas perguntar quizera ,
 Senhor , Pedraves Seco
 De quem sobrinho era ?
 Mas inda quando como os outros fora
 Eu tenho igual razão para a melhora ,
 Que cuido , e não me engano ,
 Que he menos muitas vezes
 Ser sobrinho não mais de João Pinheiro ,
 Que ser de D. Rodrigo de Menezes
 Criado verdadeiro.
 Possa meu Dom Rodrigo esta vez , possa
 O que nelles o sangue ,
 Em mim a graça vossa.

Muito todos merecem ,
 Mas na minha pessoa as razoens crescem ,
 Porque delles nenhum perdeo Cadeira ,
 Nenhum por meyo de ancias , e de damnos
 Cadimo oppositor por tantos annos
 Foy de huma escola inteira.
 Dezaseis annos tenho de direito ,
 Não sey já com que estudo ,
 Mas sey , que bem aceito ;

De feis o largo espaço
Ha já, que li no Paço;
Com D. Gastaõ Coutinho
Fuy Auditor geral do Douro, e Minho.

Isto em fim sou, Senhor, não sou mais q̃ isto,
E ainda assim insisto

Em pedir nesta acção o vosso empenho,
Que quanto menor sou, mais vos convenho.

Quanto eu por mim não posso
Mais luzirá no effeyto o poder vosso.

Potque se eu merecera

Não fora vossa a gloria,
Ou fora ao menos de ambos a vitoria;

Seja a vitoria vossa hoje sómente.

Deos, que he Author de tudo omnipotente

Tudo creou de nada,
O menos mais lhe agrada,

Consegureis no effeito

A acção mais afamada

Digna do vosso peito,
Que nas memorias ande eternizada,

A par de vosso nome celebrado,

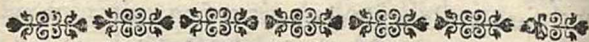
Que he vencer ao meu fado

Hum taõ grande inimigo;

Bem merece, que o vença hũ D. Rodrigo;

E eu obrigado vosso eternamente

Cantando espalharey de gente em gente ,
 Que á vossa mão invicta , e vencedora
 Deve a honra , o remedio , e a melhora.
 Serey taõ promptamente agradecido ,
 Que inda fazer me atrevo
 A que seja disputa da porfia
 Qual he mayor , se em vós a fidalguia ,
 Se em mim a confissão do que vos devo ?
 E de novo serey, pois mais não posso ,
 Vosso mais vezes sim, mas não mais vosso.



Relação da festa de touros, que se fez nesta Cida-
de na praça do Rocio o anno de 1647.

S I L V A.

De Bacellar.

A Cabaraõ-se os touros, vá de versos ,
 E eu seguro , que sejaõ mais perversos
 Estes versos que os touros ,
 Mas eu não temo agouros ;
 Dios la depare buena
 Que hei de molhar a penna.
 Quero sahir agora do Pegaõ
 Aos touros do Parnaõ ;

E com

E com tão bom cavallo, eu vos prometo
De fazer boa sorte ao deos de Admeto;
Quando o touro me tome,
Não me ha de dar desgosto,
Que nos cornos do Sol me hei de ver posto,
E com tão bom partido,
Igual fica ao vencer o ser vencido,

Ah sim, que me esquecia
Invocar a Thalia,
(Sou hum grande madraffo)
E fora grande culpa neste passo,
Contra o que o mundo usa,
Querer poetar sem invocar a Musa;
Mas que me importa Clio, ou Melpoméne,
Se eu tenho todo o coro de Hipocrene:
Em vós, flores do Ceo, no prado estrellas,
Minhas tres Graças bellas,

A vós pois, doce terno da belleza,
Exemplar cada qual da formosura,
A vós, em quem se apura
Todo o primor, que soube a natureza,
Este Poeta andante
Prostrado adora, e sollicita amante
Vosso favor bizarro:
Vós, ó minha senhora, meu cuidado,
Alentame á ousadia,

Fazei agora o officio de Thalia,
Que fora disparate,
Quando o furor poetico me chama
Não fazer minha Musa a minha dama?

Ministrai pois propicia os consoantes,
Sejão novos, flammantes,
Seja a veyra taõ clara, altiva, e pura,
Que se pareça á vossa formosura;
Daime á pena outro córte,
Para que eu faça versos a este intento,
Daquella mesma sorte,
Que eu fizera com vosso pensamento.

Eraõ as tres da tarde,
Era a estação do anno calorosa,
Em que a terra abrazada mariposa
Nas chamas do Sol arde,
Eis já la vay hum erro,
Que chamei mariposa á borboleta;
Que não queira emendarme de Poeta!

Torno a seguir a Musa tartamuda,
E Deos seja comigo
Não me leve a Castella outro perigo
De alguma voz, que seja campanuda.

Era a estação do anno abrazadora,
Em que o ruivo Planeta
Cansado de huma Daphne corredora.

Já estava gemendo de esquentado ;
E de correr chegava muy suado.
Em grande confusão vos tenho posto ;
Não temais , tudo he nada ,
Vem a montar toda esta matinada
Que era huma tarde em vinte dous de Agosto ;

Era o dia dos touros aprazado ,
Não houve quem comesse socegado ;
Pelas ruas fervia
Gente , que entrava , e gente , que sahia ;
Tudo era reboliço , e tudo aballo ,
Aqui hum homem cahia , alli hum cavallo .

Fendia o Sol o dia pelo meyo ,
Estava tudo cheyo ,
Formosa estava a praça ,
A mesma confusão lhe dava graça :
Exercito de coches numeroso
Fazia hum apparatuso ruidoso
Ao concurso festivo .

Nos palanques com trafego excessivo
Estavaõ taõ providos os lugares ,
Que o numero igualavaõ a meus pezares ,
Tantos os guarda infantes , e as enagoas ,
Que o numero igualavaõ a minhas magoas .

Quanto mais era o numero da gente
Deste concurso vario ,

Tanto mais eu estava solitario ;
 Quem sabe avaliar hum peito ausente,
 Bem sey eu que ha de crerme facilmente,
 Maravilha de amor , grandeza rara
 Vossa , e do meu cuidado ,
 Que estava só , e acompanhado ,
 Porque como não via a luz tão clara ,
 Não vendo o que queria ,
 Via , porém não via.

Fez entrada a Cidade ,
 Deraõ as tres , e entraraõ pela praça
 Dando esplendor á festa , ao dia graça
 Huma , e outra sagrada Magestade.

O coche parecia
 O carro , em que anda o dia ;
 O Principe , e as Infantes
 Hiaõ junto dos Reys todas brilhantes ,
 Dando á vista alegria ,
 Filhas , e mãy formosas á porfia ,
 A' competencia bellas ;
 Afoga o Sol as luzes ás estrellas ,
 Mas eu entaõ , se a vista me não mente ,
 Vi o Sol , e as estrellas juntamente.

E se eu vos vira a vós , minha traidora ,
 E meu feitiço eterno
 N'hum noite de inverno ,

Tambem entaõ (oh que feliz mentira!)

O Sol, e estrellas juntamente vira.

Vendo no Ceo estrellas,

E em vossos olhos vendo as luzes bellas

Do Sol mais reluzente,

Vira o Sol, vira estrellas juntamente.

Seguirãose as carroças,

Em que vinhaõ as Damas,

De amor cortez abrazadoras chammãs,

Daquelle Sol celeste habitadoras,

Quem vio para hũ só Sol tantas Auroras!

A que vi mais formosa

Me causou embaraço, e alegria,

Porque vinha taõ bella, e caprichosa

Que a vós se parecia,

E disse só comigo hum grande espaço,

Quem fez a meu amor Dama do Paço?

Porém vi logo, vendo-a mais de perto,

Que vós ereis o Paço, ella o deserto.

Tempo he já, que escusemos mais rodeyos,

Tanto verso sem alma, e sem estouro,

Guarda que sabe o touro.

Amotinouse a praça alvorocada,

Sahio o touro em fim, e não fez nada,

Sahio logo o segundo, e foy segundo

Na virtude ao primeiro,

Naõ lhe lembrava coufa deste mundo ;
Fez companhia a ambos o terceiro ,
Afamado Biscayo
Rayado era na cor , mas naõ foy rayo.

Vestido entrou de tafetá dobrado
Francisco Correya , porèm singelamente
De poucos garrochoens acompanhado ,
E hum mochilla sómente ;
Fez aos Reys a usada cortezia ,
Que ás Damas tambem fazer queria ,
Quando sahio hum touro a elle forte ,
Naõ sey se foy azar , ou se fez sorte ,
Porque eu desta arte naõ entendo nada ,
Mas deolhe a garrochada ,
Levou com tudo applausos de primeiro ;
Naõ sey se justamente ,
Porque ouvi, que era coufa diferente
Ser homem de cavallo a ser toureiro.

Houve mais dous tourinhos ,
De que havia grã fama ,
Creados na aspereza do Xarama
De que aqui nos contavaõ cada hora
Trinta mil valentias ;
E que andaraõ de amores muitos dias
Em huma gentil tapada ,
Mas naõ fizeraõ nada ,

Hum,

Hum, e outro eraõ mansos, e caseiros,
Podiaõ ambos n'hum carro ser parceiros;
Naõ vi touros já mais taõ bem sofridos,
Bofé que os desejey para maridos.

Acabouse a festinha,
Tornouse o Rey, as Damas, e a Rainha;
Veyo a gente enfadada,
Mas naõ desenganada,
Diziaõ todos, que era needade
Ver festas na Cidade,
Juraraõ todos naõ tornar á festa;
Porém eu sou taõ besta
Que fuy hum dos primeiros,
Foraõ da mesma sorte os companheiros,
E por diversos modos
Todos lá foraõ, e mentiraõ todos
Taõ pouco o humano discursar alcança
Que vendo claramente
Como a posse nos mente,
Naõ sabemos livrarnos da esperança.

Houve segunda festa á sexta feira,
Teve o mesmo apparatus
Que houvera na primeira,
Muito concurso, e muito mentecato;
Os tourinhos melhores,
Os toureiros peyores.

Hum Dom tal de Aguilar, que de Castella
 Tem a genealogia, e parentella,
 Foy a falça do dia,
 Naõ vi coufa mais digna de alegria,
 Como o que fez na praça,
 Nos mefmos disparates tinha graça;
 Sem ordem envestia,
 E fugia sem ordem,
 Muito dava, que rir esta desordem.
 Levanta o focinho
 O valente tourinho
 Quando elle de huma legoa se arrojava
 Enristando o rojaõ, e parecia,
 Que naõ lhe ficaria
 Ao touro coufa fã, se o esperava;
 Esperava-o o tourinho, e elle logo
 Voltava pela praça como hum fogo,
 Sem fazer intervallo,
 (Emprestaralhe eu sempre o meu cavallo.)
 O homem era maduro,
 De experiencia, e cautella,
 Pois sendo de Castella,
 Inda assim senaõ dava por seguro,
 Quanto a mim (ou me engano)
 Esqueceose de que era Castelhanõ;
 E tanto por seguro se naõ dava,

Que

Que de carreira o touro vigiava;
 E se foy de carreira como hum rayo
 Fazer queixa ao Senado do garrayo,
 E a suas Magestades
 Significou as suas faudades,
 Com applausos cortezes,
 Entaõ lhes disse as de Usafes mil bezes,
 Com que a todo correr se foy embora
 Sem dar-se por seguro inda lá tóra.

Entrou pelo terreiro

Segundo Cavalleiro,
 Que a mim me pareceo hum dos andantes,
 Galas pouco brilhantes,
 Fysionomia rara,
 Triste hum pouco da cara,
 Mas na sella fizudo,
 Fez quatro sortes, e acabou-se tudo.

Os defençados da segunda feira

Naõ são dignos de historia
 Pelo horror, que ainda causaõ na memoria,
 Foy a tarde cruel, sanguinolenta:
 Eu vi mais de quarenta
 Sem extasis aos Ceos arrebatados,
 Dous covados da terra levantados;
 Disse entaõ Ruy Fernandes,
 Que dizeis, D. Rodrigo?

V6s

Vós não, não vedes, este touro, amigo,
A quantos homens sem ser Rey faz grandes?

Dos boys a crueldade

Naõ perdoava a sexo, nem a idade:

Nos cornos vi de hum touro

Huma matrona de cabello louro

Cercada de huma numerosa tropa,

E a mim me parecia

Que retratado via

A Jupiter fugindo com Europa,

Choviaõ os bolleos,

Valhame Deos, o que houve de chapeos

Deitados no Rocio,

Inda agora me rio:

Houve mil bolatins contra seu gosto,

Que topavaõ c'o Ceo de rosto a rosto,

E achando lá no Ceo touro segundo

Recuavaõ de medo para o mundo.

Graõ tragedia tiveraõ os forcados,

Hum dos mais esforçados,

O carolla de alcunha,

Que lá deixou os homens affombrados

Naquellas festas de Madrid, agora

Tinha aqui a sua hora,

Tomoulhe a morte conta,

Passoulhe o coração a aguda ponta

De hum tourinho malvado ,
Foy o caço de todos lastimado.

E eu vo lo conto agora ,
Para que vós tambem, minha senhora,
Castigueis o rigor dos vossos olhos ,
Que crueis da mesma arte
Me passaõ o coração de parte a parte :
Naõ queirais , que se diga
Por esta terra tolla
Que eu sou dos vossos olhos o Carolla.

Era o tourinho hum tanto mal fazejo ,
De muita condiçaõ , e pouco pejo ,
E depois , que os forcados
Ficaraõ de o tomar defenganados ,
Tres lebreos lhe lançaraõ ,
Foraõ para pegar , mas naõ pegaraõ ,
Que tais bolleos lhes deo , que parecia
Que nova estrella collocar queria
Na casa abrazadora ,
Em que o Sol anda agora ,
E fora boa graça
Depois destes azares
Entrar de novo nos Caniculares ;
Estava olhando a praça
Se via os tres lebrés
Quando do ar cahiraõ todos tres ,

Não só da dura ponta atravessados,
Mas da queda também despedaçados.

Sahio segunda vez o Cavalleiro,
Que no segundo dia
Ao Dom tal de Aguilar foy companheiro,
Chegouse ao touro, e o touro que envestia,
Quebra o rojão, e o touro huma cornada
Deo no cavallo, puxa pela espada,
Porém ficou-se quedo, e o touro quedo,
E em fim junto a hum penedo outro penedo.

Mas o touro ficou desfalombado,
E o toureiro pasmado;
E segundo entre todos se dizia,
Fez-lhe o tourinho muita cortezia;
E assim para mostrar-se agradecido
A tanto beneficio recebido
Foy se embora o toureiro,
E o rouro se ficou só no terreiro;
Que era o touro levéro, e por esta arte
Bom lugar se fazia em toda a parte.

Esta, minha formosa, he a gazeta
Do que vi nestes dias,
Escrita pelas mãos de hum máo Poeta;
Que de cousas aqui vereis tão frias!
A minha Musa desta sorte escreve,
Mas como he quente o tempo,

Achareis na frieldade passatempo,
E se outros bebem, vós lereis com neve.

Naõ dizem, minha mana, os companheiros
Bem da festa atégora;
E só dizem bem della os palanqueiros;
Porém se vós, senhora,
Me agradeceres branda
A Relação da festa, que vos manda
Minha Musa obediente,
Eu direi bem da festa facilmente:
A Deos minha adorada,
Só vós sois tudo, tudo o mais he nada!





A HUMA DAMA.

Romance de Bacellar.

P Or fazer lisonja ás flores
 De flores touca o cabello
 Nise , a gala do donaire ,
 Nise , a gloria dos desejos.
 Invejosas as estrellas
 Murmuravaõ tanto emprego ,
 Se as naõ contentara Nise
 Com tellas nos olhos negros.
 De garbo , postura , e talhe
 Vay luzida em tanto extremo ,
 Que das vidas , que cativa ,
 Tem muita parte o aceyo.
 Quanto pisa , e quanto falla
 Vay brotando , e florecendo ,
 Huma rosa em cada passo ,
 Hum jasmim em cada alento.
 Caçadora , ufana , e destra ,
 Quem vio caçadora Venus ?
 Pede as armas emprettadas ,
 Dizem que a hum minino cego.

Galhardo o arco exercita,
E com movimento destro
De quantas settas lhe fia,
Nenhuma lhe leva o vento.
Guardese todo o alvedrio
Que não daõ as frechas erro ;
Pois para acertar as vidas
Tomaõ nos olhos preceitos.

Despejada communica
Ao monte seus rayos bellos ;
Que nem sempre o magestoso
Ha de affectar o encuberto.
E com deixarse admirar
Nada lhe perde o respeito ;
Mas taes amas traz consigo,
Pastores , diga-o Fileno.



A D. RODRIGO DE MENEZES
levantando-se de huma doença.

Pelo mesmo Author.

ROMANCE.

O Uvi dizer, meu Rodrigo,
Não sey se ouvi bem, porque
Desde que a vós vos não ouço,
Sei eu que não ouço bem.

Ouvi dizer, que devoto
Buscaís os Santos, a quem
Eu deyo a vossa saude
Vós o meu gosto deveis.

Que Antonio da Conceição
Vos leva o cuidado, e que
Da geração dos Menezes
Sois o segundo Amadez.

Tenho embargos, meu Rodrigo,
Deixai-me hum Santo se quer,
Com quem as dividas minhas
Desempenhe a minha fe.

Se foy a vossa saude
Para meu bem, não he bem

Que sejais vós o que paga,
Quando o que deve sou eu.

Mas vós, cuja protecção
Sempre me amparou fiel,
As que são dividas minhas
Encargos vossos fazeis.

Aqui neste albergue toco
Hontem me disse Leonel
De Perada, que vos vira,
Oh quanto, que me doeo

De quem vos falla sem mim
Inveja tenho crueis,
E até de mim, se vos vejo,
Ciumes tenho tambem.

O que antes era respeito
De tal maneira cresceo,
Que atropellando a distancia,
Não já respeito, amor he.

Não me culpais os excessos,
Que eu já vos disse huma vez,
Que não sey já venerarvos,
Porque só amarvos sey.

Valhame Deos, que bem disse
Aquelle, que disse, que
Eraõ os males cobardes,
Porque de alcatea vem.

Sucessivamente os males
 Em tal estado me tem,
 Que vivo, porque se impedem
 Huns aos outros o poder.

Desde Outubro para cá
 Este meu peito fiel
 Em tragedias de pezares
 Theatro de penas he.

Partistes para Almeirim
 Em companhia delRey,
 E comecei a penar
 Começando a não vos ver.

De ser este o menor mal,
 Quaes são os outros vereis,
 Pois mal, que he mayor em todos,
 O menor mal em mim he.

Viestes, e conjurada
 Força de males cruel
 Teve apagada de hum sopro
 A tocha da melhor fé.

Desmayados os Pilotos
 Vi quasi absorto o batel,
 Aonde a minha esperança
 Tinha embarcado o seu bem.

Se como o soube sentir,
 Eu o soubera escrever,

Como os olhos se afogavaõ,
Se afogara este papel.

Naõ mo deixeis recordar,
Se verme vivo quereis,
Que inda depois de passado
Morro de naõ me esquecer.

Diz Hortensio, que o peyor
Estado he aquelle, em quem
Se lastima de meus males,
Quem lastimas ha mister.

Barreiros me consolava,
Vede qual estava eu,
Pois chegava a consolarme
Quem mais vos sabe querer.

Cobrouse o batel hum pouco,
A tocha tornou a arder,
E dos embargos de vivo
Tornei á vida outra vez.

Melhorastes vós, mas logo
Huma esquinencia cruel
Entre as ancias de hum perigo
Me teve perto de hum mez.

Quando Foaõ Lamirante
Aqui me veyo prender,
Naõ só pelo que naõ fiz,
Senaõ pelo que outrem fez.

Eu tinha-o por Christaõ velho,
 Mas Judeo deve de ser,
 Porque prender a seu Mestre
 Sómente o fez hum Judeo.

Prendeo a seu Mestre em fim,
 Mas não tem culpa, porque
 Se he ley a da cortezia,
 Eu fei, que não sabe leys.

Prendeo-me, que não fará
 Amigo hum Juiz novel?
 Bem sabeis o que elle sabe,
 Perdoe-lhe Deos ao Thomé.

Aqui estou prezo, Senhor,
 Não só pelo que não he,
 Se não pelo que não ha,
 Vede vós, que póde ser.

Dizem-me que hum certo signo
 No Limoeiro me tem,
 Mas erraõ o signo em claro,
 Que eu sey que o de Cancer he.

Em fim seja hum, ou outro,
 Prezo me tem, mas o que
 Me tem mais prezo fois vós,
 Que amor só sabe prender.

Callo as perdas de lugares
 Em tantas consultas, que

O que he data da fortuna,
 Não me sabe entristecer.

Males vamos pouco a pouco,
 Que se matarme quereis
 Lo que es para Fierabrás,
 Para Braz no es menester.

Hum basta para humã vida:
 Se todos me acometeis,
 De nenhum fica a victoria,
 E a culpa de todos he.

Conjuresê embora o fado,
 Porque muito em que lhe pez
 Hei ser sempre ditoso,
 Pois sempre vosso hei de ser.

Viva eu na vossa lembrança,
 E armese a sorte cruel,
 Que se comvosco me achar,
 Nunca me póde vencer.



Do mesmo Author.

A Santa Clara para se cantar.

C O P L A S.

A La fuente vá del arbol
De la vida , y de la paz ,
Harto más clara , que el dia ,
Clara la flor del lugar.

El vestido es de corderos
Blancos hasta allí , mas ya
Sol el cordero , que busca ,
Es blanco , y negros los más.

La breve planta , que pisa
Con donaire , y gravedad ,
Llamas hirió de la nieve
De que el pie fue pedrenal.

Dulce fuga a los suspiros
Sus ojos haziendo van ,
Que aqui consiste el vencer
En saberse retirar.

Llego en fin al arbol , onde
En cortinas de crystal
A plato de eternos bienes ,
Dios combidandola está.

Glorias presenta a la esposa
 La disfarçada deidad,
 Mientras ofrece una, y otra
 Especie sacramental.

No sobre plumas descansa,
 Mas sobre un madero tal,
 Que a quien cansado se acuesta
 Toda la cama es igual

Dulces voces la combidan
 A la boda celestial,
 Tan llena de asombros toda,
 Que el Esposo es el manjar.

Sinó el Sol, cantando dicen,
 Que era Aurora Clara, mas
 Si lo del Sol fue lisonja,
 Lo de Aurora era verdad.

El prado, el monte, la selva
 A porfia cada qual
 Mucho parabien le dicen,
 Rogandole eterna paz.

Era en su pueblo di Santo,
 Quando en festivo solaz
 Se celebraron las bodas
 De la novia, y del galan.

Cortefanas pompas dexa
 Víctima ya de un altar,

Dexa el oro por la cuerda ,
 La seda por un sayal.

Zagalas , las zagalas ,
 Que bellas triunfais ,
 Que ufanas discurtis ,
 No fieis de las galas ,
 El peligro mirad ,
 Que ay sierpes alli ;
 Como ansi ?
 Como ansi ?

Como que el mundo es traviesso , y ruin.

Mañoso con la hermosura
 Con alegría asegura
 Lo que más pertende de postrar , y herir.
 Bolar , correr , huir ,
 Pues el tiempo , y sus rigore
 A defengaños , y horrores
 La beldad suele acabar.
 Correr , huir , bolar ,
 Pues es el mundo infiel ,
 Y entre las flores traydor
 La vida suele coger :
 Huir , bolar , correr.

Lloran de alegría todos
 Quantos se hallaron alli ,
 Contemplando en Clara hermosa

Bien dichoso Serafin.

No distingue los colores

La vista bien que sutil:

Que las lagrimas estorvan

A los ojos el sentir.

Mas contenta la pastora

Con un donaire gentil

A los que su dicha lloran,

Dixo soslegada assi:

Que llorades, los pastores,

Que llorades, me dizid?

Lloramos nuestros amores,

Que se acabaron sin ti.

Si entre espinas, y entre abrojos,

Clara occultas tu belleza;

No ha de llorar su tristeza,

Quien se queda sin tus ojos?

Iguales somos despojos

De tu beldad, y tus iras:

Matas a rayos, si miras,

Si te vás, matas a enojos.

Como tus luzes emboças,

Y a sombras pardas reduces,

Como dexas lo que luzes?

Como olvidas lo que gozas?

Y como las mas hermosas

Galas , que al mundo enriquecen ,

Desprecias , y te merecen

Estas sombras venturosas ,

No burledes los pastores

(Dixo Clara) a la mi fé ,

Que el esposo , que aqui busco ,

Solo es amante , y fiel.

A las del mundo esperanças

Ninguna se deve fé ,

Si en el Cielo , no me gano ,

En el mundo , que ha de ser ?

A Dios tormentas del mundo ,

Pues dichosa el puerto hallé ,

Que allá en la villa no guardan

A la verdad , ni a la ley.

El Sol galan de la Aurora

A mi esposo , que aqui veis ,

Las luzes pide prestadas ,

Con que os alumbra despues.

Ellos responden: Serrana

Dichosamente fiel ,

La hermosura es liberal ,

Y en vós entendida es.

No escucheis nuestras lisonjas ,

Aunque nuestro amor creéis ;

Antes a sagrado Esposo

Fé tan sagrada ofreced.

Pura sois la ferrana hermosa,

Pura sois, pura fereis:

Pura sois la ferrana hermosa,

Mas que rabie el amor cruel.

Pues sin lastima os quedais,

Mirad, y gusto dareis,

Al gemir de los dos, que escuchais,

Al bailar de los quatro, que veis.

Aquel trono de luzes,

De qué cayó Lusbel,

Te espera por corona

De tu sagrada fé.

Pues te escondes, y olvidas

De nuestro amor la ley,

Yá que llevas tu agrado,

Dexanos tu desden.

Su pena lloran todos,

Y ella a todos cortez

Sin dexarse rogar

Los dexa padecer.

Como lloran los pastores

Sus despedidas, amor

Para que lloren mejor

Les aumenta sus dolores.

Como lloran los pastores, &c.

DE D. THOMAS DE NORONHA

*Abuma mulher, que sendo muito velha,
se enfeitava.*

C A N Ç A M.

E Scuta, ó Sara, pois te falta espelho
Para ver tuas faltas,
Naõ quero que te falte meu conselho
Em presunçoens taõ altas;
Lembrete agora só, que es terra, e lodo;
E em terra has de tornarte deste modo,
Mas naõ te digo, nem te lembro nada,
Porque ha muito, que em terra estás tornada.

Que importa, que algũ tempo a prata pura
De tuas maõs nascesse,
E que de teus cabellos a espessura
As minas de ouro dresse,
Se o tempo vil, que tudo troca, e muda,
Sómente de ouro pôz por mais ajuda
Em tuas maõs de prata o amarello,
E a prata de tuas maõs em teu cabelo.

Se hum tempo foraõ de marfim brunido
No seculo dourado,

Não vês, que o tempo as tem já consumido?
 Não vês, que as tem gastado?
 Deixa, Senhora, deixa os vaões enredos,
 Pois quando toco teus nodosos dedos,
 Me parece, que apalpo sem enganos
 Cinco cordoens de frades Franciscanos.

Viciando a natureza com tuas tintas,
 Com pinceis delicados
 Jasmins, e rosas em teu rosto pintas:
 Deixa estes vaões cuidados,
 Que quanto mais tua cara se alvorota
 Mascara me pareces de chacota,
 E se sem tintas, cuido neste passo
 Que essa mascara está em calhamasso.

Como pertendes pois com mil enganos
 Vestir mil primaveras,
 Se passou a primavera de teus annos?
 Como não desesperas,
 Se o tempo te pôz já no Inverno frio,
 Aonde toda a fruta perde o brio?
 Parecendo teu rosto, e porque enfada,
 Fruta, que se secou, noz arrogada.

Se feitura de Deos Eva não fora,
 Dissera sem porfias
 Que de Eva foste máy, velha senhora,
 Pois te sobejaõ os dias

Para esta presumpção, que agora tenho;
 E concluindo em fim, a alcançar venho,
 Pois alcançar não posso a tua idade,
 Que deves de ser mãe da eternidade.

Parece que teus olhos por consciencia
 A idade os tem metidos
 Em duas lapas fazendo penitencia;
 E estão tão escondidos,
 Que quando os vou buscar, porque me choraõ
 Não acerto com o beco, onde moraõ,
 Porque o tempo os mudou seu passo, e passo
 Da flor do rosto lá para o cachasso.

Se a meus olhos despida te offereces,
 Minha alma logo pasma,
 E estitica nos ossos me pareces,
 Ou quando não fantasma;
 E assim, senhora, se te vejo em osso,
 Com essa cara posta em tal pescosso,
 Me pareces, tirada a cabelleira,
 Em cima de hum bordaõ huma caveira.

Como ainda queres dando em desatinos
 Dar a mininos mama:
 Se já contigo desnamei mininos?
 Deixa essa torpe fama,
 Sabe que sei (e disto não me gabo)
 Que te alugou sem duvida o diabo,

Invejando teu corpo , cara , e dedos
Para fazer a Santo Antão os medos.

Deixa , senhora , deixa o vão cuidado ,
A sagrado te acolhe ,
Primeiro que te ponhão em sagrado ;
Este conselho escolhe ,
Admitte o que te digo sem desgosto ,
Que eu quando vejo teu funesto rosto
Já também delle o seu conselho tomo ,
Porque mudo me diz *Memento homo.*

A huma mulher muito negra.

Do mesmo Author

C A N Ç A M.

Tomo a penna , senhora , e eu concedo
Que a não tomei nunca tanto a medo ,
Como nesta occasião :
Temo de errar , e temo com razão ,
Porque cousa impossivel he acertar
Aonde alvo não ha para apontar :
A quem hei de pedir , que me alumie ,
A quem , senhora minha , que me guie ,
Que hei mister luz , e guia ,
E vou entrando , ainda que de dia ,
Em cousa muito escura quanto a nós ,

Que

Que entro, senhora, a tratar de vós,
 Ainda que, senhora, quanto a mim
 Será tratar de cousa, que não vi;
 Porque ainda, senhora,
 Que vos vejo mil vezes cada hora,
 Nunca vos amostrais distintamente,
 Nunca vos vi, que fosse claramente.
 Querervos eu ou he força, ou he estrella,
 Ainda que eu hoje não sei qual seja ella,
 Com tudo hei de dizer,
 Que estrella he, que me fôrça a vos querer,
 (E perdoai que isto he tomar a salva)
 Que não deve de ser estrella d'alva.

Naõ me queixo de amor, minha senhora,
 Que fora semrazaõ queixarme agora,
 Que quanto já desta vez
 Em me deixar comvosco só, minha Ignéz,
 Amor comigo se mostrou muy franco,
 Porque isto não foy não deixarme em branco.

Canção, se me culparem,
 Confessa a culpa, e pede penitencia
 De eu cahir em tão negra negligencia.

Do mesmo Author.

C A N C, A M.

HOje espero nariz de te afloatar,
 Se para te chegar a maõ me das,
 Ainda que impossivel se me fas
 Chegar a tanto eu, como afloatarte,
 Porque he chegar ás nuvens o chegarte:
 Das Musas a que for mais nariguda,
 Mandalhe, que me acuda,
 Que se a fonte
 De Pegaso he verdade está n'hum monte,
 O mais alto de todos em ti está,
 Porque monte tão alto não no ha.

Falta o saber, nariz, para o louvor,
 De que es merecedor,
 Que hei de dizer?
 Para espantares tu haõ te de ver,
 Porque nunca se pôde dizer tanto,
 Que faga como tu tão grande espanto.

Es tão grande, nariz, que ha opinioens;
 E prova-o com razoens
 Certo moderno,
 Que em comprimento es, nariz eterno
 Porque ainda que principio te seubamos,

Noticia de teu fim nunca a tivemos :
 Cuido que sem narizes , por mostrar
 Seu poder em acabar
 Sua grandeza ,
 Deixou gente sem conto a natureza ;
 Que affoas , Gabriel , quando te affoas
 Os narizes de mais de mil peffoas.

Aos mais narizes dás o ser que tem
 Nariz ; e daqui vem
 Que nossos são
 Os narizes, em que ha mór perfeição ;
 Que se os negros os tem esborrachados,
 He porque estaõ de ti mais apartados ;
 Dos mais narizes todos he sabido
 Terem hum só sentido ,
 E he assi ,
 Mas em ti como corpo de per si
 Cinco sentidos ha , que em conclusãõ
 Es nariz , que tens usõ de razaõ.

E ainda que espante tanto nesta idade ,
 Que por monstruosidade
 Sejais tido
 Nariz , a muita gente tenho ouvido ,
 Que ainda has d'espantar mais na que ha de vir,
 Porque ainda ha muito em ti por descobrir.

Vaite Canção , e dize a este nariz

Que eu sou o que te fiz ,
 E para lho dizeres
 Daqui , onde estás , podes , se quizeres ,
 Naõ tens necessidade de abalarte ,
 Porque este está em toda a parte.



A MORTE DA SENHORA D.
 Maria Coutinho, a que se tinhaõ
 elcrito muitos versos.

De D. Thomás de Noronha.

S O N E T O.

MOrreo Maria Coutinho, isto se sofre!
 A fé de homé de bem, que he demazia,
 Que se atreva a hum rosto de tauxia
 Huma villá ruim, que fede a enxofre:

Em fim seraõ deposito de hum cofre
 Olhos, que eraõ deposito do dia;
 Em fim ha de comella a terra fria
 Sem que primeiro a case Santo Onofre.

Anda por hi berrando a gente agora,
 E a todos em seu pranto a Musa corre,
 Ha tamanha loucura, ha tal canseira!

Morra Maria Coutinho, morra embora,
 Que antehontem tambem sendo huma torre
 Morreo minha vizinha a pasteleira.

A'S

A'S POESIAS, QUE SE FIZERAM
 a huma queimadura da maõ de hu-
 ma Senhora.

Do mesmo Author.

S O N E T O.

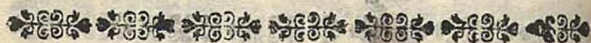
O Maõ naõ de crystal, naõ maõ nevada,
 Maõ de relógio fim, pois que podeste
 Nesta misera terra, em que nasceste,
 Fazer dar tanta infinda badallada.

Que maõ de almofariz enxovalhada
 Foy tal, como tu foste, ó maõ celeste,
 Pois foste, quando mais resplandecente,
 Em tantas de papel taõ mal louvada.

Nem de Scevola a maõ negra, e grosseira,
 Queimada entre murroens publicamente,
 Merecia taõ miserias poesias.

Mas louvo-as de sutis em graõ maneira,
 Pois que para apagar a flamma ardente
 Se fizeraõ de industria assim taõ frias.

PRA.



PRAGAS, SE CHORAR MAIS
 por huma Dama cruel.
 De D. Thomás.

S O N E T O.

De consoantes forçados.

N Aõ socegue eu mais , que hũ bonifrate,
 De ourina sobre mim se vaze hum pote,
 As galas , que eu vestir, sejaõ picote,
 Com sede me dem agua em açafate.

Se jogar o xadrez, me dem hum mate,
 E jogando ás trezentas hum capote,
 Faltemme consoantes para hum mote,
 E sem o ser me tenhaõ por orate.

Os licores , que beba, sejaõ mornos,
 Os manjares , que coma, sejaõ frios,
 Naõ passe mais rua , que a dos fornos.

E para minhas chagas faltem fios,
 Na cabeça por plumas traga cornos,
 Se meus olhos por ti mais forem rios,

EM NOME DE HUMA SUA FACA

Do mesmo.

S O N E T O.

E Stou, e com razão estou pasmada
 De que humas cabeçadas só a mi
 Me não desse meu amo, sendo assi
 Que dá meu amo tanta cabeçada.

Que nesta casa, aonde fuy creada,
 Aonde o que hoje vejo, e o que vi,
 He tudo huma palhada quanto ha aqui,
 Só para mim não haja huma palhada?

Com hū rincho, e outro rincho estou fazêdo,
 Ou me estou desfazendo, porém já
 Pouco me importa, pouco me releva.

A hū rincho, e a outro rincho, aonde sendo
 Farelo leva tudo o que aqui há,
 Só para mim não ha farelo leva!

A' MOR.



A' MORTE DE FRANCISCO
Rodrigues Lobo.

Do mesmo.

SONETO.

D Esdourem-se as areas do Pactolo,
Turvem-se as claras aguas do Canópo,
O bebado de Bacco entorne o copo,
Rache a guitarra o franchinote Apollo.

Defencachese o Ceo de polo a polo,
A douda Venus morra, e o seu cachopo,
Em fim pereça tudo quanto topo,
Que a Lereo matou o villaõ de Eolo.

Por Jesu Christo se entre maõs tomara
Este villaõ ruim, o Rey do vento,
Com hum vergalho de boy o debreara.

Por S. Pedro do Ceo, que hum momento
A miseravel alma lhe mandara
C'um piparote ao reino do tormento.


SONETO.

O Sofrimento meu cordeiro mudo,
 Por minha propria mão sacrificado,
 Nunca pode deter o golpe irado,
 Nem pôde suspender o ferro agudo.

Innocencia não val, não monta estudo
 Onde serve a razão, domina o fado,
 Que he infelice ás vezes o cuidado,
 He venturoso ás vezes o descuido:

Pois não vale o silencio reverente,
 Quero ver se o meu grito o bem me apura,
 Se hum queixume fallado se consente.

Mas ay, q̃ cansa em vaõ quem bem procura,
 Que he martyr cada qual do mal, que sente:
 Ninguem he architecto da ventura.



A HUNS NOIVOS, QUE SE
 foraõ receber, levando elle os vesti-
 dos emprestados, e indo ella
 muito doente, e chagada.

SONETO.

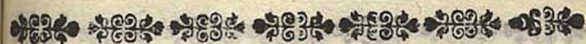
De D. Thomás.

SAhio a noiva muito bem trajada,
 Sahio o noivo muito bem trajado,
 O noivo em tudo muito conchegado,
 A noiva em tudo muito conchagada.

Ella huma enagoa muito bem bordada,
 Elle hum capote muito bem bordado,
 Do mais do noivo tudo d'emprestado,
 Do mais da noiva tudo d'emprastada.

Folgámos todos os amigos seus
 De ver o noivo assim com tanto brio,
 De ver a noiva assim com tantos brios.

Disselhe o Cura entaõ: Confio em Deos,
 E respondeo o noivo, e eu confio,
 E respondeo a noiva, e eu com fios.



A DUAS REGATEIRAS

selejando.

Do mesmo.

SONETO.

CLara, e alva sejais, Clara Vicente,
 Vedes tamanho mal! Que esta malvada
 Tem lingua, e quer fallar em gente honrada,
 Sabendo vós quem he, e de que gente.

Por isso o mundo vay de balravente!
 Assim veja eu Brites bem casada!
 Que em quanto disse, e falla esta coitada,
 Com quantos tem na boca, todos mente.

Vós vedes, e quaõ má lingua he de praga,
 Ora em fim cada qual dá o que tem,
 Porque isto em mim não faz, nem desfaz nada;

Que a que he boa, e honrada, não se apaga
 Com ditos de huma çuja, olhai de quem?
 Louvado seja Deos, sou bem casada.

AO CONDE DE LINHARES, QUE
matando em Africa hum leão, se lhe
fizeraõ muitas poesias em louvor,
q̃ vendo-as o Author, fez este

SONETO.

Do mesmo.

MAtou o Senhor Conde de Linhares
Hum leão, porque tudo se publique;
Muy grande sonetada o testifique
Vozeandolhe vozes populares.

Vós vedes, que graõ preza de aduares,
Que vitoria celebra este repique,
Que assalto em Fládras, e que rota em Dique,
Que expulsão de piratas desses mares?

Que lanças tremolantès vitorioso
(Qual outro já pregou) vemos fixadas
Nessas portas de Féz, ou de Marrocos?

Se fama alcançar quer de valeroso
Rompa esquadroens de Mouros ás lançadas,
Naõ faça c'um bichinho tantos cocos.

AO CONDE DE PENAGUIAM MAN-
dandolhe pedir duzentos cruzados por
hum Cabra muito disforme.

SONETO.

Do mesmo.

ESte enano, chinchilha, farriquoque,
Esfrega pratos, mestre servilheta,
Este meyo vintem, este galheta,
Este, que me parece alvaricoque,
Que em pipa servir póde de batoque,
E em bando de bugios de trombeta,
Este carinha em fechos de gaveta;
E bolla de jogar o toqueumboque.

Este, que he mais redondo, que comprido,
Com calças de imperiaes, e de enrocados,
Este pouco, este nada, este ninguem,
Pago fora, Senhor, e vós servido,
Se os duzentos, que diz a cobrar vem,
Açoutes foraõ, como sabõ cruzados.



S O N E T O.

Do mesmo.

Quer seja com razaõ, quer sem razaõ,
 Vingate embora, amor, naõ me dá nada,
 E sem temer do Cunha outra pedrada,
 Podes fazer de mim hum Saõ Sebastiaõ.

Porém lembrote, amor, que o coração

Quero, que seja parte reservada,
 Que está nelle Dona Anna retratada,
 Se naõ tira o Flamengo o caparaõ.

Se aquella formosura to consente,
 Que só na minha vida tem poder,
 Matame embora, amor, eu te asseguro.

Daqui desherdo todo o meu parente,
 Que te accusar; e aquelle, que o fizer,
 Naõ herde as casas, e nem herde o juro.



 A HUMA MENTIRA, QUE
 disse João Galvão.

S O N E T O.

Do mesmo.

DEbaixo hum dia do estandarte Real,
 He testemunha o Conde de Linhares,
 Tu, que as costumaz pespegar aos pares,
 Que es das mentiras fonte perennal.
 Huma te ouvi entãõ, que outra tal,
 Com eu te ter ouvido mil milhares,
 Naõ ta ouvi, como esta, a te lembrares,
 Foy sobre a fogaça do Pombal.
 Por JESU Christo, que mostraste entãõ,
 Como mestre, que es, e taõ famoso,
 Engenho, arte, entendimento, e traça.
 Pois se esta fogaça, João Galvão,
 A ganhaste tu já, de mentiroso
 Te concedemos todos a fogaça.

DO

Do mesmo Author.

A HUM AMIGO.

ROMANCE.

P Ara que saibas, velhaco,
A merce, que Deos te fez,
Em te livrar destas mãos,
Que não foy pequena a fé.

Huma noite, que te houvera
Eu de assentar os meus dez,
A não gritar meu sobrinho,
Tá tio, que vos perdeis.

Quando em casa de D. Diogo
Fiquei feito hum S. Miguel,
Por ter a espada no ar,
E por te ter a meus pés.

E quando na Capitania
Te colhi em o convez,
Hum dia, que nessa calva
Te fiz o ches meninés.

Te quero contar a briga,
Que cá tive em Alemquer,
Ainda que tu a não creas,
Que sey que a não has de crer,

Se perguntas quantos eraõ:

Eraõ os tribus de Israel,

Se naõ chegavaõ a quarenta,

Eraõ mais de trinta, e tres.

Ah Galvaõ, se aqui te viras

Como houueras de correr!

Que de muito menos gente

Te vi já escafeder.

Mas com tudo o bom Thomás

Nunca lhe virou o envez,

He verdade que de ilharga

Me virei alguma vez.

Acolheraõme no meyo

Sem me poder acolher,

Bem quiz eu tomar o tolle,

Mas naõ no pude fazer.

Do troço de huma alabarda

Naõ me ha a pulga de comer,

Começáraõ a zurzirme,

Houveraõme de moer.

A naõ vir o Figueiredo,

Quillo Deos alli trazer,

Vi hum Anjo, quando o vi,

Porque entrou dizendo ter.

Cobrei eu animo entaõ,

Comeceime de meter,

Por saõ Pisco d'um páo velho
Que folgaras de me ver.

Naõ sabes como brigava,
Naõ to sei encarecer,
Estocadas para mim
Por Deos, que eraõ paõ, e mel.

Se tu me viras ent e elles
Aqui talho, alli revez,
Naõ tinha de ver com nada,
Feito andava hum tavanez.

Hei de mostrarte huma capa,
Que me servio de broquel,
Toda está feita em retalhos,
Haste Galvaõ de benzer.

As pedradas eraõ tantas,
Que faziaõ escurecer
O Sol, que estava parado
Sem lho pedir Josué.

A gente toda gritava:
Tenhaõse vossas mercés;
Quebramos mais de tres varas
Da justiça do Marquez.

Em fim todos se tiveraõ
Por se naõ poderem ter;
A briga durou huma hora,
Que me pareceo hum mez.

Tiveme eu tambem , e mais
 Não foy muito em que me pez ,
 Erguendo o chapeo do chaõ ,
 Que eu briguei muito cortez.

E metendo na bainha
 A que o Soares me fez ,
 Vendo , que se tinhaõ todos
 Disse: *Consummatum est.*

*Subindo o Author de gala em dia , que se celebraõ
 vaõ os annos delRey no anno de 1642.*

R O M A N C E .

Vestido sayo á Franceza ,
 Ou pelo menos mostrando
 Que he roupa de Francezes
 O vestido , com que sayo.

Capotillo , que sem ser
 Grã o panno , de que o faço ,
 Me faço como huma grã
 Se encontro o dono do panno.

Tali , e luvas bordadas
 De ouro , que foy tirado ,
 Quando não pela fieira ,
 Ao menos pelo fiado.

O espadim me gabaõ todos,
Elles gabarmechaõ os cabos,
Mas o que os cabos me fez,
Naõ me ha de gabar no cabo.

O chapeo, por ser costume,
E eu por ser costumado
A naõ pagar os chapeos,
Vai sem forro, e naõ vai pago.

Naõ tanto de toda a contra
He o jubaõ de setim, quanto
O naõ fazer conta delle
Quem o naõ vio de contado.

Coura d'anta, que ao Flamengo
Ha de inda ser necessario,
Posto que á prova ma deo,
Provar como ma tem dado.

Os calçoens com muito estofo,
E com ser o estofo tanto,
Ainda de estafados tem
Mais, do que tem de estofados.

Sapatos de salto levo,
E meyas de sobrefalto,
Que me daõ os que venderaõ
As meyas, e os sapatos.

Nos sendaes de palmo a renda,
E sem de renda haver palmo,

Pago na palma da mão
Ao que a vendeo aos palmos;

E tudo dado a pagar
Mais a prazos, que com prazos,
Por mo darem, praza a Deos
Que nos pague o que lhe damos.

Com isto os annos festejo
De quem viva tantos annos,
Quantos os que a paga esperaõ,
A haõ de estar esperando.

A huma Regateira.

ENDECHAS

Do mesmo D. Thomás.

A Minha Isabel
Sahio esta tarde
A matar de amores,
A vender gorazes.

Deitada ao pescoço
A beatilha leva,
Pois de desprezar
Sómente se preza,
Por fresco apregoa

O peixe , meu bem ,
 E no apregoar fresco
 Quanto sal que tem !

Gadelhinhas louras ,
 Que pelas gadelhas
 A minha alma anda
 Pendurada nellas.

Em continhas brancas
 Estremos vermelhos ,
 Porém como ella
 Não ha tal estremo.

Memoria de prata
 Metida no dedo ,
 Vá-se embora o ouro ,
 Que não tem tal preço.

Sainha de panno ,
 Barra de velludo ,
 Mantilha vermelha ,
 Sapata em pantufo.

Ao passar lhe disse
 Pela requebrar :
 Senhora Isabel
 Quem fora goraz !

Fizeralhe eu logo
 Depressa hum Soneto ,
 Porque de Poeta

Tenho meus douz dedos

Porém neste passo

Entrou Bastiaõ,

Pedi-me dinheiro,

Dei a tudo de maõ.

Vindo o Author de Ceuta.

R O M A N C E.

EU vim agora de Ceuta,

E fiz façanhas notaveis,

Quando em valentias não,

Ao menos em disparates.

Por fugir hum dia aos Mouros,

Que ainda estavaõ em Alcacer,

Fui rodando hum valle abaixo

Por hum espaço mui grande.

Assim que nesta occasiaõ

Posso afirmar com verdade,

Que se não fui Rodamonte,

Fui ao menos rodavalles.

Mil vezes o Capitaõ

Me pedio o aconselhaffe,

Estando o Alcaide no campo,

Se iria buscar o Alcaide,

Eu sempre lhe disse nones,
 Assim, que nestes debates
 Fui sempre dos doze nones,
 Se não fui dos doze Pares.

Se não fui Cid Rui Dias
 Vigiano em baluarte,
 Fui logo Cid ruins noites,
 Pelas passar, quaes Deos tabe.

Se não fuy Lopo Barriga
 Em hum, e em outro alcance,
 Fui logo Lope de Costas,
 Que nunca me puz diante.

Espero, que os do Conselho
 Hoje taõ propicios ache,
 Que sem servir quarenta annos
 Com duzentos me despachem.

Determino ir á Corte
 E ver a elRey, que Deos guarde,
 Que o que fiz sobre hum cavallo,
 Sobre hum asno se me pague.

A huma boca grande.

R O M A N C E.

Do mesmo.

P Ara que de boca em boca
 Ande essa tua, Belisa,
 Pedelhe lá, que pois póde,
 Empreste boca a esta minha.

E ouvirás della mil cousas,
 Que por mais longe que vivas,
 Se tens como boca orelhas,
 Onde estás, pódes ouvillas.

Naõ digo da que has mister,
 Mas da que em ti se esperdiga,
 Belisa, a faltarem bocas
 Para mil rostos a havia.

O' tu que de orelha a orelha
 Para que caibas ainda
 Te fez cára com ensanchas
 A natureza provida.

Quando te vejo taõ grande,
 Sobre esses chapins subida,
 Por ti creyo, que se disse
 Tua boca tua medida.

V
 J

Ja desejei de saber,
 Se mais de huma lingua tinhas,
 Que a tanta boca não posso
 Crer, que baste huma só lingua.

Tanto pela terra dentro
 Tenho a grande bem que assistas,
 Que a seres de Sacavem
 Quem te passára em tres dias?

Estou, boca, havendo medo
 Que do que digo te rias,
 Quem deixaria de o ter,
 Se de par em par te abriras!

Quero acabar, que não quero
 Que tu, que me ouves, digas,
 Que são as minhas razoens,
 Como essa boca, infinitas.

*A huma Dama, que se queixava de que seu aman-
 te lhe não dava cousa, que fosse, ou viesse; e
 elle lhe deo muita pancada.*

REDONDILHAS.

Do mesmo.

Vossa mercê me parece,
 Senhora, que se queixava,
 Que

Que Dom Fuaõ lhe naõ dava
Cousa que fosse, ou viesse.

Porém já agora, ao que eu creyo,
Vos naõ queixareis, Senhora,
Que eu sey que vos deo agora
Cousa que foy, e que veyo.

Ciumes diz que o causáraõ,
Em que ninguem o desculpa,
E todos vos poem a culpa,
Se foy como me contáraõ.

Póde elle estar o queixoso
Que vós nesta briga vossa
Estarieis ociosa,
Que elle naõ esteve ocioso.

Houve muito duvidar
Quando aqui no lo disseraõ,
Huns creraõ, outros naõ creraõ,
E naõ he para espantar.

Que até lá aonde passou,
Conforme aqui adivinho,
Duvidou Santo Agostinho,
São Paulo naõ duvidou.

Direi, que em fim sois discreta,
Que isto nestas trovas dadas
Mais parecem bordoadas,
De cego, que de Poeta.

Eu o sou , e o não nego ,
 Eu sou o que o sinto mais
 Não vos parecerem as taes
 De Poeta , e não de cego.

*Do mesmo D. Thomás de Noronha
 a hum Escudeiro.*

D E C I M A.

POr aqui anda Fuaõ
 No seu frizaõ de contino ,
 Elle he de marca dino ,
 E de Dinamarca o frizaõ.
 Dizemme que lhe daraõ ,
 E ouvi os tinhaõ contados ,
 (Eu não sei se são cruzados)
 Duzentos , e não me espanto
 Tanto de lhos darem , quanto
 De lhos não terem já dados.

*A hum homem , que namorava muy re-
 costado.*

C O P L A.

HOmem de ti se faraõ
 Cousas muy novas , e velhas ;
 Faraõ

Faraõ trempres , faraõ grelhas ,
 Espetos direitos não.

Do mesmo Author.

*A hum Fernão Pó dandofelhe muita pancada com
 hum remo em casa de sua dama.*

D E C I M A S.

SE acaõ o que tenho ouvido
 Por esta terra assim he ,
 Senhor Pó , vossa merce ,
 Dizem , que o tem sacodido ;
 Pelo que tenho entendido
 Que de hoje em diante já
 Vossa merce não será
 Fernão Pó , mas será só
 Fernando , que não tem pó ,
 Pois taõ sacodido está.

2

Colheovos o velho máo ,
 Oh velhice deshumana !
 E de pescador de cana
 Vos fez pescador de páo :

Cum

C'um remo por varapáo
 Vos vareja em tal estremo ,
 Que errando a porta , temo
 Acerteis com a janella ;
 Vós entraríeis á vélla,
 Porém sahistes ao remo.

3

Quando em vossa casa agora
 Moe todo este lugar ,
 His vós á alheya buscar
 Quem vos moa lá por fora :
 Oh quanto melhor vos fora ,
 E fora melhor partido
 O terdes , Senhor , sabido ,
 Inda que hoje o tendes já ,
 A differença que ha
 De moer a fer moido.

Do mesmo Author.

A hum homem, que lhe devia cem mil reis.

D E C I M A S.

I

P Erdoe vossa mercé ,
 Se he que mereço perdaõ ,

De

De nesta resurreiçãõ
 Sêm fer Thorré fer Thomé:
 Direis que he falta de fé,
 Pois a fé, que duvidáraõ
 Mais de dous, que aqui se acháraõ,
 E eu com contar, e com ver
 Ainda naõ hei de cter
 Que os cem mil resuscitáraõ.
 Praza a Deos, Senhor Fuaõ,
 Oh quanto que o temo eu!
 Que quem má Paschoa me deo
 Que me dê máo S. Joaõ:
 Dizeis, que me pagaráo
 Este vosso logo á vista
 Dia de Saõ Joaõ Bautista;
 Oh praza a Deos ainda mais
 Que neste Saõ Joaõ sejas
 Saõ Joaõ Euangelista.

D O M E S M O

Tendolhe furtado hum tacho.

D E C I M A.

Senhor o voffo Morais

Obrigado muito se acha,

Pois sabe, que quando os mais

Todos aqui me táchais

Elle he só quem me deo tacha:

E eu mesmo, Senhor, tambem

Obrigado muito me acho,

Com muita razaõ a quem

Naõ só ter tacha, mas nem

Póde sofrer ter eu tacho.

D O M E S M O.

*A huma velha muito feya, a quem derão huma nava
lhada pela cara, a qual tinha huma sobri-
nha muito formosa.*

D E C I M A.

A Moça rara pessoa,
E com huma, e boa cara;

A

A velha pessoa rara,

E a cara com huma, e boa:

A moça naõ ha pessoa,

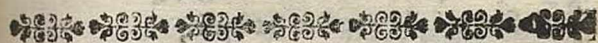
Vendo-a taõ bem affombrada

Que naõ diga, oh bem casada,

Oh bem empregada, e tambem

A' velha vendo-a, naõ ha quem

Naõ diga, bem empregada.



D O M E S M O

*Perdendo hum homem ao jogo o dinbeiro, que lhe de-
raõ por huma bofetada.*

E P I G R A M M A.

QUE houvesse tanto espantar,
E eu naõ me espanto, que houvesse
De que eu a parar perdesse,
Ganhando-o eu a aparar:
Mas com razaõ espantadas
Estaõ, e estaõ espantados,
De que eu reparasse aos dados,
E naõ reparasse ás dadas.

V. Parte.

R

DO

D O M E S M O

A hum caõ de mostra, que lhe deixáraõ, o qual se chamava Basbaque.

D E C I M A.

B Asbaque ainda não mostrou
Ser caõ de mostra atéqui,
Salvo em só mostrarme a mi
Que o basbaque que eu o sou;
Não pequeno, pois estou,
Sem ser caçador, a hum caõ,
Que he vossõ, dando o meu paõ:
Quanto a mim isto he ser mais,
Que elle he basbaque não mais,
E eu sou o basbaqueiraõ.

A D. Affonso de Noronha sendo Provedor da Misericordia, mandandolhe hum cavallo muito magro.

D E C I M A.

N Aõ me espanto de vir tal,
Qual vem este meu rocim,

Porque vem, senhor, em fim,
Como quem sahe do Hospital:
Nelle, que chamais Real,
Segundo elle affirma, e jura,
Será por desgraca pura
Não sarar qualquer doente,
Se assim adietais a gente
Como esta cavalgadura.

A hum Fidalgo, que se ficava com quanto lhe era prestavaõ, e pedia a Dom Thomás de Noronha hum capa de caminho.

D E C I M A.

M Ando a capa de caminho,
Supposto que fico allás
Receoso sendo Thomás,
De que hoje seja Martinho:
Mas se he o que eu adivinho,
Se vay a fallar verdade,
Será muito nesta idade
Quererdes vós, meu senhor,
Que a dê toda hum peccador,
Dando hum Santo só ametade.

C A N Ç A M

A' BATALHA DE MONTES CLAROS,
offerecida a Sua Magestade

*Por Mendo de Foyos Pereira anno de
1665.*

M Onarca Augusto, Cesar Lusitano,
Que nas ruinas do soberbo Hispano
A' vossa fama levantais colossos,
Nestes accentos meus, applausos vossos,
Que se alento me dais, com grande alento
Clarim a penna, do triunfo a pompa,
Farei sonoro, que elles polos rompa;
Pois de louros, e palmas carregado
A vosso carro triunfando ha dado
A fama as azas, e a fortuna as rodas.
Ardente rayo, Sol resplandecente
Alegre goza, lamentavel fente
A vossa espada nua na campanha,
Vencedor Portugal, vencida Hespanha;
De Aguias reaes a vista mais attenta
Naõ póde ver a luz, o incendio em brazas
Lhe cega os olhos, e lhe queima as azas,
E depois do Leão rugente entrado,
Que signo serve a tanto Sol dourado,

Ecli.

Eclipsadas vereis as luzes suas,
Hiberios Astros, Ottomanas Luas.
Com peito forte, com furor activo
Fallava oufado, blasfonava altivo,
Mas vencida a soberba, grande ha dado
Com suas vozes vossa fama o brado;
Que ao triunfo lhe daõ de muitas vidas
Vozes as queixas, bocas as feridas;
E se o estrondo confuso ao mundo atroa,
Com suas penas vosso nome voa;
Ao qual na esfera, que immortal penetra,
Cada estrella lhe serve de huma letra,
Gom que tomando a cada signo o bronze,
Nas onze esferas tem estatuas onze.
E seus soldados pouco discursivos,
Para nós mortos, e para elles vivos,
Se erguião templos, nos abriaõ fossos;
Os fossos foraõ seus, e os templos nossos;
E no templo sagrado, á vossa guerra
Defunta Hespanha, sua fama enterra,
E della os vivos em pedagos feitos,
Com agua os olhos, e sem sangue os peitos,
De sangue quente vem de corpos frios
Nos campos montes, e nos montes rios;
Ficando cada monte a vosso espanto
Capitolio pequeno a Jove tanto.

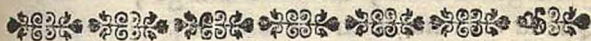
Nas

Nas mãos a palma , na cabeça o louro ,
 Talhavaõ jaspes , e cravavaõ ouro ;
 E essa pedra , e metal nas praças nossas
 Fica em sepulchros seus estatuas vossas ,
 Deixando a vosso culto singulares
 No ouro coroas , e no jaspe altares ,
 Que vem humildes , servem reverentes
 Naçoens vizinhas , e remotas gentes
 De America , Asia , de Africa , de Europa ,
 Nas quaes Alcides as estrellas topa
 Erguendo vossa fama , e mais fortunas
 Quantas as partes , tantas as columnas.

Com pouco alento , menos ousadia
 De nos vencer Hespanha desconfia ;
 E se ainda hoje esperança alguma encerra ,
 E suas trombetas nos publicação guerra ,
 Em os ecos do vento o som retumba ,
 Já os mesmos ecos lhe respondem tumba.
 Com que á razão attenta mais lhe importa
 Fechar a porta á guerra , á paz a porta
 Abrir amiga , porque entaõ sómente
 Unida ao seu Leão nossa Serpente
 Seraõ as suas garras triunfantes
 Em mar , batalhas , terras , elefantes.

Canção, a tua voz agora he pouca ,
 Pois entre as vozes das sonoras tubas

Até a fama de gritar he rouca,
 Mas para que aos Astros subas,
 Sem que haja estrella, que a teus pés se negue,
 De flores carro triunfante segue.



ARDENIO ENFERMO DE
 amores.

Por Fernão Correa de Lacerda.

R O M A N C E.

EN el hospital de amor,
 Do muere infinita gente,
 Y labiendo de que mal
 Es solo de lo que quieren.

Y entre los de Cirurgia
 Ardenio estava doliente,
 Curandose de una llaga
 Que dentro del alma tiene.

Al entendimiento llama
 Medico viejo, y prudente,
 Y antes de tomarle el pulso
 Le hizo esta platica breve;

Ya

Ya sê que en este hospital
 Amor, aunque ciego, tiene
 La plaça de Cirujano,
 Y que mata quanto puede.

Plegue a Dios, Ardenio amigo,
 Que la vida no te cueste
 Oy el ponerte eu sus manos
 Con llagas, que ya no sientes.

Y por ser corto de vista
 El que es Cirujano pierde;
 Amor, que es de todo ciego,
 Que cura havrá, que no yerre!

Para curar llagas viejas,
 Mejores manos requieren
 No las tuyas venenosas,
 Que son torpes, y crueles.

Y si no miren su estuche
 Las herramientas que tiene,
 Y verán, que es un carcaz
 Con flechas de varios temples.

Este se puede llamar
 Matafanos propriamente,
 Que no ay sano, que no mate,
 Y no ay viejo, que no entierre.

En esta convalecencia
 Viene Libertad a verle,

Una garbosa Señora,
Que le dixo verdad siempre.

Ay amiga Libertad,
Dixo Ardenio, no me dexes,
Que no he tenido salud
Despues, que estuviste ausente.

Pienso que fue mal de ojos
La causa del accidente,
Por ver unos ojos negros,
Yo vine a estado de muerte.

Dexeme curar del Tiempo,
Un Medico, que si quiere
A los eticos de amor
Curar sus llagas bien puede.

Despedile de mi casa,
Y procure que veniesse
Interes, y aunque costoso
Mata, y sana, pero breve.

Cureme con el dos años,
Y sucediome de suerte
Que me quedé con sus males,
Y el se quedó con mis bienes.


Visitóme la Esperança,
Una muger, que promete
Dar salud al mas enfermo,
Y acertarlo menos vezes.

Puseme em manos de Ausencia ;
Una villana , que tiene
La mayor gracia en curar,
Que se conoce en mugeres.

Al fin ella me curó ,
Haziendome que bebiesse
De la botica de Olvido
Una sustancia del Lethes.

Y assi en el mal de los zelos
Ya la calentura ardiente
Esta passion amorosa
Gracias a Dios no me viene.





A HUMA DAMA, QUE MORREO
 poucos dias depois de hum eclipse do
 Sol.

SONETO.

N Aõ viste, ó Licio, o ar de horror vestido
 Arrastar negras sombras enlutado?
 Melancolico o Ceo como enfiado
 No regaço da noite adormecido?

Naõ viste, que de luz destituído
 Deo ao orbe celeste esse cuidado
 O Sol, pallidamente agonizado,
 De opposiçãõ maligna comprehendido?

Pois agora verás no mal presente
 Pela morte de Filis toda a esfera
 Padecer alta dor, grave accidente.

Que se em fim nesta ordem, que se altera,
 Por hum Sol eclipsado isto se sente,
 Por hum Sol já defunto que se espera?

DE ANDRÉ RODRIGUES DI
Matos.

SONETO.

A Legre pinta fillo, flor vivente,
 Não canres, lisongea hum desgraçado:
 Suave fontezinha, alma do prado,
 Não corras, acompanha hum descontente.
 Vejo que entre essas ramas livremente
 Festivo zombas de meu triste fado:
 Julgo, que entre essas penhas sem cuidado
 Murmuras rindo do que peno ausente.
 Mas já que corres livre, sem demoras
 Bate essas azas, accelera o passo,
 Vai ligeira saber de hum bem, que adoro:
 E se queres chegar em breves horas,
 Voa com estas penas, que aqui passo,
 Corre com estas aguas, que aqui choro.

SABENDO FABIO QUE CLORI,
 a quem amava, lhe era ingrata, tendo hū
 retrato seu em huma lamina de
 bronze, o lançou em huma fun-
 dição de artilharia.

Do Doutor André Nunes da Silva:

SONETO.

N Este golfo de bronze liquidado
 A vehemencias do fogo ao bronze aug-
 deste incentivo o fogo mais ardête, (mête,
 Este de Clori o mais fiel traslado,
 Copia foy, em que esteve debuzado
 O rigor seu, que inda minha alma sente;
 Abrande o fogo hum peito irreverente,
 Que abrandar nunca pode o meu cuidado,
 Ao bronze o bronze nesta forja unido
 O requinte será do horror insano,
 Nos Marciaes instrumentos dividido.
 Seu rigor tema todo o peito humano,
 Se foy a mayor settã de Cupido,
 Será o mayor estrago de Vulcano.

A' SENHORA D. ISABEL PRINCEZA
de Portugal havendo morto em Salva-
terra hum javali com hum tiro.

*De Bernardo Vieira Ravasco irmão do
Padre Antonio Vieira.*

DECIMAS.

I

EL famoso javali
De Erimantho en campo abierto
A manos de Hercules muerto
Entre sus trabajos vi:
Pero aquella hazaña aqui
Pierda ya la admiracion,
Pues con más bisarra accion
La mayor Ninfa del Tajo,
Lo que Hercules con trabajo,
Haze por recreacion.

2

Salió Venus Lusitana,
Que a Vulcano usurpa el arte,
A ser afrenta de Marte

En

En fatigas de Diana:
Marte su gloria profana
Transformado en javali
Por la de morir alli;
Ella fulmina, el murió
Al rayo de plomo, nó,
A los de mirarle, si.

3

Cesse la cavallaria,
Venablos, monteros, perros,
Tantos fuegos, tantos hierros,
Tanta madrugada fria;
Que para la montaria
De todo el bosque, que reta,
Sin desvelos de trompeta,
Ni de cavallos tropel,
Basta sola una Isabel,
Y en su mano una escopeta.

SO

SONETO.

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão azinha
Em tão compridos annos de tormento.

As minhas torres, que fundei no vento,
O vento as levou, que as sustinha:
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas sempre no melhor desaparece.

Ah triste fado! Ah grave desventura!
Por hum pequeno bem, que desfalece,
Aventurar hum bem, que sempre dura.

GLOSA:

E Sperei, e esperança he morte amarga,
E só força de puro amor se atreve
Em dura ausencia a tão pezada carga,
Que no nome de amor se torna leve:
Nunca me pareceo, que de tão larga
Esperança tirasse hum bem tão breve,
Pois foraõ as que se foraõ, como o vento,
Horas breves de meu contentamento.

São os gostos de amor imaginados
Muy grandes sempre, e ficaõ muy pequenos
Quando por tempo vem a ser gosados,
Porque costuma o bem ser sempre menos:
Nunca me pareceo, gostos passados,
Que assim vos acabasseis, pelo menos
Que vos mudasseis em desgraça minha.
Nunca me pareceo, quando vos tinha.

Nunca me pareceo, glorias passadas,
Que passasseis com o bem que vou seguindo,
Com suspiros, e ays, e com cansadas
Lagrimas, que dos olhos vaõ cahindo:
Nunca me pareceo, arrebatadas

Horas , causa do mal, que estou sentido ,
 No tempo, em que com tervos me mantinha ,
 Que vos visse mudadas taõ azinha.

4

Nunca me pareceo, que tanta gloria
 Se convertesse em mal, e que eu o vira ;
 Deraõ meus gostos fim , e desta historia
 Sempre me lembro , sempre a alma suspira :
 Se perdera com elles a memoria
 Naõ me lembraraõ mais , naõ os sentira ;
 Mas ficoume com ella o sentimento
 Em taõ compridos annos de tormento.

5

Nunca me pareceo , que me custasse
 Tanto alcançavos , e depois de tervos
 Nunca tive receyo que chegasse
 Com o tempo vario o tempo de perdervos :
 Cuidei que tanto bem nunca acabasse ,
 Naõ soube no principio conhecervos ,
 Mas já agora desfez o entendimento
 As minhas torres , que fundei no vento.

6

Quanto fingia , a tudo assegurava ,
 De nada me temi , vendome posto
 Aonde em quanto a alma se elevava
 Dava final de bem , de gloria , e gosto :

Mas

Mas quanto mais a vista se empregava
 Na falsa luz do Sol, o vi transposto;
 Que as falsas causas desta gloria minha
 O vento as levou, que as sustinha.

7

Mil noites padeci de ausencia dura
 Por hum só dia, que amanhecendo,
 Logo a sombra senti da noite escura,
 Que veyo antes de tempo anoitecendo:
 Quaõ tarde chega hum bem, quaõ pouco dura,
 A' vista de meu mal vou padecendo;
 E pois naõ vi o mal, que depois vinha,
 Do mal, que me ficou, a culpa he minha.

8

A culpa minha he, e bem podéra
 Culpar do breve tempo a brevidade;
 Foy breve aquelle, se outro tal viera,
 Perdera do passado a saudade:
 Taõ saudosõ do bem fiquei, que dera,
 Se minha fora, minha liberdade
 Pelo tornar a ver, mas brádo ao vento,
 Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

9

Mil lagrimas me custa hum desengano,
 De que me desengana hum accidente;
 Que na perda do bem se sente o dano,

Se não se perde a vida juntamente:
 Não queira bem quem não quer o desenganho,
 Não ha mor mal, que o bem, que he apparente;
 E se he mal grande o mal, que bem parece,
 Amor com falsas mostras apparece.

10

Segui amor aonde me guiava,
 Mostrou-me não sei que, que ainda desejo;
 Mas se era cego, como me mostrava,
 Ou como então não via o que ora vejo!
 Vi, e não vi o mal que me esperava,
 Porque quem vai levado de hum desejo,
 Que amor accende, e já acceso apura,
 Tudo possível faz, tudo assegura.

11

Tudo assegura, tudo facilita,
 Impossível por propria natureza;
 Com vozes mudas a razão nos grita,
 Não queremos ouvir, depois nos peza:
 Esperança adoramos infinita,
 Não mais que por seguir a falsa empreza
 Que hum thesouro de bens nos offerece,
 Mas sempre no melhor desapparece.

12

Já passarão por mim estas verdades,
 Mas ainda tenho saudade dellas;

Não

Não sei que força esta he a ter faudades
 De cousas, que não ha para que tellas?
 Sahe o piloto d'entre as tempestades,
 E logo torna a dar ao vento as vellas,
 Deixando pelo mar, terra segura,
 Ah triste fado! Ah grave desventura!

13

Nesta tragedia da vangloria humana,
 Nunca entra o bem, o mal sempre he figura;
 E só com isto em fim nos desengana,
 Que hum voluntario mal nunca tem cura:
 Quem nos leva tras si, quem nos engana
 A aventurar hum bem, que se aventura,
 Se amor he o menor mal a que se offerece
 Por hum pequeno bem, que desfalece.

14

Por hum pequeno bem, que vem aguado,
 Por tão pequena luz, que logo morre,
 Aventurar hum bem, que aventurado
 Por tantos passos tanto risco corre:
 Foy louco o pensamento, mas forçado
 Hum pensamento meu, que não se corre,
 Por gloria, que não tem gloria segura,
 Aventurar hum bem, que sempre dura.

Pelo

Pelo Licenciado Manoel de Góes.

M O T E.

Quanto importa, e quanto val
 Para o mal, e para o bem,
 Quem de seu hum casal tem,
 Que viva no seu casal.

G L O S A.

Fabio, o viver retirado
 He sómente o viver bem,
 Porque o retiro não tem
 O que tem o povoado;
 Lá vivi sempre enganado,
 Aqui tudo me he leal;
 Isto he bem, aquillo he mal;
 E este modo de viver
 Ninguem chega a entender
 Quanto importa, e quanto val.
 Aqui as aves do ár
 Brindaõ sempre a meus desejos,
 Aqui não faço cortejos,

Não ha aqui quem adular:
 Se mal aqui quero obrar,
 Não me reprehende ninguém;
 E se bem, ninguém me tem
 Por fingido, e simulado;
 E assim vivo accommodado
 Para o mal, e para o bem.

3

Vivendo aqui retirado,
 Tenho tudo o que me basta,
 Porque o retiro não gasta
 O que gasta o povoado:
 Não me tem, não, desvelado
 A ambição de alheyo bem;
 Vivo sem inveja, e sem
 Desejar mais do que he meu,
 Pois não tem pouco de seu
 Quem de seu hum casal tem.

4

Fabio dizei deixe a Corte
 A Silvio, se isto o convida,
 Que no casal terá vida,
 Se tem na cidade morte:
 Que evite o perigo forte
 Dessa confusão mortal,
 E se fugir quer ao mal

De huma, e outra variedade,
Que não morra na cidade,
Que viva no seu casal.

Por hum Anonymo

CANÇAM AMOROSA.

N' Hum prado muy alegre, e deleitoso
Por entre a verde relva vai brincando,
Humas vezes correndo, outras saltando
Hum puro arroyo de crystal undoso;
Mas estendendo o curso successivo,
Fugitivo,
Logo deixa
Triste queixa
A' herva verde,
Que se perde
De grande sentimento, conhecendo,
Que a buscar sua morte vai correndo.
As doces aveszinhas explicando
Com vozes delicadas mil ternuras,
De ramo em ramo as fés ostentaõ puras;
Que aos pintados consortes vaõ guardando;
E dando não só hum, mas muitos gyros,
Mil suspiros

An.

Andaõ dando,
Procurando
Com mil quebros,
E requebros,
Seus amados, a quem buscaõ saudosas
Para aliviar as magoas amorosas.
Entre agudos espinhos magestosa,
Entre verdes folhagens soberana,
Ostenta bizarrias toda ufana
Na matutina amenidade a rosa;
Porém tanto que chega a tarde ardente,
De repente
Se entristece,
Porque cresce
De tal sorte
A' sua morte
O motivo, que não sómente o ardor,
Tambem a doce aura a acaba em flor.
A candida assucena prateada,
Suavissimas fragrancias exhalando,
Está honestamente convidando
A que de espaço seja bem lograda;
Porém pouco lhe dura de Diana
Soberana
Ser trofeo,
Quer o Ceo,

Que

Que a belleza
Com a pureza
Seja extincta , porque melhor se atalha
A desordem do alinho c'o a mortalha.
O pallido amarantho immarcessivel ,
E a rubicunda flor , em que tornado
Foy o filho de Mirrha , idolatrado ,
Da mãy do cego Deos lince terrivel ,
Alli juntos se viaõ , porque visse ,
Que a doudisse ,
Que fizera ,
Quando á fera
Atirou ,
E a errou ,
Havia de durar no mundo , em quanto
Em elle for perpetuo o amaranto.
Mil jacinthos alli de varias cores
Metaforas huns de outros pareciaõ ,
Se os zelos , em que arder estes se viaõ
Explicação de aquelloutros os amores ;
Porém em huns , e outros os sentimentos
Dos tormentos
Os desmayaõ ,
Mas que cayaõ
Sem alento ;
Porque ao alento

Atormentar de hum zelo duro, e triste
O defafogo de ays não lhe resiste.
As melifluas abelhas susurrantes
O dourado licor andaõ chupando,
Humas sahindo agora, outras entrando,
Nas flores delicadas, e fragrantés;
Mil arvores em fim alli subidas
Revestidas
De mil cores
Varias flores
Offerecem,
As quaes decem
Com porfia taõ grande, e taõ ligeira
Que aquella, que mais tarda, he a primeira.
Toda esta variedade contemplando
Na delicia do prado verde, e ameno
Melancolico estava alli Lerenó,
Quando seu venerando rosto algando
Vio, que a formosa Diana com seu gesto
O funesto
A' alegria
Reduzia,
Dando ás aves
Mais suaves,
E ás flores, que murchavaõ de sentidas,
Alentos a humas, quando a outras vidas.

Ausentouse o pastor triste, e fizado,
 Procurando, que Dione alli não viffe,
 Quem no mundo notou tão grão doudisse!
 Quem no orbe conheceo termo mais rudo!
 Que fugir da presença soberana,
 Que humana
 Ainda as feras,
 Que mais feras
 Tem braveza
 Por grandeza;
 Porém entre os suspiros, que vay dando,
 E desta sorte se hia desculpando.
 Canção, dize a essa deusa já humanada,
 Que por nada
 Me ausentei,
 E a deixei
 Entre flores,
 E verdores,
 Se não, porque não quiz, que meu pezar,
 Puzesse a seu triunfo algum dezar.

A los desdenes de Silvia.

Por Simão Torrezaõ Coelho.

E Stas, que me ditó, rimas sonoras,
 Ricas de tanto Sol, rica Thalia,
 Que con los rayos de sus ojos doras
 Imperfecciones de la Musa mia;
 Estos del alma pensamientos nobles,
 Constantes más, que los eternos robles,
 Dedico a tu deidad, que las deidades
 Mas la pura intencion en pobre offrenda
 Estiman, que sobervias magestades,
 Que en la deidad la voluntad es prenda,
 Y nada precia mas quien amor siente,
 Que en dulce amor un coraçon ardiente
 Victima soy, que en rayos me consumo;
 Bien que entre ellos Fenis resuscito;
 Celestes pensamientos me presumo,
 Glorias aspiro, y cielos sollicito;
 Que quando al alma tu deidad assiste,
 Nuevos Cielos el alma se rebiste;
 Indice fué de mi mayor firmeza
 En el principio de Lizardo amante,

Y con el rigor de tu naturaleza ,
 El firme amor de mi pastor constante ;
 Eternos bronzes son , donde retrata
 Mi dura fé tu condicion ingrata ;
 Dale si quiera a la esperança mia
 En desmayo tamaño un breve aliento ,
 Vea la Aurora de un alegre dia ,
 Que nó pretende más mi pensamiento.
 O' dale, si pedir tanto té assombra ,
 En atomos tu Sol , tu gloria en sombra.
 Pero bien sê , que solícito en vano
 A justa compasion tu pecho ingrato ,
 Que vibra rayos tu desden tyrano ,
 Quando más debes amoroso trato.
 Y pues tu condicion assi lo ordena ,
 Haze tu gusto , y mateme mi pena.
 Adorada occasion de mis enojos ,
 Que multiplicas soles a tus ojos ,
 Y luzes multiplicas
 Ricas de soles , y de luzes ricas ,
 De esentas libertades ,
 Que ceden su poder a tus deidades
 Las almas más esentas ,
 Mientras al mundo victoriosa ostentas ;
 Que todo , quanto quieres ,
 Humilde se sujeta a tus poderes.

Oid , que en versos canto enternecidos
Dós amantes en peñas convertidos.
Nó te pido prostrado a tus altares
Con exemplo remedio a mis pesares ;
Que en tus tyranos templos
Nó se dan los remedios por exemplos ;
Que nunca te sujetas
Mas que a tu gusto , y a lo que en el decretas ;
Ni al tiempo fugitivo ,
Rayo voraz del cedro más altivo ,
Humilde inclina el cuello
Que tiene mucho de deidad y bello ;
Y tu hermosa , y un más que el cielo mismo ;
Nó sientes amoroso paracismo ,
Desdichas quanto de un amante tierno ,
Bastantes a mover un duro infierno ;
Y que nunca movieron
Al mismo coraçon , de que nacieron :
Que altivo escollo ha sido
Más que marmol su pecho endurecido ;
Y sus claras estrellas
Engendran fuego , que encendido en ellas
Engañan quien las mira ,
Matandole con rayos , que le tira ;
Que todo es rayos , todo infierno ardiente
Quanto amor tira , y quanto el alma siente ;

Ay

Ay en la Lusitania un alto monte ,
Donde tropieça en su carrera Ethonte ;
Monte que tanto sube ,
Que calça de una nube , y otra nube
Plantas siempre nevadas ,
Cuyas incultas greñas coronadas
De estrellas refulgentes
Fueron la causa , de que tantas gentes
Dexando el nombre antigo ,
De Italia affombro , a nó dizir castigo ,
Le llamaron la sierra de la Estrella ,
Si inculta en peñas , en florestas bella.
Este gigante de peñascos duros
Vistiendo de sus riscos siempre obscuros ,
Bien que ricos de nieve ,
Crystal en Julio , que en Febrero beve.
Un arroyo pequeño .
Firme de perlas , y diamantes dueño ,
Que perlas , y diamante
Ostentan sus crystales rutilantes ;
Y pequeño nasciendo
Ansi se va de plata enriqueciendo ,
Que quando llega al mar , aunque es estio ,
El que arroyo nació , se muere rio.
Este és sin referir largas historias ,
Que más deslustran do que añaden glorias ,

El Mondego dichoso ,
Que con undosos pies passea undoso
Los campos de esmeraldas,
Destinan robadoras
Ninfas del alma , que las vió señoras ,
Las humanas deidades ,
Que guian con lisonjas libertades ,
El dulce bien , que si se mira un dia ,
Engendra de mirar hidropesia ;
Entre estas luzes , con que amor corona
El cielo de su gloria , y con que abona
Sus poderes tiranos ,
Que buelven montes los humildes llanos ;
Y creciendo horisontes
Baxan en llanos los sobervios montes :
Entre estas luzes bellas ,
De los rayos de amor dulces centellas ,
Nació la tirania
Del alma , Delia , el esplendor del dia ,
Del pecho incendio , y la mayor belleza ,
Que produjo já mas naturaleza ;
El palido metal , a que el avariento
Deseo aspira de metal sediento ,
A sus cabellos cede ,
Que a los del Sol en la belleza excede ,
Su madexa prolija

Velo del Sol parece , que colija
Nieve , que resplandece ,
Entre sus rayos , y en belleza crece ;
Si no es red de oro fino ,
Que avara enseña en vaso crystalino
Su cabello sutil , si se desata ,
Luego le embuelve en su bruñida plata.
Afrenta de la nieve era su frente ;
Que a la blancura del crystal desmiente ,
Sospecharale yelo ,
Si no le diera por defensa el cielo ,
A su pecho tyrano
Parece que lo hurtó su blanca mano ;
Sin temer sus rigores ,
A la nevada frente sus candores ,
Que alla sola la iguala ,
Y ambas vestidas de una misma gala ,
De fuerte se parecen ,
Que entrambas igualmente resplandecen.
Los ojos , y si amor le prestó rayos ,
Ya sean esmeraldas , ya desmayos
En las verdes libreas
Embidia de adoradas Cithereas ,
Y del hijo arrogante ,
Incendio blando al pecho naufragante ,
Que son al niño ciego

Mares de luz, inundacion de fuego,
Y las sutiles cejas
Dós arcos, que hizo amor de sus madejas,
Para vibrar de circulo tan breve
Flechas de fuego a coraçon de nieve.
Mefclaron affluenas con claveles
De la naturaleza los pinceles
En las terças mexillas,
Que maravilla fon, y maravillas,
Embidian los colores,
Nido fueran de amor, centro de amores,
Si no les usurpara
A las mexillas, y a la bella cara
Luzes de su hemisferio
La perfeta nariz al dulce imperio.
Y mas vizina a dós hermosos soles
Se arroja a más perfetos arreboles,
La boca, que pequenos carmesies
Labios ostenta en la color rubies,
Y en el precio diamantes
La Circe fue de miseros amantes,
Y quando con riza poca
Abre amorosa la pequeña boca,
En nacar engastadas
Descubre ricas perlas embidiadas
De las que el oro engasta,

La lengua aunque hechicera es dulce, y casta,
 Cielo quanto se vé, y lo que exala
 Olor, a quien el ambar no le iguala;
 Toda es deidad, y toda tyrania;
 Donde la flor se estampa, flor se cria;
 Que le deven los prados
 Las flores de que nacen coronados,
 Y le deven las flores
 O ya mejor color, ó más olores;
 Quantos sus ojos miran
 Por bolverla a mirar todos suspiran,
 Mas ella quantos mata,
 Más que amorosa, mira siempre ingrata,
 Y porque nadie su belleza goce
 Ni usa de piedad, ni la conoce,
 O' condicion de fuego, ó pecho elado,
 Que abraza, y yela sin ningun cuidado
 De que yela, y abraza.
 Passa los dias, y las noches passa
 Del niño elado, y ciego
 Rompiendo flechas, y burlando fuego,
 De su libre alvedrio
 Señora, que de ageno señorío
 Las leyes rige esenta,
 Que todo quanto mira, y quanto intenta,
 Obliga bella, y tan dichosa alcanza,

Que anticipa el efecto a la esperanga.
 Lisardo de sus luzes mariposas
 No goza en sus dos soles luz hermosa,
 Que el que amó firme, siempre amó cobarde,
 Y a tanto extremo llega
 De respero el pastor, que amante ruega
 A su mismo deseo
 El aspirar a tan divino empleo,
 Que pidiendo queria
 Sin aspirar hazerle idolatria,
 O' fuerza grande de un amor valiente
 Que se intenta privar de lo que siente!
 Era Lisardo de la selva inculta
 Un Hipolito nuevo, que sepulta
 Por las selvas obscuras
 Al hierro elado en las entrañas duras
 De nó domadas fieras,
 Y a cuyas plantas nó escapó ligeras
 El ligero venado,
 Mil veces de las flechas traspassado.
 Però ya mal herido
 Del encuentro fatal del dios Cupido,
 Zagal de la montaña, que flechava
 Con sus ojos amor quanto mirava,
 El dardo vibra, buela el dardo ardiente,
 Si el fatiga la selva diligente,

Las fieras de la selva
Primero que el a fatigarlas buelva
Se entregan en sus manos ,
Y si desdenes suspiró tiranos ,
Repiten sus desdenes ,
Que le tocan sus males , y sus bienes ,
Peñas enternecidas
Por darle voces , y prestarle vidas ,
Peró quejar se con razon podia
En firme amor , en justa tyrania.
Mas meritos , que embidían las deidades ,
Que sirven en disformes voluntades ?
Si en nó queriendo estrellas
En vano abrafan del amor centellas.
O' lagrimas , que valen
Quando más ricas de suspiros salen ,
Si suspiros , y llanto
Dulces flechas de amor , pudiendo tanto
Nunca desmantelaron
Los muros , que de bronze se formaron
En pecho tierno , a quien bolvió tyrano
De algun astro fatal severa mano.
Era de Delia el coraçon diamante
Donde al harpon de amor más penetrante
Se rompe sin effecto ,
Que es del hado cruel fatal decreto ,

Que adore , y nó merezca
Un verdadero amante , y que padesca
Las penas del Inferno
Quien llora firme , ó quien suspira tierno ,
Que nó ay verdad dichosa ,
Si al que miente , es la suerte venturosa ;
Y a quien verdades sin lisonjas dize ,
La dicha en sus amores contradize.
De suerte de Lisardo se aborrece
La ingrata Delia , al verle más parece
Que mira Aleto fiera ,
Que Atropos vé , y que en sufrir Megera
Sufriera menos males.
O' fuerça de los hados immortales ,
Que ansi por los cabellos
Llevais a idolatrar quien muere en ellos ,
Sin que de tantos laços
El alma pueda aun hecha mil pedaços
Libre escapar su tyrania , donde
Con lisonjas amor veneno esconde ,
Y nó es mas claro el más contrario Eolo
La noche obscura al esplendor de Apolo.
El Inferno a la gloria ,
Ni el ser vencido al aclamar victoria
Que Delia de Lisardo ;
Si el amante pastor dize , yo ardo ,

Responde la pastora,
En vano llora quien por Delia llora;
Si el a sus pies se inclina,
Ella a morir al misero destina,
Y si a sus rayos le mostró rendido,
Delia le paga con eterno olvido:
Del más ingrato plomo harpon tyrano,
Que amor vibró con la siniestra mano,
Flechó del Delia el pecho,
Y de Lisardo el coragon derecho,
Tiró amor diligente
Del palido metal facta ardiente,
Amor el oro cria
El plomo defamor, y tyrania
Lisardo en amor crece,
Y Delia de Lisardo se aborrece:
Ella es todo su bien, el su desvelo
Lisardo un Etna está, Delia un yelo
Quando del año la estacion primera
Pomposo viste el campo primavera,
Y quando desatados
Caminan los arroyos por los prados,
Los arroyos, que atára
Con grillos de crystal la mano avara
Del siempre elado Invierno,
Y quando nasce del pimpollo tierno
En mantillas de flores

Esmeraldas mezclando a sus candores,
El fruto a quien miró tiempo tyrano
Gigante en Julio, y en Febrero enano:
Quando el guilguero del consorte ausente
Tiernamente se quexa eternamente,
Con lengua lisonjera
Cantando dize, lo que amante espera
Y quando las estrellas
Más espendores figurando bellas,
Parece se enamoran,
Y los leones con rugidos lloran
Ausencias, y desvelos;
Quando el toro feroz se abraza en zelos,
Y la paloma em amoroso fuego
Besas a su amante, y cada beso es juego.
Cerca de un marmol, que en blancura excede
Candida nieve, competir bien puede,
Y hasta a si mismo solo,
Que no ay candor igual de polo a polo.
Delia marmol humano
Sentada estava, cuya blanca mano
Marmoles excedia,
Y el pecho, que de bronze revestia
Con excessos mayores,
Le excede en el rigor, que sus rigores
Ni igualan penas, ni el amante mismo,

O la que marmol arde en el abismo.
 El liquido crystal de un arroyuelo ,
 Que con plantas de plata iguala al buelo ,
 De paxaros alados
 Su curso suspendió viendo en sus prados
 De Delia la hermosura ,
 Y con nevados pies llega , y procura
 Besar a su pequeño ,
 De tantas almas adorado dueño ,
 Mas besandole apenas ,
 El que arroyo nació , se buelve en Etnas ;
 Son rayos su crystal , ó quien pensára ,
 Que en tanta nieve tanto fuego hallara !
 De discurrir las selvas fatigado
 Buscó Lisardo del arroyo elado
 El liquido elemento ,
 Cuyos crystales bebe más sediento ,
 Que el alma le dictara ,
 Que en su corriente Delia el pie bañara ,
 Y con hydropesia
 Bever todo el arroyo pertendia ,
 Sin que fuesse su pecho
 A tanta copia de crystal estrecho ,
 Que recoger en sí a un mar pudiera
 Quien es de tanto fuego ardiente esfera ,
 El coraçon presago , que nó miente

A Lisardo le avisa diligente,
Que el Sol que suspirava
De terças nuevas luces centellava,
Que de luz tanta copia
Es de la hermosa Delia gloria propia,
Y a tantos arreboles
Nó piden solo un sol, sinó dós soles;
Como tremula caña
Tiembra el pastor, y en lagrimas se baña,
Hablar queria, mas su dicha peca
Le elava las palabras con la boca:
Muere el contrario, que el temor le embia
Saeta al coraçon elada, y fria,
Y el pecho un bolcan le arde,
Temor le dize, que huya, amor que aguarde,
Nó sabe lo que escoja,
Que en todo entiende, que a morir se arroja,
Confuso al fin vacila
Entre Caribdes naufragando, y Scila;
Mas viendo, que se muere,
Huya cobarde, o ya valiente espere,
Resuelto en esperar al amor pide,
Que pues que le flechó, que no le olvide,
Como el incauto caçador, que advierte,
Pisando el aspid, la cercana muerte,
Ligero se retira

Que

Que es aspid piensa quantas flores mira,
 Anfi Delia mirando
 El amante pastor quedó temblando,
 Y por huir ligera
 Las alas de los vientos, se pudiera,
 O' del tiempo calcára;
 Tal odio amor del alma le engendrara;
 Y quantas plantas vé le representa
 Lisardo el odio, con el odio aumenta;
 Intenta huir, mas el pastor le ataja
 Afido del pellico, que mortaja
 Formára, y nó pellico,
 La hermosa Delia, mas Lisardo rico
 De un pedaço del Cielo
 Rompiendo la prision de su recelo,
 Y pueſto de rodillas,
 (Que a todo amor a quien rendiſte humillas)
 Però que no le haria
 Lisardo a tanto Sol de idolatria?
 Hecho de un firme amor profundo abifmo
 Le dize enagenado de ſi miſmo:
 Delia cruel, que nunca conocifte,
 Que en el amor la libertad conſiſte,
 Deſta alma dueño eterno,
 Si Cielo en ſoles, en rigor inferno,
 Que igualan tus rigores.

A la

A la deidad de tantos reſplandores,
 Remedio no te pido,
 Que por tu guſto mi remedio olvido,
 Y el alma, que te adora,
 Pagas no guſta, ſi deſdenes llora.
 Solo, que eſcuches mis razones, quiero,
 Que eſte es el acto de mi amor poſtrero;
 Nó pertendo con ellas obligarte,
 Que ni quiero offenderme, ni agraviarte,
 Y a mi más me offendia,
 Si contra el guſto tuyo el alma maia
 A glorias aſpiraffe,
 Como paſſo peñando el alma paſſe;
 Mas que ſepas, deſeo,
 Que eres ingrata mi dichoso empleo;
 Que adoro a quien me mata,
 Y que una palma cultivando ingrata
 Influxos ſigo de contraria eſtrela,
 Sin querer fruto, ni esperarle della:
 Bien ſaben eſtos arboles gigantes
 Que ſin temor de rayos penetrantes
 De Eſteropes deſvelo
 Typhéos ſon en aſpirar al Cielo,
 Bien ſaben eſtos montes
 Cuyas cavernas de abraſados Brontes
 Ser alvergue podrian,

Bien

Bien saben estas fuentes , que corrian
Soberbias con mi llanto ,
(Que nadie llegó nunca a querer tanto)
Que solo supe , sin tener ventura ,
Igualar mi firmeza a tu hermosura.
Nó soy aborto nó desta montaña ,
Que quanto alumbra el Sol , quanto el mar baña
Conoce mi nobleza ,
Prodiga se mostró naturaleza ,
Si estas fuentes no mienten ,
Cuyos crystales mis ardores sienten ,
En darme perfecciones ,
Que aunque en tus desdenes nó me abones ,
Que a juzgarme por ellos
Mintieran Delia muchos ojos bellos,
Perdoname señora , si me alabo ,
Que cuento por tu honor el de tu esclavo.
Tan rico soy , que tengo en mis rediles
Más copia de ganado , que en Abriles
Ay flores en el prado ,
Que quando sube al monte mi ganado ,
O' quando baxa al llano
Parece el monte verde monte cano.
Y el heno , que florece ,
Formar Deziembres en Abril parece ,
Muy liberal le llueve

Mi copioso redil velos de nieve,
Y quando mi ganado al rio llego,
Suspendo los crystales del Mondego.
Las peñas, que a las nubes se avizinan,
Humildes a mi ruego se inclinan,
Quando tierno las llamo,
Y en el volcan de tu rigor me inflamo,
Que quando me desdenas,
Me lisonjean las soberbias peñas,
Y a mis suspiros ceden
Los montes su rigor, quando nó pueden,
Nó digo enternecerte,
Mas ni obligarte a que me des la muerte,
Que en tantas penas, y disgracias tales
Si aborrecer pudiera a tu hermosura,
(Perdoname mi bien tanta locura)
Sé que te aborreciera,
Porque tu gusto en mi favor cumpliera.
Que favor era mio
No cançarte mi loco desvario,
Mas ay, que no me atrevo,
(Tanto a la fé de mis finezas devo)
Y tanto te venero,
Que idolos son las ancias, en que muero ;
Y tanto haze la fineza mia,
Sin esperar remedio, idolatria.

Modera tu rigor, templa mis penas;
 Ya que las sufro, de razon agenas
 Las juzga el mundo todo,
 Porq̄ aunque amante humilde me acomodo
 A tirania tanta:
 El mundo libre con razon se espanta
 De tú desden tyrano;
 Llevanta pues la vengativa mano
 De tan grave castigo,
 Que merecete este favor me obligo,
 Nó con lisonjas, mas verdades puras,
 Y tales, que se juzgan por locuras;
 La que bolando dexa atras el viento
 Emulando aun el mismo pensamiento,
 Que desperdicia soles,
 Que a tanto contempló sus arreboles,
 Sin que sienta desmayos
 Su vista fatigada de sus rayos
 Haze que humilde llegue
 Para abonar tu Sol, quando sosiegue,
 Mirando sus estrellas
 O' nó se atreva a contemplar en ellas;
 Mas ay que ser su robo ingrato puedes,
 Pensandote segundo Ganimedes.
 Suelta pastor, que en atrevido amante
 Ay menos de cortez, que de arrogante;

Responde Delia ayrada.
 Suelta, dixo otra vez, la voz turbada
 Deseo que nó amor llamarse puede,
 Que toda la ofadia
 Disculpa con amor su villania,
 O' seas rico, ó noble
 Menos te estimo, que este inculto roble:
 Suelta, dixo otra vez, esse pellico,
 Que es prenda pobre para un hombre rico,
 Amor, Lisardo, es gusto, y nó se enseña,
 Ni se fuerza el amor, si se desdena,
 Mi condicion ingrata,
 Nó sigas loco, quien cruel te mata,
 Emplea tu deseo
 En más dichoso empleo,
 Que ablandarme tu ruego
 Será juntar la nieve con el fuego
 En talamo amoroso.
 Nó te hagas desdichado, pues dichoso
 Con otros ojos más hermosos eres,
 Ni busques, pues favores quieres
 Un bronze soy, un monte, un tigre Hircano,
 Y si los rayos, que forjó Vulcano,
 Júpiter me entregára,
 Con todos tu soberbia fulminára,
 Mira desvanecido,

Que al Cielo aspira , mas en vano ha sido ,
 Tu pensamiento loco ,
 Que quien aspira mucho , alcanza poco ,
 Quan poco premio alcanza ,
 Quien anticipa el fin a la esperança ,
 Que amor sin esperança , y sin deseo
 Es de amor noble venturoso empleo ,
 Aquella encarecida idolatria ,
 De que fue dueño la belleza mia ,
 Y aquellos sacrificios
 De tu firmeza eternos ejercicios ,
 Mientras que nó excedieron
 Los límites de amor , precio tuvieron ,
 Sinó para pagarlos ,
 A lo menos pastor a nó olvidarlos ,
 Pero en el mismo instante ,
 Que excediste los terminos de amante
 Queriendo el galardón , que no se alcanza ,
 Burlaste el galardón , y la esperança .
 Dixo la Ninfa , quando amor , que inflamma
 El pecho de Lisardo en dulce flamma ,
 Comete como ciego ,
 Que nó mira el peligro , ó como fuego
 Todo abrafar intenta ,
 Que en su violencia su poder se aumenta .
 De nadie se retira ,

A dominar el mismo Marte aspira ,
 Y niño , aunque gigante
 Con nó domada fuerza el dios Tonante
 En toro se convierte , y lluvia de oro ,
 (Que a nada sabe amor guardar decoro .)
 Alentado Lisardo de verse un dia
 Tan cerca de la luz , que pretendia ,
 A las manos de nieve
 De su Delia el pastor tocar se atreve
 Ganando por la mano
 Su firme amor hasta a su amor tyrano ,
 Y con dichosa boca
 La mano blanca de su Delia toca ;
 Oh cuerdas libertades ,
 Que en copos de crystal beveis deidades !
 Mas Delia viendo , que Lisardo osa
 Tocar su mano , así le habla furiosa :
 Oh atrevido más que aquel que osado
 De Jupiter ha sido fulminado
 Arrogante mancebo ,
 Que sin poder valerle el mismo Febo
 En tan ardiente fragua
 Tuvo muerte de fuego , y tumba de agua !
 O emulo villano ,
 Del que olvidado de su ser humano
 Alas formó de cera ,

Con que intentó surcar la ardiente esfera,
 Dando con sus sobervias osadías
 Nombre a la mar, y termino a sus días.
 Suelrame pues, si no de aquella roca
 Testigo haré de mi ventura poca,
 Despeñandome della.
 Hablara a penas su imiga bella,
 Quando Lisardo dexa
 La injusta mano con su justa queixa,
 Però Delia obstinada
 La vida despreciando idolatrada,
 Corriendo se despeña,
 Y hasta la vida su rigor desdeña;
 Porque Lisardo su crystal tocára,
 Que en nada el odio en la muger repara.
 Goza villano agora, iba diciendo
 Rodando por la roca, y deshaziendo
 En sus guijas su nieve:
 Goza villano aora, si se atreve
 Tu deseo villano
 La intacta nieve de mi casta mano,
 Quiçá que te divierta,
 Pues que viva nó puedo, aora muerta
 De tanta villania
 Verás aora. Más dizer queria,
 Mas la voz de la muerte interrompida
 Dexó la queixa con dexar la vida.

Bate las alas con ligero buelo
Tirano amor, y fin que llegue al suelo
(Y en esses Cielos de sus manos bellas)
A Delia coge en ellas,
La Diosa de Cithera
Reciba tanto sol, porque nó muera
Su luz en su corriente,
Que justo nó será, que al occidente
Lleguen tan bellos dias,
Mas ay tirano amor, que te desvias
De Delia, pues burlada, y embidiosa
Le niega su favor tu madre hermosa.
Como amapola, que violada ha sido
Del arado villano, que atrevido
Troncó su planta verde
Indigna al suelo, y la belleza pierde,
Con que el campo se honrará,
Ansi de Delia la divina cara,
Rosicler otras vezes,
La cubren las informes palidezes.
Ceniza son los labios,
Que fueron de los nacares agrabios,
Y sus dós soles, luz de su hermosura,
Ya no son soles, que son noche obscura.
Lloran las plantas la desdicha suya,
Y bien que el Cielo su crueldad arguya,

Tambien el Cielo llora ,
Flores marchita la divina Flora ,
Para que el mundo vea ,
Que el campo su perdida semidea
Sabe sentir llorando ,
Y sus hermosos rayos ocultando
Apolo testifica ,
Que aquella luz de tantas luzes rica ,
Deve a su luz mayores esplendores ,
Que sin sus ojos quedarán menores.
Bien como suele por Febrero elarse
La fuente , sin que pueda desatarse
Del eslabon estrecho ;
Ansi quedo Lisardo elado el pecho ,
Suspensos los sentidos,
A siempre eterna confusion rendidos ,
Despeñada mirando
El alma de su vida , y reparando
En su ventura poca
Llorando dixo: O tu infame roca,
Si el Cielo está propicio a mi deseo,
Vós seréis de mi vida el dulce empleo.
De que sirve el vivir, ó que aprovecha
A quien la vida por morir desecha ,
Despues de ver perdida
El alma , que animó su infausta vida?

Que han de mirar mis ojos
Si aó muerte, dolor, penas, y enojos?
Adonde Delia falta,
A que gloria tengo de aspirar tan alta?
Que no me dé desvelo
Imaginar la sombra de mi cielo,
Que en otro tiempo, quando amor queria,
Con sus dós soles duplicava el dia
De infaustas oras, ó infelices astros,
Que rompisteis en peñas alabastros
Del más bello, y más puro
Cuerpo, que aun bronze nó miró seguro
De nó bolverse en cera,
O nó aspirasse a superior esfera,
Con rigor tan profundo
Romper tambien la maquina del mundo,
Y a la celeste, fieros,
Que tanto que de Delia los luzeros
Cobrió la muerte con tu negro velo,
Quedó difunto el mundo, y ciego el Cielo.
Ay memorias de un bien, que aspirava
Siempre de lexos quando cerca estava!
Vós sois mis homicidas,
Si ay para tantas muertes tantas vidas;
Tyranas soledades
Vivireis en mi vida eternidades,

A nó

A nó atajar primero
Vuestro curso tirano un verdadero
Amor, de quien queria
En vez de su favor su tirania,
Para alcançar la venturosa suerte
De hallar mi vida en manos de mi muerte,
Ausencia, eterno del amor veneno,
Vida sereis en quanto vivo, y peno
Del amor, que professo,
Que en siendo firme amor todo es exceso,
Y mil excessos devo
En la fé de mi amor, que vence a Febo,
Bien que a Daphne amó tanto,
Y al que baxó al Reyno del espanto,
Amante verdadero,
Sin al trifauce recelar Cerbéro,
Que el baxava a buscar a quien le amava,
Yo triste buscaré quien me matava:
Si de Acheronte el escalon terrible
La negra barca, que del golfo horrible
Surca sulfureas olas,
Regirme mande amor remando a solas,
Sin otra compañía
A la region, que no conoce el dia,
Yo passaré animoso,
Y de Pluton mirando el tenebroso

Y palido semblante ,
Terror horrible de aquel pueblo errante ,
Solo por ver al dueño , a quien adoro ,
Daré a Proserpina el pomo de oro.
Tefifone , que peina en vez de undosos
Mares de amor , ó rayos amorosos ,
Venenosas serpientes ,
La que nó menos exalando ardientes
Los ayres inficiona ,
La que a su pecho mismo nó perdona ,
Que a si misma se abraça
O' la culebra , que la embidia enlaça ,
Y della se sustenta
De Tantalo la pena , que se aumenta ,
O' más terrible en el remedio della
Tendran dolor de mi contraria estrella,
Dichoso aquel que imitador valiente
De los rayos de Jupiter potente
Se abraça sin sociego
En las minas de bronze ardiendo en fuego ;
Dichoso aquel , que atado
Al Caucafo sustenta , renovado
Su pecho consumido ,
Al paxaro voraz , dichoso ha sido
El que sube la peña
Al monte donde luego se despeña ,

Porque nó ay buitre , ó peña , ó fuego airado
Que offenda como amar desesperado.
Que mustia está en esta humilde ausencia
Moriendo amante de immortal dolencia ;
Nó digo el alma mia ,
Que ella padece al fin como solia ,
Triste , desesperada ,
Sinó la rosa a Venus consagrada,
Que en copas de esmeraldas
De nacar ostentó purpureas faldas ,
Emulas de su dueño ,
Pero mirando en punto tan pequeño
Mortal despojo a la deidad humana
Palida muere la purpurea grana.
Languido el Cielo en tanto llanto , indina
Embidia de la estrella matutina ,
La candida affucena ,
Llora el guilgero , que cantó su pena
La muerte de mi vida ,
Y penando en mi mal su quexa olvida ,
El ruyseñor suave ,
Y con murmureo triste , ronco , y grave ,
Porque mi llanto imite
Esta montaña su dolor repite ;
Y de aqueste arroyuelo los cristales
Le prestan llanto para tantos males ,

Mientras que mi tristeza desatada,
O' dueño de mi vida, ó prenda amada!
Por los ojos se vierte,
Oy lisonjeo con llorar la muerte,
Esta roca destino
A tristes soledades determino,
Mas que el morir dilato
A la ocasion de ver, que muero ingrato!
Sea esta infame roca
Alivio grande a mi ventura poca,
Siendo en un dia, pues amor me olvida,
Ocaso de mi Sol, fin de mi vida:
Junte la muerte lo que en vida el fuego
Del odio dividió; el llanto, y ruego
Vencieron odio tanto,
Que el odio se alimenta con el llanto
De quien le sacrifica
Una alma noble de firmezas rica:
Firmezas, que pudieran,
Si como extremos son, míos nó fueran,
Enternecer diamantes,
Tumba será de míseros amantes,
Pues talamo nó fue, tan dura peña
Si de matar mi amor no se desdenea,
A penas destos ultimos acentos
Lenguas del alma enternecidos vientos,

La possession tomaron
Y los zelos a penas se callaron,
Quando desesperado
Se arrojó de la roca al verde prado
El infeliz mancebo,
Tyrania de amor, bien que nó nuevo
Sucesso en sus rigores,
Que a su deidad las víctimas mayores
Son holocaustos de la sangre humana,
En niño tierno condicion tyrana.
El alma se exalára en fuego embuelta,
Y sinó toda en fuego al fin ya suelta
El alma enamorada
De la prision, adonde estuvo atada,
Más libre, y más ligera
Amante busca su querida esfera,
Que animar pretendia
El palido crystal la nieve fria
De los miembros elados
De Delia, la ambicion de sus cuidados
Por la venturosa fuerte
De dar la vida, a quien le dio la muerte.
Bien como en Thebas la fraterna llama
En ayre dividida al fuego aclama,
De sus infames dueños
Indicios dió del odio nó pequeños.

El cuerpo ya difunto
De Delia siempre ingrata al mismo punto,
Que despeñado amante
Ya Lisardo le toca
Bolando se retira, ó dicha poca!
O' de un odio fatal gran desconcierto!
Que suele servir de alma a un cuerpo muerto!
O' rayo, y no muger, si ay rayo airado
De la muger al odio comparado!
Peró que me desvelo,
Si son infierno las que son más Cielo!
Quien en sus dichas osa,
Lo que suele en la luz la mariposa,
Suele conseguir dellas,
Cometas son, si en la apariencia estrellas,
Que con luzes fingidas,
Quando parecen que aseguran vidas,
En sangre humana cada qual se baña.
Troya lo diga, quando calle España,
Camaleones son, que en un momento
Velozes más, que el mismo pensamiento
Variando las colores,
Hablan de amor sin conocer de amores,
Y quando acaso lloran,
La misma causa de llorar ignoran.
Lo que más adoraron,

A dós horas de ausencia lo olvidaron,
 Y la que tierna gime
 Lo mismo, que gimó violenta opprime;
 Ninguna dellas por razon se rige,
 Y acaso dexa, porque acaso elige,
 O' loca, ó pertinaz, ó roca, ó sierra!
 Esto dá la muger, ó quien naciera
 De alguna inculta peña,
 Adonde el alma su rigor enseña,
 Para que el ser humano
 Nó le déviera a dueño tan tyrano!
 Pero loco que digo
 Si de lo mismo, que culpé, me obligo?
 Siendo tantas mudanças
 El alma de mis dulces esperanças,
 Y si a pesar de mi tormento esquivo
 Más deste mal, que de otras glorias vivo,
 Perdon te pido amor, perdon te pido
 Divina Silvia cuyo eterno olvido
 Son mis satisfaciones
 Que cedén a tus dulces sinrazones,
 Preciosas libertades
 Nó sé que hechizo ha hallado en tus deidades
 Rendida el alma mia
 Que alegre ofrece a tanta tyrania
 La libertad preciosa

Que en tu desden a tus favores osá,
Sin que pueda obligarme a no quererte,
Mirar cercana la timida muerte.
Bolviendo pues al misero Lisardo,
Cuyo suceso a mi firmeza aguardo,
Que la mayor firmeza
Suele emplearse en infeliz tristeza,
Compadecido Apolo
Del firme amante en las desdichas solo,
Para templar su fragua
Peña le convirtió bañada en agua,
Que de noche, y de dia
Crystal en vez de lagrimas vertia.
Mas di ciego rapaz, niño insolente,
Como vierte agua un coracon ardiente!
Pero de que me admiro escarmentado
En los poderes deste rayo airado,
Sintiendo el pecho mio
Elado en Etnas, y abrafado en frio,
Sus tiranos affectos
Misterios son a la razon sujetos;
Que nadie comprehende
Metamorfoseos, que este ciego emprende,
Diganlo lluvias de oro,
Y el hijo de Saturno buelto en toro
Amante un Polifemo, un Argos ciego,

Daphne en laurel se me le buelta en fuego,
Contra poder mayor no ay resistencia
Que nó se vença superior essencia,
Quanto quiera amor puede
Todo domina, todo amor le cede,
Que Febo entre sus rayos
Padece amorosísimos desmayos,
Pluton en el Infierno
Amante gime, y se congoja tierno,
Y al mismo fuego viene
El que el Imperio de los mares tiene;
Que no ay lugar remoto a poder tanto,
A que no alcance el amoroso llanto.
Crystales vierte al fin la peña inculta
Que eh sus entrañas a Lisardo oculta,
Que amorosas passiones
Fueron siempre de llanto inundaciones.
Quando la casta diosa
Que eternos años soledad dichosa
Goza, ó siempre dichosas soledades,
Que en vós se vive solo eternidades,
Con tan ligeras plantas,
Que exceden las velozes Athalantas,
Emula al viento, llega al sitio adonde
Palida muerte tanto Sol esconde.
A penas la divina caçadora

Vió en el occaso la purpurea Aurora
De aquella edad florida,
Que apenas lustros tres llevó de vida,
Confusa apenas viera
Lascivo Abril, hermosa primavera
En erizado invierno,
Y apenas contemplara eclipse tierno
Dós soles, que vibran
Rayos de amor, con que de amor matavan.
Las almas, que venian sin sociego
A ser las Fenis de un tan dulce fuego,
Quando crystal vertiendo desatado
De perlas Erytreas embidiado,
Que a Delia soberana,
Siendo divina llora como humana.
Cogia entre sus brazos
Pedagos de deidad, que hecho pedagos
El bello cuerpo estava
De Delia, que en su sangre se bañava,
Cobriendo sus cabellos
La intacta nieve de sus miembros bellos;
Y quiso darle amor por más decoro
En mares de rubi sepulchros de oro,
Con perlas rosicler, rosa con nieve
Mesclo la diosa, quando tierno lleve
Ambrosia celestial en los despojos

El Cielo de sus ojos.
De aquel cuerpo difunto ,
Que el rico llanto con la sangre junto
Formó una quinta essencia,
Si nieve , rosicler la apariencia ,
O' rosa , a quien rocío
Elado sirve de prision , yo fio
Que ha sido este compuesto en el efecto
Más que el diamante en el rubi perfecto ,
Secando el llanto al fin , dixo Diana:
Hermosa Delia , amor, que todo allana,
Su poder te sugeta ,
Que en vano amor tu fugacion decreta,
Y los astros en vano
Gon flechas de oro , y con poder tyrano
Casta Ninfa intentaron
Rendir tu coraçon , que al fin quedaron
Rotas las flechas de oro
Sin fuerza amor , los astros sin decoro ,
Que un pecho casto diamantino muro
Es contra rayos del amor seguro.
De Daphnes , y Lucrecias embidiada
Eres ya Delia , ya deidad sagrada ,
Que a tu divino exemplo
Se rinde adoracion , se erige un templo,
Que en meritos tamaños

Los cursos no se aguardan de lo años,
Que su deidad aprueben,
Deidades luego a tanto amor se deben,
O Delia venturosa,
Goza tu culto eternidad hermosa,
Que más que otras celestes calidades
La castidad dispensa eternidades.
Eterna viviras eternamente,
Lisardo amante mirarás presente,
Lisardo aquel mancebo
De tanta ingrata Daphne Apolo nuevo,
Porque alivie su pena
Viendo la causa, que su mal ordena,
Y tu buelvas tu gloria
Mirando la ocasion de tu vitoria
Mas dichosa, y más rara.
La casta diosa a penas se callara,
Quando Delia se buelve coronada
De flores bien que en peña transformada.
El lilio roxo, y el clavel, que aspira
Copiar los labios, con que Delia mira,
Las purpuras más bellas,
Y la affucena que imitando estrellas
En limite pequeño
De tanta plata se ostentava dueño,
Narciso, que ignorante

De reciproco amor se adora amante,
Y la rosa imita
Al astro, que codicias sollicita,
Por mas nobles la peña coronaron,
Y el vulgo de las flores despreciaron.
Purpura del jardin, pompa del prado,
Ojos de Abril, hermosa rosa, amado
De Citherea empleo,
Nunca bella te vi como oy te veo,
Coronando esta peña,
Pues Delia ingrata de honras se desdena.
Crece pomposa, y vive
Segura de que imbierno nó te prive,
O' Aurora de las flores,
Del lustroso carmin de tus colores.
Que a quien habita en esta peña, espera
Libre de imbierno eterna primavera.
A Delia hermosa en peña convertida,
Alma a una peña la que fuera vida
De tantas nobles almas,
La castidad de vitoriosas palmas
Trofeos le erigia
Y Junio con coronas, que texia,
La peña coronava.
En nubes de oro Jupiter baxava,
Y con olor Sabeo

Enriquecia al noble mausoleo,
Y Daphne le dedica el laurel verde,
Que nunca como es casto el verdor pierde,
Coronado de cañas aparece
Alivio grande al daño, que padece,
El Dios Pan, que adorava
La verde caña, que su frente honrava,
O' Pan feliz mil veces
Que con tus propios daños te enriqueces
Las cañas, que occultaron
La possession mayor, a que aspiraron
Tantas deidades locas,
Dichoso amante, pues dichoso tócas
Una planta, que fué, pero que digo
Si el bien mayor con el silencio obligo?
Yo siempre a mi, si tanto bien gozara,
Las glorias, que tuviera, me occultara,
Que el bien, que no se sabe,
Seguro siempre está, que no le acabe
El monstruo de la embidia,
Que entre las glorias victoriosa lidia
Y trayciones fulmina,
De un verdadero amor fatal ruina.
Nó ay, amor, luz más pura
Que en unas sombras de una noche obscura
Donde nadie se vé, nadie se alcanza,

Que

Que es el secreto del amor bonança,
Secreto de mi alma eternamente,
Idolo al alma te tendré presente
De adoraciones rico,
Que el ama a tu deidad le sacrificio,
Y el alma te concedo
Como prenda mayor que darle puedo,
Y si tuviera tantas
Quantas al monte se producen plantas,
Oh quantas luzes bellas,
En campo de zafir puras estrellas,
Ostentan en hermosa primavera,
Como un alma te doy, cien mil te diera.
Hermosa confusion de flores varias
Conformes en olor, bien que contrarias
En distintos colores,
Imitacion en varios resplandores
Del vidrio, que en si copia
Triangular la deliciosa copia
De colores hermosos
Claveles roxos, y purpureas rosas,
Y en rustica verbena
El jasmín blanco, y candida assucena
Con la flor bella idolatra del dia
Lascivo Pan a Delia le ofrecia
La plebe de los dioses, los Sylvanos

Habitadores de sylvestres llanos,
Víctimas le imolaron,
Y diosa de sus bosques la invocaron.
Amor bien que quexoso
En un altar de miembros oloroso
Narciso a Delia ofrece,
Que a Delia en la philaucia se parece,
Y Citherea hermosa
Llegando como suele deliciosa
A tronos de crystal, rayos de nieve,
Bolando flores en los dioses llueve,
Los dioses, que un Abril pisan veloces,
Juntos aclaman con amantes voces
Deidad de aquellos prados
A Delia hermosa, y todos coronados
De variedad de flores
Vestiendo ambrosias, y esparciendo olores
Apressurando el buelo
Unos llevava al monte, otros al Cielo,
Y solo enternecido
Quedava amor mirando convertido,
Oh hado riguroso! en peña dura
Lisardo tierno amante sin ventura!
Y de una flor, y de otra flor cogidas
De aquella peña, que dispensa vidas,
Compone amor grinaldas

Mesclando rosicler entre elmeraldas
La rosa en tierna infancia,
Cuya belleza, y superior fragancia
Quizo amor que gozasse
La pena de Lisardo, y que alcançasse
Si quiera amante tierno
Primicias de verano en tanto invierno,
Y en peña, que en tinieblas parecia
Que nó cabe el temor, ó la alegría,
Tierno se quexa amor, tierno suspira,
Mientras firmeza tan inmoble admira,
Y con amantes labios
La peña adora, que olvidar aggrabios
Con lisonjas tratava,
Sus cabellos la noche al carro atava,
Quando en la peña dura
(Venturosa, si ingrata sepultura
De Delia) amor colgando
El ar roxo, se libró bolando
Testigo de lo poco que pudiera,
Y de que Delia el arco le rompiera,
Esta de tanto amor, tanta firmeza
La paga fue (que superior belleza
Declina en tyrania)
Y este será tambien ó Silvia mia
El galardón, que lloro,

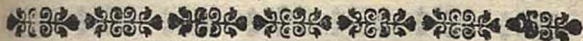
Que amante, y tierno sé que un bronze adoro.
Como murió Lisardo
Quieres que muera el misero Belardo,
El atrevido, y loco
Y viendo amante que me atrevo a poco,
Bien que pena mayor ha merecido,
El que cobarde amó, que atrevido
Amar cobarde es necedad, locura
Precipitarse en cierta sepultura,
Presumiendo que sea
Más casta que Penelope Ledea,
Mas si es igual desprecio
Morir precipitado, y morir necio,
Antes precipitado,
Que el atrevido muere bien pagado
Con la gloria, que alcanza,
Mas el cobarde sueña la esperanza,
Siendo gran necedad, gran desconcierto
Soñar un hombre quando está despierto.
Hasta aqui retratava a Delia hermosa
Hurtandole al jardin fragante rosa
De las minas del oro,
Y al prado de color rico tesoro,
De nacar me ha prestado
Roxo clavel de purpura bañado,
Mas si a ti te pintára,

Tu boca los claveles me prestára ,
 El oro tus cabellos ,
 Del prado la color tus ojos bellos ,
 Purpureas rosas las mexillas , cielos ,
 Donde viviendo amor mata con zelos.
 Que extremos miro en tu belleza , y veo
 Que es tu respiracion olor Sabeo ,
 Los mas puros dós crystales
 Me parecen tus manos celestiales ,
 Los cabellos grinaldas ,
 Son del oro de Ofir , dós esmeraldas
 A tus dós ojos bellos
 Vencidas rinden su color , y en ellos
 Se engendra amor tyrano ,
 Cuya cruel , y vengativa mano
 Al mas esento mucho mas se atreve ,
 Y a sus bellezas sus victorias deve.
 Deidad es lo que veo , y lo nó visto ,
 La idéa es del amor , que amor conquisto ,
 Mas quien se atreve a tanto
 Su loca presuncion termina en llanto ,
 Más tesoro tanto
 Que Icaro a tanto bien morirme en llanto ,
 Silvia si yo pensára
 Que libre en tanta gloria imaginára
 Sin offender tu cielo

Dedalo amante el alcançarte un buelo,
Surcando cielos, y pisando montes
Mi sol buscára en nuevos horisontes,
Y el Cielo en tu hermosura testifica
Que eres sacra deidad de glorias rica,
Y si los labios mueves
Son las razones, que en palabras breves
Más breve exprime, quando me suspende
Tu boca, que en dulçuras tanto prende.
Y en suavidades lucha
El alma, que idolátra quanto escucha,
Y quando tierna cantas
Te figuen montes, y te admiran plantas,
Y eternidades pide de alabança
Lo menos, que de ti mi pecho alcança.
Pero si agora nó me atrevo a tanto,
Presto verás que en sonoro canto
Llevo tu nombre adonde
Egypcio Cielo en largo mar se esconde,
Y por el mismo estilo
Te buelva al Tajo sin hurtarte al Nilo,
Y es justo que tus soles
Ilustren con iguales arreboles
Un polo, y otro polo
Por quanto dora el resplandor de Apolo,
Y alienten con su luz el pecho mio.

Fecunda Euterpe, y numerosa Clio,
Prestame tu favor, tu sacro aliento,
Inflame mi dichoso pensamiento,
Que una vez inflamado
De tanto Sol, y a tanta luz probado,
Mariposa en tu fuego,
Cisne renascera, y embidia al Griego,
Espanto del Latino,
Y asombro de Torcato, y de Marino.
Porque al que se despeña,
Y nuevas sendas de Poesia enseña,
Humilde adorará mi culta lira
Que a otro Febo mayor mi pecho aspira.





SONETO.

Congratulatorio.

De Fr. Thomás de Sousa ás memorias do Carmo, que escreveu Fr. Manoel de Sá.

OS illustres varoens Carmelitanos
 Hoje na vossa penna esclarecida
 Conseguem nos trofeos da eterna vida
 As glorias immortaes de soberanos:

Nas que escreveis acçoens dos Lusitanos
 A vossa locucaõ sempre luzida
 He por unica em tudo preferida
 A' dos Gregos, Latinos, e Romanos:

Astro sois, que influis na regia Historia,
 E tanta erudiçaõ em vós contemplo,
 Que por ella brilhais em tanta gloria:

Dos famosos heroes sois claro exemplo,
 Elles vivem no templo da memoria,
 E a memoria vos lavra novo templo.



SONETO.

*Do Doutor Joaõ Baptista Henriques
ao mesmo assumpto.*

O Utra vez ao Carmelo Lusitano
Este grave cultor orna entendido
Com flores engenhosas mais luzido,
Com plantas veneraveis mais humano:

Costumado a subir ao cume ufano
Das memorias Olimpo enobrecido,
Equivoca o esplendor esclarecido
Com o da Palestina soberano:

Porém não se equivoca o zelo ardente,
Com que tanta dispoem fiel memoria,
Imitando o de Elias eminente:

Pois cultivando do Carmelo a historia,
Quando o banha do zelo a grande enchente,
Mais, que Elias, recebe mayor gloria.



O Y T A V A S.

*De Luis Simoens de Azevedo ao mesmo
assumpto.*

PULSE com sacro plectro a doce lyra
 Este numen do monte bipartido,
 As cordas de ouro com trinados fira,
 Té que deixe ao Carmelo hoje efrugido,
 Cante o congresso todo em voz, que admira
 O armonico concento a vós devido,
 Soem vozes, e o deos Apolo toque,
 Porque hum monte com outro se equivoque.

A vós nesse alto cume collocado,
 Adonde a pluma vos fez ir subindo,
 Tem o Delfico deos já dedicado
 A gloria toda, que lhe presta o Pindo;
 Reverente o joelho tem dobrado,
 E vem com voz canora repetindo,
 Que se o doce instrumento ao alto atroa,
 Mais alto que o seu plectro a penna voa.

Essa pois que volatil se remonta ,
 Melhor do que aguia na sublime esfera
 He a ligeira fama , que nos conta
 A gloria , que em vós só se considera :
 Em lingua muito pura nos aponta ,
 E em frase singular , e mui sincera
 Os Bispos , e Escriitores taõ famosos ,
 Que deixais nas memorias gloriosos.

Delles só vós noticias dais taõ raras
 Como as honras , que á Ordem dar soubestes
 E se ha nella riquissimas tiaras ,
 Dellas altas memorias escrevestes :
 Naõ he muito , que sejaõ taõ preclaras ,
 Se agora novamente lhas tecestes
 Com a mais preciosa pedraria
 Da facundia , eloquencia , e da energia.

Melhor que do metal luzente , e louro
 Lhes formastes suprema bordadura
 Com palavras , que são bocados de ouro
 No crisol da eloquencia que as apura :
 Porque brilhem no seculo vindouro
 Lhes fazeis avultar a compostura ,
 Sem perderes da historia o melhor fio ,
 Sendo cada palavra hum elogio.

Oh quem tivera agora engenho agudo ,
 Que subira mais alto o pensamento ,
 Pois com grande trabalho , e igual estudo
 Em memorias trocáis o esquecimento !
 A vós digo que o Carmo deve tudo ;
 Que se teve Escritores de talento ,
 Pouco importára o muito , que escreveraõ ,
 Se delles as memorias se perderaõ.

Agora já que as temos renovadas
 No livro , que a Academia regia estima ,
 De tal sorte se vejaõ divulgadas ,
 Que não seja hum só prelo o que as imprimá:
 Essas noticias vossas estimadas
 Seraõ tambem no mais remoto clima ,
 Donde veraõ que vós buscando archivos
 Aos heroes nas memorias deixais vivos.

Mas se tantos varoens em dignidades
 Agora nos mostrais constituídos ,
 Essas mesmas fataes authoridades
 A vós creditos daõ bem merecidos :
 Durem pois na lembrança eternidades ,
 Já que tanto os deixais esclarecidos ,
 Elles sendo a fadiga desta penna ,
 E egregio assumpto vós desta Camena.



Ao Excellentissimo Senhor Manoel Telles da Silva, terceiro Marquez de Alegrete na occasiã, em q̃ celebrou os annos do Excellētissimo Senhor Marquez seu pay com hum primorosissimo Epigramma na lingua Latina de hum só distico, escreveu Fr. Thomás de Sousa.

EPIGRAMMA.

Contai Senhor, e cantai
 Na eternidade esses annos,
 Certamente soberanos
 Na vida do excelso pay;
 Dure na eterna memoria
 Com singular energia
 Do filho a sabedoria
 Para ser do pay a gloria;



Na occasião, em que o Real Convento do Carmo de Lisboa celebrou a noticia do Papa Benedicto XIII. ter mandado que em toda a Igreja se rezasse da Senhora do Carmo, fez o mesmo Author o seguinte.

S O N E T O.

V Irgem formosa, honra do Carmelo,
 A quem o sacro Empyreo reverente
 Louvores mil alterna docemente
 Do candor, que lograis, sem parallelo:
 Fazey do affecto meu eterno prelo,
 Porque estampado fique, e permanente
 No vosso doce amor com zelo ardente
 Em cada coração hum Mongibelo:
 Para gloria de toda a Christandade
 Hoje o vosso louvor faz mais jucundo
 De Benedicto Summo a Santidade:
 Pois gravou seu espirito profundo
 No padraõ immortal da eternidade
 Solemne o vosso culto em todo o mundo.

*A collocaçãõ da estatua do grande Pro-
to-Patriarca o Profeta Elias no Vati-
cano fez o mesmo Author o seguinte*

S O N E T O .

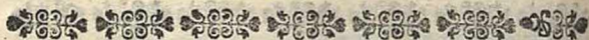
O Zelador da Fé , o grande Elias
Ao Vaticano vem do Paraíso ,
Mas se nelle se exalta , era preciso
Manifestarlhe a gloria em noslos dias :
Cantem no Ceo celestes Jerarquias ,
E antes que chegue esse final juizo
Haja de polo a polo hum santo rizo ,
Soem do ethereo assento as melodias :
Deo o Summo Pastor Dominicano
A Elias meu Padre (heroico empenho
Lugar pela eminencia soberano :
Onde o Santo Varaõ por desempenho
Diz : Para eu defender o Vaticano
Intrepido na maõ a espada tenho .

Ao repentino, e grande incendio, que reduzio a cinzas em 25. de Novembro de 1726. o sumptuoso, e magnifico palacio dos Excellentissimos Marquezes de Valença, por Joseph do Couto Pestana.

S O N E T O.

A Rde o palacio excelso, nas violencias
 Excede ao fogo, o fogo arrebatado
 Na dureza do marmore ateado
 Despreza á natureza resistencias.
 Das que o Tejo admirou magnificencias
 Só brilha o sumptuoso no abrazado,
 Que do seu mesmo estrago respeitado
 Se armáraõ do bilhante as indecencias:
 Coroando do fogo a crueldade
 Os tectos, que do Osir eraõ compendio,
 Arde na chama horrivel magestade.
 Mas para que da voz tanto dispendio
 A explicar do incendio a immensidade?
 Ao esplendor da casa iguala o incendio.

R O.



ROMANCE

*De Fernão Freire Cita-Cesar em occasião de
boas festas a hum compadre Mercador de
livros, e Thesoureiro da Bulla.*

Compadre, depois que tendes
Patente de Thesoureiro,
Que de Livreiro he hum furo
Mais acima hum par de dedos.

Depois que nos vendeis Bullas,
Como folhinhas os cegos,
E as graças aos olhos vistos
Lograis de portas adentro.

Depois que juntaes cruzados
Da Cruzada com o maneyo,
E fazeis com tantas Cruzes
Paz com a boca, e guerra ao demo:

Já vos não vem á memoria
O Archicanfano enfermo,
Oh que bem prova ser filho
Da ausencia o esquecimento!

Porque já não compro livros

E estou com o barco em seco,
Sou para vós (como dizem)
Framengo, que não dá queijo.

Pois sabei, fenhor Compadre,
Que ainda sou aquelle mesmo,
A quem pelastes a bolsa
A troco de papeis velhos.

Ainda tenho o negro vicio
De taful de prosa, e verso,
E para jogar com vosco
Não tenho carta de menos.

Basta que vós me envideis
Com algum roto caderno,
Vereis quaõ depressa topo,
E entro com o meu bedelho.

Porém em quanto me falta
Bom jogo, e não posso tervos,
Quero devervos, Compadre,
O favor de hum passatempo.

Sabereis, que de ocioso
Taõ enfastiado me vejo,
Que nem cos frangos engordo,
Nem com as gallinhas medro.

Só folheando algum livro
Com licença de Galeno
Passo a lição pelos olhos

Sem

Sem enfiar pelos beigos.

Isto me dá algum alivio ,
 Porque se une com o meu genio ,
 E por faltarme este adubo
 Não tenho gosto perfeito.

Assim que o livro das estampas
 De novo agora vos lembro ,
 Para que o vistais de couro,
 Sem lhe chegar ao pellejo.

Obra he de misericordia
 Vestir os nús, mas eu creyo ,
 Que quando taes nús vestis ,
 Lhes levais couro, e cabelo.

Ha tres mezes que este pobre
 Em vossa casa está sendo
 Engodo para algum rato ,
 Ou culpa para algum erro.

Se não he , que o estais guardando
 Para outro ministerio ,
 E o quereis fazer relógio ,
 Pois o trazeis taõ trazeiro.

Declaro , que não consinto ,
 Porque he papel , e não quero
 Que em alguma hora apressada
 Vingueis nelle algum excessão,

E pois no Natal estamos

A consoada requeiro ,
 Se forem as duas folhinhas
 Do anno , e reza eu me contento.

E em recompensa vos dou
 As boas festas , e prometto
 Mandarvos deste *Leytaõ* ,
 Quando for porco , o recheyo.

E com isto me retiro
 Ao cadoz do silencio
 E me conformo por vosso
 Amigo , compadre , e seruo.



*Introdução Acadêmica em dia, que preside
D. Francisco de Mello.*

R O M A N C E.

E Ste fim que he bom governo,
Esta fim, que he ordem santa,
Onde se daõ os officios,
Sem que o pertendente o saiba.

Presidente á reveria
Sem consultas, nem demandas
Deste Muséo, quando menos,
Me fizeraõ de pancada.

Muito me vai parecendo
Dignidade taõ barata
Com vara de quadrilheiro,
Que a metem por força em casa.

Este mal tem os officios,
Que naõ tem renda assentada,
Que huns a punhadas se aceitaõ,
Outros gastaõ-se ás punhadas.

Por subrepticia a eleiçaõ
Quiz annullar com mil causas,
Mas naõ pude, por estar
Já por Roma confirmada;

Por quanto assistio aos votos ,
 E esteve ao lançar das favas
 Por Breve particular

O senhor Bispo de Targa:

E até hoje , porque em tudo
 Mais solemne a festa faça ,
 Vem fazer Pontifical
 Nas Matinas desta casa

Em fim posto em dignidade
 Comecei de entrar em ancias ,
 Que os Imperios , e os cuidados ,
 Diz , que são irmãos em armas.

Que importa , dizia eu ,
 Verme em esfera tão alta ,
 Se a fortuna raras vezes
 Do merito se acompanha!

A quantos foy vituperio
 Pizar com indignas plantas
 O trono só reservado
 A's virtudes , e ás façanhas?

Que conta hei de dar de mim
 Nesta função (que he palavra
 Nova , que em secretaria
 Anda agora muito usada)

Se por hum hora que quiz
 O carro solar das chamas

Guiar o moço inexperito,
Foy dar c'ò a luz em pantana.

Porque hei de querer tambem
Regendo as redeas Pegafias
Ser adoptivo Faetonte
Nos intentos, e desgraças?

Mas em fim isto ha de ser,
Porque a sorte está lançada,
Melhor he cahir dez vezes,
Que confessar ignorancias.

Lembroume entaõ ter ouvido
Nas Academias passadas,
Que sempre Apollo aos seus vates
Nestes casos ajudava

Com revelaçoes celestes,
Com que em sombras lhe inspirava
Fantasticas apparencias
De sombras imaginarias.

Ou lhe apparecia em sonhos,
E palavra por palavra
Prologos, elogios, themas
A seu prazer lhes dictava.

Outros tambem, a que o genio
Subitamente arrebatava,
E ao Ceo os leva direitos
Sem ir em estado de graça.

Onde a teu gosto revolvem,
Lá nestas ethereas salas,
Os reconditos dos deoses,
E os escaninhos das fadas.

E depois que se enfastiaõ
De nectar, ambrosia, e mana,
Com bons conselhos sómente
Se tornaõ ás suas pouzadas.

Nesta fé pois do que ouvira,
Anda de casa em casa,
Espreitando pelas gretas
A ver quando Apollo entrava.

E esta apprehensãõ do sentido
Cada hora me afigurava;
Que já via os resplendores,
Que já sentia as pizadas.

Qualquer leve reboliço,
Qualquer vento, que soprava;
Aqui he, dizia eu logo,
Eyla a luzente fantasma.

Cada vez mais certo nisto
Já não sabia a esperança,
Qual fosse a hora ditosa,
Em que ao Ceo largasse as azas.

Que conceitos furtarei?
(Cá comigo praticava)

Se dou na materia prima ,
Em que Apollo os versos fragua ?

A' fé que eu lhe meta a mão
Na luz , com que o peito inflamma ,
De arte nova , mas que hum buitre
Depois me morda as entranhas.

Naõ ferei como outros muitos ,
Que como pragas da palha
Vaõ , e vem ao Ceo cada hora
Sem de lá trazerem nada.

Naõ vira eu vir hum Poeta ,
Que c'o Sol esteve á fala ,
C'um carbunco como hum punho
Que do seu folio arrancara :

Oh naõ nos quebrara os olhos
Em fé de ventura tanta
C'um topasio outro , que teve
Com Venus huma topada.

O que converfou com Juno
C'um colar de filagrana ,
E o que com a Aurora encontrou ,
De petolas n'huma carga !

Se andaõ pelos Ceos a todo
Os diamantes , e esmeraldas ,
E he a ordem dos Poetas
Mais pobre que a Franciscana ;

Como não trazem de joyas
As mãos mui bem recheadas,
Se quer, porque todos creão,
Que vem lá daquellas bandas?

Affim como a feiticeira,
Que vay á India em canastra,
Que traz ramo de pimenta
Para prova da jornada.

Nisto em fim passava o dia,
Vinha a noite, hiame á cama,
A esperar a Apollo em trajas
De frade de mão furada.

Fechava os olhos em falso
Por ver por entre as pestanas
Do pay da luz o feitio,
De quem tanto diz a fama.

Mas vendo que vir em sonhos
Nem por sonhos lhe passava,
De mais que o meu Confessor
Não crer em sonhos me manda.

Que não tinha inspiraçoens,
Que ás esferas não vovava,
Que se chegava o Domingo
Sem eu ter dado pennada.

Mais pragas rogando ao Sol
Que em Julho em dia de calma,

Tarde cahindo no engano ,
 Resolvime , e fillo faca.

Comecei a morder unhas ;
 E a dar na testa palmadas ,
 E a fazer introducçoens ,
 Foro, que este officio paga.

E assim fuy meu mole mole ,
 Como Deos me administrava ,
 Alinhavando estas coplas ,
 Que inda vem alinhavadas.

Sem me meter em louvores
 De Academia taõ honrada ,
 Com quem tremem as tenebrosas ,
 E as crufcas não fazem vaza.

Cujo metro , e harmonia
 Faz com que as Mufas mais sabias
 Dentro da propria Hipocrene
 Lhe dê a agua pela barba.

Pois sei que a fama não dorme ,
 E mais que adonde ella alcança ,
 Por mais que seja sabroso ,
 Não se dorme sobre a fama.

Antes a tem feito pobre ,
 Pois em seus louvores gasta
 Cada dia huma trombeta ,
 Cada semana humas azas.

Porque c'o seu nome ás costas
 Anda a triste carregada,
 Sempre n'humas roda viva
 Heila em Castella, heila em França.

Com que deixando esta empreza
 A Musa mais afeada,
 Que a materia de cothurnos
 Não sabe andar em tamancas.

Cuido que tenho cumprido
 Có as leys, que o Parnaso manda,
 Parrafo de Presidentes
 A folhas seis mil, e tantas.

Pois o Romance, e successo
 Desta fista, e desta falta
 Para desculpa sobeja,
 E para introducção basta.

Do mesmo Author.

Aos annos de Ruy Fernandês.

R O M A N C E.

Senhores, aqui de Apollo,
 Que he muy apertado caso
 Fazer versos de repente

V. Parte. Z Com

Com merenda de pensado,

Requeiro mande a Academia

Emendar o Calendario,

Pondo esta festa entre as duples,

Que cahem no mez de Março.

Para que todo o fiel

Poeta seja obrigado

Ir caçar para a merenda

Versos ao monte Parnaço.

E não nos tome outra vez

Dia tão solemne, e fausto

Como aos frades de Belem

O Natal de sobrefalto.

Porque nunca estive bem

Com Poetas subitaneos,

Nem versos, que por repente

Lhes pode valer sagrado.

Mas por não entrar eu só

A tripa forra aonde tantos

Com o suor do seu rosto

Comem tão lindos bocados.

Louvores assim á esmola,

Direi em brevis oratio

Por poder com este pé

Meter tambem maõ em prato.

Inda que estou duvidoso

Entre assumptos encontrados,
Se hei de louvar a merenda,
Ou se hei de louvar os annos.

Digo pois que huma vantagem
Leva este aos mais applausos,
Que os mais tem dias de festa,
Mas esta festa tem annos.

Tantos tende que o algarismo
Erre Gaspar de Carvalho,
Que com ser Contador mór
Nunca se atreva a contallos.

Sempre taõ saõ, e escorreito,
Que de puro arrenegados
De naõ gastar purgas, quebrem
Seus vidros os Boticarios.

A Parca ao fio vital
Tanto lhe detenha o talho,
Que de ociosa a ferrugem.
Gaste da tizoura o aço.

Seja taõ grande o novelo,
E Lachesis fie tanto,
Que vades mais de annos mil
Vivendo sobre fiado.

Vivei mais que trinta Fenix,
Sejaõ a vós comparados
Matusalem, hum cominho,

E Nestor hum desmamado

E viva com vosco a casa,

Filhos, netos, e criados,

Taõ conformes, taõ unidos

Como povoaes com o rato.

E pois he taõ feliz dia,

De todos taõ festejado,

Caya dos annos a festa

Mais de cem vezes cada anno.



*Acerto Conde, que não acabava de dar
huma volta, que tinha promettido.*

De D. Francisco de Mello.

R E D O N D I L H A S.

Como sempre há linguas soltas,
Murmura o vulgo ruim,
Que não sois bom bolatim,
Porque não sabeis dar voltas.

Que houvereis de mandar,
Dizem, logo sem tardança
Chamar hum mestre de dança,
Que vo las ensine a dar.

Pois desta arte tão commua
Tão cedo vos esquecestes,
Que de quantas voltas destes
Hoje não sabeis dar huma.

E jura alguém, a quem mal
Vossa grandeza he notoria,
Que vos varreo da memoria
Por ser arte liberal.

Dará vossa fama estouro,
Se quando aos touros entraís,

Como

Como esta volta guardais ,
Guardais a volta do touro.

E para espada em revolta
Tendes tempera estremada ,
Que a boa folha de espada
Diz , que não ha de ter volta.

Porém segundo atégora
Tem passado toda a festa
Sem a volta, não he esta
A volta , que me namora.

Ou eu devo estar muy grosso ,
Ou vós mal deveis de andar ,
Pois n'hum mez não podeis dar
Huma volta ao meu pesçoço.

Em pouco mais houve não ,
Que huma volta ao mundo deu ,
Pois sou mais que o mundo eu ?
Ou vós sois menos que hum páo ?

Ambos ao mesmo compasso
Navegamos com bonança ,
Eu na volta da esperança
Vós na volta do çargasso.

He tal a vossa dureza
Que esta volta , que heis de dar ,
Inda he peyor de tomar
Que as mesmas voltas da Andreza.

Muito ha que o pensamento
Hum receo me não solta ,
Que pois não quereis dar volta ,
Deveis de estar ferrugento.

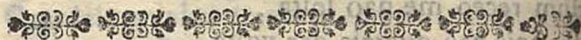
E assim por forrar petrechos
Poderá ser que aproveite ,
Vos quizera untar de azeite ,
Pois sois taõ duro dos fechos.

Ou hum musico emprestado
Buscarei , que a voz levante ,
E a toda a hora vos cante
Buelta a cá pastor cançado.

Praza a Deos sem mais propostos ,
Que sejais taõ esquecido ,
Que lanceis o promettido
Cá para detras das costas.

Pois nisto o sentido atolo
Com tal ancia , e tal extremo ,
Que se a volta tarda , temo
Que me dê volta o miolo.

E já que o Parnaso aos potes
Nos dá do licor , que esconde ,
Não será razaõ , meu Conde ,
Deixar sem volta estes motes.



POR ASSUMPTO ACADEMICO

A una fuente, en que se via una Dama.

DECIMAS.

De D. Francisco de Mello.

V Ago pintor de las flores,
 Tu, que en luzientes matizes
 Para hurtar la luz de Lizes
 Hurtaste al Sol los colores:
 Justamente sus primores
 Muestra tu claro reflejo,
 Quando en tus aguas consejo
 Toma su ardiente arrebol,
 Porque al fin siempre del Sol
 Fueron las ondas espejo.

Tu, que a ser crystal dós vezes
 De esse marmol te desatas,
 Una, por lo que retratas,
 Y otra, por lo que pareces:
 Bien de la copia, que offreces,

Quedar puedes con jactancia ,
 Si es tan poca la distancia ,
 Que aun se vé mas natural
 Que en tu crystal su crystal
 Su inconstancia en tu inconstancia.

Al verle en ti Lizes , sienta
 Que amor maravillas fragoa ,
 Pues verse el fuego en el agoa
 No está fuera de portento :
 Mas si es que deste elemento
 Procede amor , bien en summa
 De mar tu crystal presume ;
 Pues quando su bulto haze,
 Con razon piensa que naze
 Nueva Venus de su espuma.

Aunque es breve tu corriente ,
 Nadie se deve admirar
 Que amor conceda de mar
 Privilegios a una fuente ;
 Pues si de Lizes la ardiente
 Luz baña tu curso incierto ,
 Bien que en tan estraño puerto
 Raudal tan pequeño escondas ,
 Si el Sol se pone en tus ondas ,
 Que eres Océano es cierto.

LA SEGADORA

DECIMAS

De D. Francisco de Mello.

Rústica beldad, que eres
 Con perfeccion mas que humana,
 Deidad mentida en villana,
 Venus disfarçada en Ceres:

Sin duda, que porque inquieres
 Tu bello Adonis zelosa,
 Occultas la luz hermosa,
 Pero que mucho si ofado
 Tanto dios ha transformado,
 Que amor transforme una diosa?

Si con manos enemigas,
 Y con la hoz insolente,
 Segando vas igualmente
 Tantas almas como espigas,
 No el exercicio profigas
 Divina Atropos, y advierte
 Que si matas dessa suerte,

Presto

Decimas.

Presto no tendras que hazer;
 Pues quien vida ha de querer
 Si es tan hermosa la muerte?

Quien huirá de tus rigores
 Si aun jubilando los rayos,
 Haze con el hierro enfayos
 Para los triunfos mayores?
 Ya rezelan los pastores
 Que estas iras, que oy desechas,
 Han de quedar satisfechas,
 Pues para herir, y vencer
 Arco mañana has de hazer
 La hoz, las espigas flechas.



DECI-

D E C I M A S.

De D. Francisco de Mello.

Cinthia, offendido, y gustoso
 De tu engaño, y mi cuidado,
 Ni acierto a estar obligado,
 Ni me atrevo a estar quexoso;
 Un engaño tan dudoso
 No agradezco en mi tormento,
 Tu piedoso fingimiento
 Es Cinthia; porque en razon
 Dudo yo la obligacion
 Más que el agradecimiento.

○ Pues ofensa viene a ser
 No deuda, Cinthia, estorvar
 La mentira el alcangar,
 La piedad el merecer;
 Pero si es tal tu poder,
 Que obliga aun quando ha offendido,
 Grofferia huviera sido
 En un pecho enamorado
 Confeslandose obligado
 No mostrarse agradecido.

EFECTOS DE AMOR.

De D. Francisco de Mello.

L I R A S.

M Al la auzencia sufriendo,
Y menos el furor con passo ciego.

Sale Clorinda, ardiendo
De ira, y de amor en duplicado fuego
Por templar de dós llamas, que suspira,
En lagrimas amor, en sangre la ira.

De amor, y azero armada
Con tierno affecto, y animo constante
Conduce a la estacada
En pecho fuerte coragon amante;
Y en vista hermosa, en apariencia fiera
Miente en cuerpo de azero alma de cera.

Su muerte busca anciosa
Culpa de dós amantes, si del hado
Permission rigurosa;
Pues el uno atrevido, otro olvidado,
Engañada una fé, otra mentida,

Mil homicidas son contra una vida.

Con tragico denuedo
Vengador infelix de tanta llama
Engañado Tancredo
En mentido disfraz mata a su Dama;
Miserio triunfo, desdichada palma,
Que a uno cuesta la vida, a otro el alma.

Complice fue del daño,
Quando la amada sangre el hierro bebe,
Solamente el engaño
Fue el pecho, aunque la mano aleve;
Pues llora el pecho, si la mano hiere,
Y quando aquella mata, estotro muere.

Mas del riesgo futuro
Mal cuidadoso de Clorinda Argante,
Buelve sin ella al muro;
Rota la fé de amigo, y más de amante:
Pues faltando a finezas, y razones,
Vence un olvido dós obligaciones.

Muere Clorinda hermosa
De uno amante asfaltada, y de otro ausente,
Y en lid tan rigurosa
Menos el hierro, que el descuido siente,
Que una herida sin culpa no es delicto,
Y un error en alma es infinito.

*Introdução para a Academia de dia de entrudo, em
que presidio D. Francisco de Mello.*

Juramento tinha feito
Por quantas Santas, e Santos
Contem o Martyrologio

Dessa Corte do Parnaso,

De não tornar a aceitar

Segunda vez este cargo,

Mas que me riscasse Apollo

Dos luzentes Cartapacios.

Pois não se póde dar sempre

Ao juizo esfolagatos,

Que até a fonte do Rocio

Se seca de quando em quando.

Mas succedeome o que dizem

Da mulher, que está de parto,

Que tudo he fazer votos

Aos Santos seus advogados

De apartarse do marido

Se escapa daquelle trago

Por fugir da contingencia

De verse em outro trabalho.

Em parindo, os juramentos

Ata á ponta do trançado,

E ao cabo dos nove mezes
Vem com outro filho macho.

Assim a pezar dos exemplos
Em me acenando com o cargo
Me colheraõ, porque em fim
No ay hombre cuerdo a cavallo.

Podera eu escarmentarme
Naquelle passado caso,
Em que o Sol ás boas noites
Me deixou neste Senado.

Para não meterme em outra,
Pois conforme ao nosso adagio,
Até do Sol frio ha medo
Hum Presidente escaldado.

Mas não sey, que tentação
Traz consigo isto do mando,
Que todos andamos sempre
A grunhir, e a desejallo.

Em fim aceitei, mas vendo
Que tinha ao Sol por contrario,
E que para esta oração
Era preciso invocallo.

Pois por vicio, ou natureza
Os Poetas nestes aões
São já como os benzedores,
Que não curaõ sem Sol claro.

Cuidando no que faria,
 Dei n'hum alvitre estremado,
 (Que a necessidade he mestra,
 Que tem feito a muitos sabios.)

E por não andar com o Sol
 Em cumprimentos, que faço,
 Mando pedir a hum Piloto
 Meu vizinho hum Astrolabio.

E applicando ao Ceo a vista
 Fecho hum olho, o outro abro,
 Meço as alturas do Polo
 Deito linhas com o compasso.

E sem respeito aos seus grãos
 Tomo o Sol, mal de seu grado,
 Que como andava entre os peixes,
 Me foy facil o pescallo.

Qual eu fiquei de contente,
 E elle de desconfiado
 Vendo-se tomar por força,
 Foraõ contos muito largos.

Finalmente de o tomarem
 Vendo eu que estava tomado
 Com o devido acatamento
 Lhe fuy propondo este chasco.

Padre das Musas discretas,
 Tu, que ditas, tu que ensinas,

Como Padre das doutrinas
 As oraçoens aos Poetas,
 Estes cascos, que inquietas,
 Bem he que illustrallos trates;
 E assim sem que a luz dilates,
 Me inspira nesta occasião
 Huma devota oração
 Como pay, que es dos Orates.

Eu não queimio em tuas aras
 Entre odoríferos lumes,
 De Sonetos mil perfumes,
 De Cançoens pastilhas raras?
 Eu de tuas aguas claras
 Não bebo o licor mais terço?
 Eu com as Musas não converso?
 E no estilo, que realça,
 Não sey quantos pontos calça
 O metrico pé de hum verso?

Como Apollo, não assiste
 Teu furor a meu desejo?
 E he, se alguma vez te vejo,
 Como dizem, fogo viste?
 No ay un rayo para un triste?
 A ti justamente clamo;
 Pois por mais que as sciencias amo,
 Nunca houve para mim

Hum

Hum raminho de ale rim,
 Quanto mais de louro hum ramo.

Eya pay da luz eterna,
 Cujoo braço soberano
 Desde Indo ao Oceano
 O plauftro dial governa;
 Já que do Ceo es lanterna
 Desta idéa a sombra opaca
 Com teu resplandor aplaca;
 Venha a nós introducção,
 E não caya em tentação
 O Auditorio de matraca
 Ouvio o Sol esta arenga
 Taõ focinhudo, e enfadado,
 Que de raiva pelos olhos
 Lhe estavaõ sahindo rayos.

E quando esperava eu,
 Que com o comprimento usado
 Da palmatoria pedisse
 Perdaõ dos erros passados.
 Escumando pela boca
 Se voltou a mim taõ bravo,
 Como se eu lhe houvesse morto
 O filho, que chora o Pado.

E sem mais tiste, nem guarte,
 Me disse a si ao soslayo

Aa 2

Esta

Estas palavras indignas

De hum astro tão bem creado.

Quem te mete Poeta miserando

Em dares, nem tomares com o Sol, quando

Inda ha tão poucos dias,

Que o Sol te fez levar oito sangrias,

Tomar o Sol! (de colera me abraço)

Sou eu tabaco acaço?

Ou tu es alfayate,

Cortasme alguma capa por ventura?

Que ao Sol tomas a altura?

Hay tão graõ disbarate!

Triste de mim coitado,

Onde me acolherei, tudo he tomado;

Pois por costume já qualquer vadio

Sahe a tomat o Sol em tendo frio;

Inda que me consolo

Com que andando n'hum signo de continuo

Ninguem me toma por depois do sino.

Cuidas que não ha mais (dize madraço)

Que vá Sol, venha Sol a cada passo?

Por força ha de assistir minha influencia

A toda a presidencia?

Naõ sou senhor da minha claridade

Para dar, ou tirar a quem me agrada?

Pois bem que a minha luz a muitos trate

He gratia gratis data ;
E não te engane o dito , que te offrece ,
Do Sol , que para todos amanhece ,
Pois tambem porque a todos não iguale ,
Quando o Sol doura o monte, affombra o valle ;

Hora agradece a Deos , com tuas tretas
Não trazer eu aqui as minhas settas ;
Que em ti fizera hoje tal destroço ,
Como fiz em Pithon , quando era moço ,
Só porque com palavras , e esconjuros ,
Baixando tantos furos
Não quizeste trazer a teu governo
Feita a alma do Ceo alma do Inferno.

Porém em fim sou pay , e tu mo chamas ,
Que das Musas tambem o leite mamas ;
E ainda que me esbravejo assim contigo
Não sey , que demo me cortou o embigo ,
Que não te quero mal ; e porque vejas ,
Que tens tudo de mim , quanto desejas ,
Toma que aqui te dou , por verte quieto ,
Para ajuda da festa este Soneto ;
Não te dou mais , porque o Museo passado
De versos me deixou mui alcançado.

Aqui te fica , e bem que escuro fique,
Pede a Gaspar de Meri , que to explique ,
Que na sciencia , que muitos tem por mingua ,

He quem melhor ao Sol entende a lingua.

E a Deos que Thetis já por mim espera,

E me tem para a cea,

Por ser dia de Entrudo huma balea,

Que inda que a dia tal carne se deve,

Eu sempre ceyo peixe, que he mais leve.

Foyse como hum passarinho,

E eu fiquei como palmado,

Por ser esta a vez primeira,

Que vira o Planeta quarto;

Mas depois que entrei em mim,

Depressa o Soneto agarro

Antes que em carvaõ se torne

Cõmo thesouro encantado,

E lendo meu molle, e molle

Os celestes garavatos

Diziaõ de verbo ad verbum

Com vossas merces fallando.

Cisnes do Tejo, cuja praya amena

Se vê de vossõ canto enriquecida,

Em vez de pordes fim cantando á vida,

A vida eternizais com a voz, e a penna.

Vós, cujo grave accento, e doce avena,

Deixa do Thracio a musica vencida,

E a poder ser no escuro Reyno ouvida

Rhadamantho outra vez deixára a pena

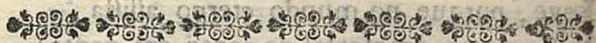
Vivei, cantai, e o Sol no curso ardente
Leve, porque no mundo eterno assista,
Vosso nome immortal de gente em gente:

Que se elle só vossas acçoens regista,
Já que he brandaõ do Ceo o Sol luzente,
Por Brandaõ seja voffo Coronista.

Naõ diz mais o tal Soneto ;
E se diz pouco, está claro,
Que o Sol he quem tem a culpa,
Que eu por sua boca fallo.

Nem eu digo mais tambem
Senaõ que tenho acabado
A Introduçaõ, e o que falta
Digalo mi Secretario.





DE SOROR VIGLANTE DO CEO.

Al Illustrissimo Señor Alexandre Castracani, Obispo de Nicastro, y Colector en Portugal.

C A N C I O N .

SI en el mayor placer es justo el canto,
 Y en la dicha mayor el placer justo,
 Suelta, ó Musa, la voz, la lyra toca,
 Pues tan alto saber, valor tan santo
 A excessos de placer, señas de gusto
 Con tan raros favores te provoca.
 No la que el mundo invoca
 Apolinea deidad, metrica sciencia,
 Aora en tu favor cobarde impløres,
 Que quando de Alexandro los favores
 Inspiran a tu voz alta eloquencia,
 Lo justo será solo
 Que te pida favor el mismo Apolo
 O' canta la atencion, la gloria canta,
 Que a tu dichosa voz, a tu instrumento

El mas raro valor benigno ha dado ;
 Sepa la emulacion ventura tanta ,
 Porque de su rigor el duro intento
 Quede con tus venturas castigado ,
 Admire tanto agrado
 Absorta la razon , suspenso el mundo ,
 Y atonito el discurso mas subido
 A tu felicidad rinda el sentido.

O' Musa , en cuya voz mil glorias fundo ,
 Pues has llegado a tanto ,
 Que applaude tal varon tu indigno canto ;
 O' tu del Vice-Dios gran substituto ,
 Pontifice feliz , digno Prelado ,
 De Portugal tambien , si de Nicaastro ,
 Dete el mundo de Divo el atributo ,
 Y quede tu atributo al fin gravado
 En crystal , en diamante , en alabastro.
 Embidie el felis Astro
 De la insigne Lisboa eternamente
 El imperio del mundo mas dichoso ,
 Pues de tu condicion lo generoso ,
 Pues de tu discricion lo preeminente
 Esta Ciudad famosa
 Venera singular , logra dichosa.

Eres de Italia Sol , de Roma gloria ,
 Columna de la fé , del alma amparo ,

De Lusbel confusion , del Orbe exemplo:
Eres sublime assumpto a la memoria ,
De la misma nobleza honor preclaro ,
Cifra de la virtud , del valor templo:
Eres en quien contemplo
Unida la humildad a la excelencia ,
La llanesa al valor tambien unida :
Eres en quien admiro introducida
En alta gravedad dulce clemencia ;
Pues solo por tan llano
Quien divino te vê , te admira humano:
Digalo yo , Señor , que tus deidades
Humanadas miré , quando dichosa
Conségui tu favor , ó Nuncio santo :
Digalo yo , Señor , que a las edades
Portento espero ser por venturosa ,
Ya que no por capaz de favor tanto :
Digalo en fin el canto
De los cisnes de Italia , y de Ulyssipo ,
Y cada qual en voz sonora , y pura
Alabe tu valor , y mi ventura :
Pues oy de tus favores participo ,
Dando con tal victoria
A mi nombre feliz eterna gloria.

A la Señora D. Mariana de Noroña.

C A N C I O N.

S Embrar en agua , edificar en viento ,
 Cifrar , el mar , aprisionar las olas ,
 Contar la arena , endurecer la espuma
 Presume con audaz atrevimiento
 Quien de tu bello sol las gracias solas
 Intenta reducir a breve suma.

Mas si tu de mi pluma
 El buelo con tu auxilio favoreces ,
 Quien duda , que veloz al mismo Cielo
 Llegará de mi pluma el feliz buelo ;
 Donde con indiciar lo que mereces
 Suspenderá deidades ,
 Y alcanzará su fama eternidades.

Otorga , otorga pues , ó bello encanto ,
 A la pluma , a la voz , al canto , al genio
 En tan inmenso mar dulces bonanças ;
 Porque el genio , la voz , la pluma , el canto ,
 De tu excelsa beldad tu raro ingenio
 Buelvan las suspensiones alabanças :
 Tu , que sola te alcanças ,
 Euterpe celestial , divina Clio ,

Dictame de ti misma lo que entiendes ,
 Pues sola tu tus gracias comprehendes :
 Harás con esta accion , que el canto mio
 Sea milagro tuyo ,
 Y admiracion del Orbe el eco fuyo.

Formóte el grande Artifice divino
 Tan rica de esplendores soberanos ,
 Tan llena de excellencias celestiales ,
 Que pienso que en tu objecto peregrino
 El credito librára de sus manos ,
 Si credito faltára a manos tales.

En ti se ven iguales
 Belleza , y discricion , pues juntamente ,
 Si admira de tu rostro la belleza ,
 Suspende de tu ingenio la agudeza ,
 Y ansi quedas por bella , y por prudente ,
 (O' dea venturosa)

Docta Venus en fin , Palas hermosa.

Es tu rostro , Señora , un breve Cielo ,
 Adonde está cifrado lo mas bello ,
 Que en lo im menso del Cielo el múdo admira:
 Tus ojos las estrellas de su velo ,
 Tus mexillas la Aurora , y tu cabello
 El Sol , que en aurea luz por nieve gyra :
 La Via Lactea mira
 Quien mira tu blancura soberana ;

El Iris , quien tus cejas considera ;
Y lo mejor en fin del alra esfera
Epilogado en tu deidad humana
A suspension induze ,
Y mas en ti , que en sus objetos luz.

Si para exagerar tu entendimiento
Hiperboles hallara poderosos ,
Encomios alcanzara peregrinos ,
Con la exageracion de tal portento
Suspendiera los exes luminosos ,
Parara los raudales crystalinos :
Prodigios son divines
Las palabras , Señora , de tu boca ,
Milagros los escritos de tu mano ,
Donde en el idioma Italiano ,
Como en el Portuguez , almas provoca
A suspension muy clara
Tu ingenio singular , tu letra rara.

Pues si para bolver la tierra Cielo
Con manos de crystal una harpa tocas ,
(O' canora prision de los sentidos)
Tan duplicadas glorias das al suelo ,
Que mientras los espiritos provocas ,
Litigan con los ojos los oidos :
Excessos son devidos
A la gloria de oírte , y de mirarte ,

Pues en tan dulce bien , tan feliz suerte
 Ni el verte vence nunca al escucharte ;
 Y en una , y otra gloria
 Faltar victoria es la mayor victoria.

Tal perfeccion en fin , tal excellencia
 Admiro en el valor de tus acciones ,
 Contemplo en el exceso de tus glorias ,
 Que a ser menos illustre tu ascendencia
 Pudieran tus divinas perfecciones
 Hazer tu nombre illustre en las memorias :
 Mas porque tus victorias
 Quedassen en tu sangre mas luzidas ,
 Tan noble entre los nobles has nascido ,
 Que es igual lo heredado a lo adquirido ;
 Pues entre mil grandezas conocidas
 Compiten con los Astros
 La sangre de Noroñas , y de Castros.

O' vive por honor del patrio suelo ,
 Compendio celestial , cifra dichosa
 De todo lo perfeto , y lo admirable :
 Y tanto en mi favor te obligue el Cielo ,
 Que seas como bella venturosa ,
 Y como venturosa favorable.
 Contigo solo estable
 Sufente para siempre la fortuna ,
 Y excedendo las dichas al deseo ,

Tantas a tu deidad rinda Hymeneo ,
 Que excedan las mudanças de la Luna ;
 Porque en ti solamente
 Si vea lo feliz con lo excelente.

Y tu famoso Reyno Lusitano ,
 De Asia emulacion , de Europa gloria ,
 De todo el Orbe en fin insigne exemplo ,
 Vive oy por Mariana mas ufano ,
 Que por quantas grandezas la memoria
 En fé de tu valor guarda en su templo.

Y mientras yo contemplo
 En sus merecimientos tu ventura
 Dedicar a su deidad applausos tales ,
 Que quede en simulacros immortales
 Este diosa de ingenio , y de hermosura ;
 Porque a su nombre solo
 Aras , y culto erija el mismo Apolo.

A la muerte de Lope de Vega Carpio.

C A N C I O N .

SI credito , si gloria
 No conseguiste , ó Musa , con el canto ;
 De Lope la memoria
 Tu credito asegure con el llanto ,

Que

Que quando por tal fin se llora , y pena ,
 Credito el llanto dá , gloria la pena.
 Aquel divino Apolo ,
 Aquella admiracion de las edades ,
 Aquel Fenix , que solo
 Murió por renascer a eternidades ,
 En la sublime esfera introduzido
 Se ostenta vencedor , quando vencido.
 Pensó con vano intento
 Mostrar en acto audax la Parca impia ,
 Deste raro portento
 Mentida la deidad , que el mundo via :
 Pues su sublime ser hizo mas cierto
 El quedar immortal despues de muerto.

La division que advierte
 El pesar en tu ser , ó Fenix raro ,
 Translacion fue , y no muerte ,
 Que a ser del espondor aumento claro
 Passaste de lo humano a lo divino ,
 Dando a digno valor lugar mas dino.
 Perdio con tu partida
 Helicon el valor , Parnaso el brio ;
 Que si solo tu vida
 Sustentava el honor de Euterpe , y Clio ,
 Ahora que entre luzes te acomodas ,
 Huérfanas llorarán las Musas todas.

Perdio su Sol el suelo,
Su credito el saber, su espanto el mundo,
El genio su modelo,
Su exemplo lo suave, y lo fecundo,
La fama sus asuntos en tus glorias,
España en tus escritos sus victorias.
Todo en fin ha perdido:
Tu solo entre delicias colocado
Tan diferente has sido,
Que con lo que has perdido, te has ganado;
Pues ya por tu virtud, ya por tus obras,
Si una vida perdiste, inmensas cobras

Oh! Logra eternamente
Este abismo de glorias infinitas;
Esse tu digno Oriente
O' Fenix, que moriendo resuscitas:
Que quien tantas deidades incluia
Solo tan digno assunto merecia.

Y tu famosa España,
Cuyo raro valor, cuya grandeza
Tan justo llanto baña,
Alegria introduze en la tristeza,
Que si el perdido bien fue gloria tuya,
Astro será, que discricion influya,



ROMANCES VARIOS DE HUM ANO
nymo.

Abuma Freira indo ás Caldas.

R O M A N C E.

B Eliza, aquella beldade,
Cujas perfeiçoens são taes,
Que a formosura, e juizo
Vivem nella muito em paz.

Aquella Circe das almas,
Cuja voz sempre será
Encanto dos alvedrios,
E o pasmo de Portugal.

Enferma, bem que sublime
De huns achaques mostras dá,
Pois ás deidades tambem
Os males se atrevem já.

Por se livrar das molestias,
Que a costumaõ magoar,
Se negou remedio ás vidas,
Por remedio ás Caldas vay

Aquelle

Aquelle Sol escondido
 Entre as nuvens do sayal,
 Se occaso faz de hum Convento,
 Do campo ecliptica faz.

Mas logo que os campos lustra,
 Alento, e desmayos dá
 Ao dia para luzir,
 Ao Sol para se eclipsar.

Aos prados, a quem o Estio
 Despe a gala natural,
 Quanto os olhos podem ver,
 Flores tornaõ a enfeitar

Dandolhe a musica os bosques
 Com cithara de crystal,
 Parece entre os ramos verdes
 Cada roxinol hum Braz.

A viraçõ, que entre as folhas
 Sempre buliçosa está,
 Ou já murmure, ou suspire,
 Faz de cada assopro hum ay.

Cuido, que por festejalla
 Com contentamento igual
 As fontes querem tanger,
 E as plantas querem bailar

A humas saudades.

ROMANCE.

MOrrer de pura saudade
 Não he a mayor fineza,
 Que pena, que acaba a vida,
 Porque acaba, não he pena.

A pena, que he repetida,
 Só se póde chamar pena,
 Porque isso logra de fina,
 Que só logra de perpetua.

Perder huma vez a vida
 He sofrer huma só pena,
 Mas acabar muitas vezes
 He sofrer penas eternas

A vida, que se dilata
 No sofrimento da ausencia,
 Em cada instante que vive
 Executa huma fineza.

E se o morrer muitas vezes
 He obrar muitas finezas,
 Quem mais vezes perde a vida,
 Mais finezas manifesta.

Morro todos os instantes,

Porque em cada instante seja
Objecto de crueldades,
Morto exemplo de finezas.

Degenerara de fino
Meu amor, se nesta ausencia
Acabara com a morte
De huma vez a minha pena.

Mas como quero que conste
Que sou fino nas estrellas,
Para morrer tenho vidas,
E a minha vida he perdellas.

Na morte acho a minha vida,
Porque julgo por offensa
Naõ morrer sem acabar?
Quem vive em taõ dura ausencia.

Dura com razãõ lhe chamo,
Porque he mui dura esta pena;
Que pela causa naõ quero
Seja duro o padecella.

Mas dame, ó amor tyranno,
Para queixarme licença:
Se quem nas penas tem gosto,
Tóde ter razãõ nas queixas.

Dizeme como permittes,
Que nesta ausencia padeça
Por breves horas de gosto

Eternidades de penas ?

Solta huma nuvem hum rayo ,
Que fazendo ao mundo guerra ,
Se bem n'hum instante acaba ,
Quanto encontra ardendo deixa.

Da mesma sorte meus gostos
Breve duraçãõ tiveraõ ;
Bem que encontrando meu peito ,
Deixaraõ meu peito hum Etna.

Foraõ gostos , que acabaraõ
No instante, em que nasceraõ ;
Sendo que ficou muy vivo
O sentimento da perda.

Pois se por gostos taõ breves
Dás amor taõ largas penas ,
Porque me naõ queixarei ,
Se tenho razãõ na queixa ?

Cruel tens sido comigo
De tal forte , que podera
Dizer , que de algum tyranno
Vestiste a natureza

Naõ foy crueldade fina ,
Tyrannia manifesta
Roubares-me de meus olhos ,
Do meu peito a melhor prenda ?

Naõ vejais meus olhos mais ,

Que

Que não he bem que mais vejaõ
Olhos , que em tão breve tempo
Hum tão grande bem perderaõ.

Porém para que me queixo
Do amor , se na mesma queixa
Pódem achar em seu abono
Razoens em sua defença.

Amor fez o que devia
Em unir com tanta pressa
Duas almas n'hum supposto ,
Sendo antes formas diversas.

Mas quem teve coração ,
Amando com tantas veras ,
Para me deixar sem vida
He causa de minha penas.

Pois se inimiga me foges ,
E se affim cruel te ausentas ,
Não me queixarei do amor ,
Queixarme hei de quem me deixa.

Se foy forçosa a partida ,
Não dirás , querida prenda ,
Que te não fez a saudade
A's memorias resistencia.

Como logo sem piedade
Nesta soledade dexas
Quem te adora , quando o amor

Te faz taõ grande violencia ?

Mas quem me disse , que amor

Te fará dor taõ violenta ,

Se no teu descuido vejo

Que a ausencia te não dá pena ?

Naõ te dá pena , porque

Quem perdoa as diligencias ,

Quando a dor as necessita ,

Nunca o mal muito atormenta.

Pois já que essa dor não sentes ,

E taõ pouco te desvella ,

Tem lastima de quem vive

N'hum labyrintho de penas.

Mas não , amor , não quero

Te compadeças ,

Que hei de viver morrendo ,

Que he fineza.

Ao mesmo assumpto.

R O M A N C E .

O Nde estais , minha saudade ,
Que ha tanto que me não vistes ?

Se não me olhais , respondeime ,

Se não me fallais , ouvime ,

Quem

Quem vos poz de mim taõ longe ,

Quando parece impossivel

Que dos meus olhos se ausente

Quem dentro n'alma me assiste ?

Quem vos poz taõ mal comigo ,

Que andando sempre a fugirme ,

Nem vos doeis de que eu chore ,

Nem vos dá de que eu suspire ?

Que impossiveis vos escondem ,

Que distancias vos dividem

Que nem ouvirvos mereço ,

Nem vovos se me permite ?

Naõ fujais de ouvir meus males ,

A ouvir meus suspiros vinde ,

Porque sempre foy discreta

A conversação dos tristes.

Mas quem fora mais ditoso ,

Se nas ancias , que me affligem ,

Alguma hora , algum momento

Vos lembrara este infelice.

Mas quando o meu bem foy tanto ,

Que chegasse a presumirse ,

Que poderiaõ meus males

Trazervos a divertirme ?

Mas pois não me respondeis ,

Ouvime ao menos , ouvime ,

Que

Que a magoã de não saberdes
He mais, que a de não sentirdes.

Na solidão destes montes
Desterrado, amante, e firme
Vivo de hum mal, que me engana,
Morro de hum bem, que já tive.

Buscovos entre essas penhas,
Que como o sois, sem me ouvires,
Só entre as penhas presumo,
Que acharvos será possível:

Se vos busco em estas prayas,
Faz a minha ancia infofriyel,
Que o numero das areas
O mal das ancias imite.

Se ao mar as lagrimas correm,
Mayor que o mar, onde estive,
Corre este mar dos meus olhos,
Onde o pranto he sem limite.

Se vos chamo entre os penedos
Compadecidos de ouvirme,
Ouvindo de Tisbe o nome,
Tambem perguntaõ por Tisbe.

Se desse arvoredos as aves
Ouvem meus suspiros tristes,
Em lugar de sons alegres
Roucas cadencias exprimem.

Se corro a abraçar as sombras ,
Onde os meus olhos vos fingem ,
Nem por sombras me consentem
Crer , que tal ventura tive.

Morre o dia , nasce a noite ,
E sem que a minha ancia espire ,
Morre a noite , o Sol renasce ,
Torna o dia , as luzes vivem

Ao campo , a quem fez capuzes
Outubro os verdes matizes ,
Resurgindo Abril reveste
De amenidade aprasivel.

Da fonte , que o frio Inverno
Afeou com turvo eclipse ,
A neve embargada , e preza
Torna solta a delazirse.

Tudo se alegra , e renova
Por mais damnos que sentisse:
E eu sem ver gosto a meus olhos
Vivo cada vez mais triste.

Desço ao valle , subo ao monte ,
E em fim por mais que varie ,
Sem vós , minha saudade ,
Tudo me offende , e me afflige.

Naõ sei como as magoas podem
Deixar já de consumirme ,

Pois quando ellas não bastaraõ ,
Bastava que eu vos não visse.

Porém que magoas mayores ,
Ou que morte ha mais terrivel ,
Que ver que o que tenho na alma ,
Dos olhos se me desvie.

Em fim, minha saudade,
Aqui morrerei de triste
Sem vós, pois vos tenho ausente ,
Sem mim, pois lá vivo firme.





A HUMA DAMA , QUE DEO HUMA
 queda indo espivitar huma vella.

R O M A N C E .

I Gnez , aquella deidade,
 A quem chamaõ por aqui
 A joya deste lugar ,
 E o pasmo deste paiz.

Aquella estrella em çapatos ,
 Aquella Aurora em chapins ,
 Sol humanado em mulher ,
 Flor trocada em Serafim.

Indo dar vida a huma luz ,
 Que ou morria por luzir ,
 Ou só por resuscitar
 Em tumulos de jasmim.

Cahio , como se este auxilio
 Fora tentação , que em fim
 Porque até nelles se caya ,
 Sempre o diabo he sutil.

Moça taõ bem entendida

Quem a vio já mais , se assim
 Como quem não quer a couza ,
 Em tudo sabe cahir ?

Fizeraõ juizo os Astros
 Deste caso , e vendo alli
 Como já cahia o Sol ,
 Temeraõ do mundo o fim.

Esmoreceo se a muchacha ,
 Mas que muito , se adverti
 Que anima a hum peito de alcorça
 Hum coração de alfenim.

Borrifaraõ na as amigas ,
 E assim teve graças mil
 Com os orvalhos da Aurora
 Hum rostinho taõ gentil.

Com tudo , ó Fabio , este caso
 Nos sirva de exemplo aqui ,
 Que he mau querer aticar
 Quem vive de consumir.

Carta a hum amigo.

ANte hontem , meu Reverendo,
 Soube que estaveis na Corte ,
 E de eu não buscarvos antes
 Vereis , que antes o não soube.

Porém

Porém como sempre os males
São, para que o bem se estorve,
Interdição dos alivios,
E remora dos primores.

Permitti, pois os que passo
Me impedem, que as Musas hoje
Em consonancias vos busquem,
Pois em presenças não podem.

Pois se dos affectos d'alma
São interpretes as vozes,
Os longes converte em pertos
Quem vos falla tão de longe.

Nesse campo de safiras
Já fez o dourado coche
Tres cursos, e em mar de sombras
Já Cinthia fez trinta e nove.

Depois que a vossa distancia
Variando de horizontes,
Sem mais vos ver hum só dia,
Me deixou ás boas noites.

Perguntei por vós, e ouvi
Dizer, que estaveis lá donde
Se está rindo huma Cidade,
Que he lustre de todo o Orbe.

Lá, digo, onde a linda Ignez
Cano achou para os amores,

Eco fez para as saudades,
E para as lagrimas fonte.

Aquella a quem o Mondego
Beja humilde a planta nobre
Agradecido a deverlhe
Que arcos triunfaes o coroem

Aquella em fim de Minerva
Academia illustre, e doce
Pedra de assucar a muitos,
E a todos pedra de toque.

Aqui soube que passaveis
Em estudos superiores
O tempo, que assim não passa,
E só dos que o perdem foge.

Espero que estes desvallos
Muito cedo nesta Corte
Do jardim dessa eloquencia
Mostrem que são fruto as flores.

Eu tambem quero contarvos
Da minha estrella as desordens,
Pois achão alivio os tristes
Em fazer queixa da sorte.

Depois que da Corte o mimo
Deixei por marciaes rigores,
Trocando as armas de Venus
Em palestra de Mavorte.

Seus bellicos estandartes
 Segui na Provincia, donde
 De Iberia o Luso Guadiana
 Montante de prata corre.

Aqui me achei na campanha
 De Olivença, cuja torpe
 Fortuna he cazaõ sómente
 Que tristes silencios chorem.

De Badajoz na escalada,
 Cujos muros, cujas torres
 Fallaõ palavras de chumbo
 Por bocas de ferro, e bronze.

Aqui funebre montanha
 Cuberta toda de horrores
 Nos mostrou, que a luz do dia
 Lhe servio de eterna noite.

Foy Mouraõ desta tragedia
 Terceira jornada, aonde
 Foy de seu mal testemunha
 Quem já foy de Hespanha açoute.

A bem viver recolhidos
 Nos vio Elvas, e Arronches,
 Que quem das conchas se sahe,
 Muito faz, se se recolhe.

Houve as mudanças sabidas,
 Vindo lá de Traz os Montes

Elle grande Vasconcellos ,
Cujo hiperbole he seu nome.

Com elle a Mouraõ tornamos ,
Onde em tres soes corresponde
A fortuna ás esperanças ,
Que havia em seu braço forte.

Prostraraõ-selhe as muralhas ,
Dando a memoria dos homens
Eterno templo ás ruinas ,
E ecos immortaes seus golpes.

Em fim destas aventuras
Outra dita me não coube,
Mais que achaques , e inda he muito
Pois com honra , e vida os trouxe.

Aqui cheguei a curarme
De impertinentes sezoens ,
E sem embargo dos remedios
Estou qual Deos me melhore.

Livre dos meus homizios ,
Já neste jogo de homem
Passo livre , e não me faço
Por mais que o jogo me acode.

Naõ pedi merces a ElRey
Pois até com seus favores
Para mim a idade de ouro
He já peyor que a de cobre.

Se pois da nossa amizade
 O nã defatar nã póde
 A força do tempo, ou males,
 Sem ser de Alexandre o corte.

Se desse empenho sublime,
 Que as minhas invejas mõe,
 Véte inda a Musa as delicias,
 Que da Caballina correm.

Permitti, para que a pena
 Pedir seus alivios ouse,
 Que nos que espera se cure
 Quem por lograllos se morre.

E a Deos, que chegaõ visitas,
 E para livrarvos hoje
 De mais larga impertinencia
 Vieraõ como de molde.



Sobre a derrota de D. João de Austria.

R O M A N C E.

S Enhor, ambicioso Apollo
De que nas cousas de Marte
Os mochillas do Parnaso
Mais do que os Mercurios fallem.
Manda que hum chullo das Musas
Calce do Pindo os tallares,
E em bom romance vos diga
O que em prosa não gostastes.
As armas, de que as Thalias
Seus melhores timbres fazem,
Já fação pennas de plumas,
Já papel de seus fothagens.
Quer agora ao som da lyra
Muito á burlesca vos cante,
Pois tão raçgado successo
Das pennas não sofre o grave.
Era o valentaõ dos mezes,
Pois dos doze se não sabe
Qual mais por la campa brilhe,

Ou mais por su estrella campe.
O mez digo, que entre todos
Por bizarro, e por galante
Sem darnos bom S. João
De vinte e quatro não sahe.
Quando o melhor Infançon,
Com que Hespanha se persuade,
Que excede nas valentias
A's aventuras de Marte.
Esse, que batendo as plumas
Com garras sempre arrogantes,
Todas as prezas de Luso
Cuidou levar pelos ares.
Abatia sobre o Cano,
Que por não ser dos amantes
Quiz contra o corpo de Hespanha
Ser cano de bacamarte.
Metendo-se pois nos pontos
Deste Cano, em cujas partes
Não ha mollas, porque todas
Muy rijas de fechos sahem.
Parou mal o curso, ou vôo,
E era consequencia facil,
Que quem vinha tão corrido
Viesse a muy mal pararse.
Já das luzes o morgado

Dava a entender, bem que tarde,
 Que era Poeta a la moda
 Pois se hia chegando a Cancer.

Quando as Lusitanas Serpes,
 Que pertenderaõ mostrarlhe
 Que sem estar mui soberbas
 Engoliaõ sempre Infantes.

Sem temor que na cabeça
 Lhe dessem seus calcanhares
 Feitas mais que huma peçonha,
 Começaraõ de assanhar-se.

De Hespanha os Leoens tremeraõ
 Sem quartans, vendo cobardes,
 Que estes bichos naõ brincavaõ
 Inda que delles zombassem.

Posto que se persuadiaõ,
 Que em posto, gente, e vantagem
 Nem mais escudos havia,
 Nem podia haver mais Flandes.

Vendo como os investiaõ
 Entenderaõ nestes lances,
 Que de gente investidora
 Era prudencia o guardar-se.

Vinhaõ elles sequisos,
 E para poder fartar-se,
 Sendo sede de agua, os rios

Quizeraõ beberlhe o sangue.

Começando pois a furia

Destes teimosos orates,

Pois sobre tudo, e com todos

Tinhaõ dares, e tomares.

Pareceo inferno a terra,

Pois toda por qualquer parte

Em tumbas de horror se fecha,

E em bocas de fogo se abre.

Com manto de fumo o vento

Cobria o dia notavel

Porque do murraõ ao fumo

Fugindo, não se ausentasse.

O som dos ecos ruidosos

Mostrava, que em toda a parte

Inda os penedos mais rudes

Sabiaõ já as linguagens.

Embrechada toda a terra

De macilentos semblantes,

Em bosque de armas espello

Fez cada tronco hum cadaver.

De chammãs, e lavaredas

Cubertos montes, e valles

De ondas de fogo eraõ montes,

De Etnas de fumo eraõ mares.

Porém deixando estes fumos,

Com

Com que a colera farsante
Da Musa quiz , que aos narizes
A mostarda lhe chegasse.

Tornemos ao estillo fresco ,
Se he que tambem nestes tranfes
Se não vê que as recahidas
A Hespanha salgadas sahem.

Sentida pois toda a Iberia
De ver termos semelhantes ,
Pois até fazendo termos
Não ha Christão , que os aguarde.

Tratou de ver se podia
Fazer com que lho pagassem
N'humas peças , cujas cargas
De alguns foraõ máos pezares.

Porém não soffrendo a bucha
O Portuguez mais inhabel
Pois de tantas peças juntas
Bra já força enfadar-se.

Tirou pelo saramago ,
E fez sem tirte , nem guarte ,
Que a quem presumio comello ,
Desde logo lhe amargasse.

Não abriraõ mais as bocas ,
As bocas de gosto infames ;
Porque se acabe o trus trus ,

Em chegando o trape zape.

Em lagrimas os foguetes
De Hespanha viraõ tornar-se,
Por terem melhor estouro
Os Portuguezes montantes.

Os cavallos Castelhanos
Pertendendo darnos mate,
Com ter por dama a fortuna
Com ella levaraõ xaque.

Sua ferramenta as picas
Fizeraõ, mas n'hum instante
Nem lhes valeo ser agudas,
Nem lhe aproveitou callar-se.

Cahindo por esses trigos
Vidas, e armas a milhares,
Mil montes de humanos troncos
Se viraõ no ultimo vale.

O ar com ruidosa furia
Açoutava os estandartes,
Que dos zefiros de Luso
Quizeraõ ser azorragues.

Os clamores, e alaridos
Mostravaõ sem remediarse
Que n'hum dia do Juizo,
Aos miseraveis naõ valem.

O Canal de Inglaterra

Bem parece , pois se de antes

Era Oceano de brenhas ,

Então se vio mar de sangue.

França , que a Hespanha mil vezes

Tem já pegado seus males ,

Por estar mui de cavallo

Lhe deo suores notaveis.

Os outros brichotes todos ,

Como doudos , como alarves ,

Mostravaõ , que sem ser santos ,

Sabiaõ fazer milagres.

Ferveo pois a pescocada

Sobre isto de qualidade ,

Que andando ás rebatinhas ,

Naõ houve quem naõ levasse.

Do gallo Francez tremendo ,

E mais dos Britannos sacres ,

Nem crem , que da vista fujaõ ,

Nem que das unhas lhe escapem.

Em fim vindo a noite ao mundo

Com capa de sombras grande ,

Que era razaõ deitar luto

Por taõ grande mortandade.

Se poz em fuga sabida

Esse Hespanhol girifalte ,

Que aguia naõ he no juizo

Quem teve tal disparate.

Démoslhe caça, mas elle
Bebendo os ventos, e os ares
Mostrou, pondo-se nas nuvens,
Quanto sabe remontar-se.

Tudo em fim n'huma poeira
Foy, para que não faltasse
Aos que em Castella escrevessem
De seus Joves, e seus Martes.





ROMANCES VARIOS DE HUMA

Poetiza anonyma.

ROMANCE.

SI mis dudas te entristecen ,
 Celia mia de mis ojos ,
 Ya puedes dexar lo triste ,
 Que ya dexé lo dudoso.

Ya conosco que me quieres ,
 Ya que me estimas conosco ,
 Porque verdades del alma
 Nunca permiten reboço.

Las tuyas son tan notorias ,
 Que ni cruel las ignoro ,
 Ni falso las desmereço
 Ni ciego las desconosco.

Eres de amor un prodigio ,
 Eres de amor un assombro ,
 Pues ni te assombran ausencias ,
 Ni te acobardan estorvos.

O' como fuy temerario

En quanto fuy temeroso ,
 Pues te agrabié con recelos ,
 Pues te offendi con enojos.

Cessen tus penas , mi Celia ,
 Cessen tus pezares todos
 Que si dudé rendimientos
 Fue por ganar mas despojos.

No con peligros intentes
 Acreditar lo amoroso ,
 Que tan notorias verdades
 No necesitan de abonos.

Reciprocamente amantes
 Vivamos siempre dichosos ,
 Ya siendo embidia de algunos ,
 Ya siendo exemplo de todos.

R O M A N C E.

Libertad , ya teneis dueño ,
 No trateis mas de ser libre ,
 Que de ser libre se offende
 Quien por su gusto se rinde.

Observad las leyes todas
 De quien por suya os admite ,
 Que las finezas desea ,
 Quien las offensas prohibe.

No la lealtad mas heroica
En vós ya mas se termine ,
Que mal fizezas ostenta
Quien deslealtades permite.

Al Sol de vuestra fé pura
Nunca la traicion eclipse,
Que quien ostenta candores,
A las sombras nó se rinde

Lo que siempre de inconstante
Tened agora de firme ,
Que mal de amante se precia
Quien de constante se exime.

Dueño teneis tan perfeto
Que con deidades compite ,
Que deidad parece en todo
Quien es en todo sublime.

Si creyes lo que os afirma ,
Contenta podreis seguirle ,
Que amor reciprocamente
Es ser en todo felice.

Huid , pues , libertad mia ,
Huid de Scila , y Caribdes ,
Que quien aspira a bonanças ,
Nó es bien vá topar las syrtes.

Mas si a caso vuestro dueño
Os tratare mal , ay triste ,

Que talvez dueños tyranos
Maltratan a quien los sirve.

Amadle libertad mia
Sea la empreza, no huirle,
Que nunca fue ser constante
Llegar a ser insensible.

Mas ay! Cesse la voz, que no es possible
Que diga mas quien tal temor admite;
Sino es que como cisne
Cante moriendo quien temiendo vive,



ROMANCE.

Libertad, non tengais dueño
Que os ha trarado tan mal,
Dexadle por la inconstancia,
Huidle por la crueldad

No trateis de ser cautiva
De quien tan mal trato os dá,
Que quando es erro ser firme,
Quien es firme, es pertinaz.

El dueño a quien solamente
Os quiz stes sujerar,
Por juzgarle peregrino,
Por hallarle sin igual.

Tan mal os ha merecido
La firmeza que ostentais,
Que sabiendo prometter,
No ha sabido executar.

Las finezas, que ostentava,
Tan mudadas estan ya,
Que oy es todo offender
Lo que ayer todo obligar.

O' que mal se verifican

Sus promessas, y que mal

Se concede a los deseos

Quien se niega a la piedad.

Quien mal su amor acredita

Que despues de tanto amar

Prefiere al menor deseo

La mayor commodidad.

Amante, que por respetos

Exercita una crueldad,

Quien duda que sabe amarse,

Más de lo que sabe amar!

Aquel dueño tan perfeto

Que indició divinidad

Ya con gentil bizzarria,

Ya con discreto caudal:

Quien duda que ha puesto aora

Defetos en su deidad,

Porque quien passa de justo,

No se libra de incapaz.

Dexadle pues resoluta,

Desdichada libertad,

Que con dueño, que es tyranno,

Es locura el ser leal.

Mas ay, que tan impossible

Es en vós la deslealtad,

Como en el saber querer,

Y en mi saberle olvidar.

Tan rendida a sus poderes
Admiro mi voluntad,
Que quando me obliga menos,
Entonces le quiero más.

R O M A N C E.

S Entiendo ausencias de Lauro
Maltrata Nize dós Cielos;
Que tambien a las deidades
Se atreven los sentimientos.

Rigorosa con sus ojos
Rios introduce en ellos,
Mas rios transforma en rayos,
Quien agua buelve en incendios.

Separaciones tyrannas
Llora con tantos excessos,
Que llega al fin lo excessivo
A competir con lo bello.

Llorosa, triste, y amante
Fabores haze al tormento;
Pues si el le quita la vida,
Ella le guarda en el pecho.

Descuidada, e cuidadosa
Sin orden suelta el cabello,

Que es muy de amantes cuidados
Hazer al oro desprecios.

Las rosas de sus mexillas
Palido color vestieron
Por mostrar que al fin lo anente
Es semejante a lo muerto,

Oh que bien siente la niña
Las ausencias de su dueño,
Mas quien extremo es en todo,
Que mucho sienta en extremo!

Alivios busca en la copia
De su querido portento;
Que es fuerza procura alivios
Quien nó consigue remedios.

Ay, disse, amado retrato,
Aliviad lo que padesco,
Pues en lo breve de una alma
No cabe ya lo que siento

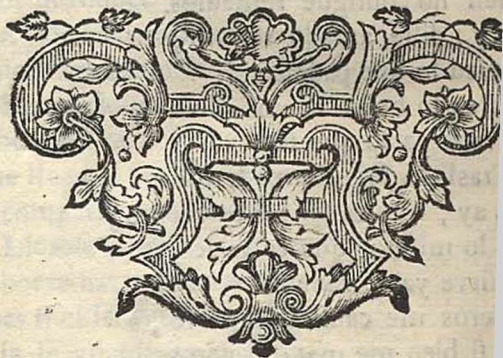
Traslado sois de mi Lauro;
Mas ay, que es tal mi tormento,
Que lo mismo, que es triaca,
Me sirve ya de veneno!

Veros me causa la muerte,
Mas si bien me mata el veros,
Por no morir de desdichas
Quiero morir de deseos.

Los míos se multiplican ,
Retrato , al passo que os veo ;
Pues si bien miro lo hermoso ,
Nó escucho nó lo discreto.

Ay quien de Lauro entendido
Oyera aqui los concretos
Para elevarme dichosa ,
Para suspender tormentos ;

Assi la gallarda Nise
Quexas explica a los Cielos ,
Agua reparte a las flores ,
Fuego introduce en los vientos.



R O M A N C E.

L Agrimas, que mudamente
Exagerais mi dolor,
Inundaciones del alma,
Diluvios del coraçon.

Abonos de un sentimiento,
Que llega a ser el mayor,
Razones de que se vale
La más notoria razon.

Si reprimir los raudales
Es duplicarle el furor,
Si referir los motivos
Es augmentar la passion.

Tened, tened la corriente,
Refrenad la inundacion,
Saldra del alma la quexa,
Saldra del pecho la voz.

Mas ay, que quando la pena
Compite con la occasion,
La quexa muere silencio,
La voz fenecer temor.

Moriendo estoy de una ausencia,

Mas si bien muriendo estoy ,
No me mata lo que passo
Matame lo que passó.

Dividida estoy del alma ,
Mas entre tanto rigor
Memorias de lo que ha sido
Verdugos del alma son.

Glorias passadas me matan
En tan cruel division ;
Porque siempre tras la gloria
Si siente mas el dolor.

Ay , que tyranno decreto
Del alma me dividió :
La union mas venturosa
Me mata separacion.

Quien vió mayor tyrania ,
Quien vió desdicha mayor ,
Que fenecesse tormento
Lo que delicia nació.

Logros de felicidades
Annuncios de penas son ;
Porque siempre a lo dichoso
Lo infelice sucedió.

Mi dueño está dividido ,
Partido mi coraçon ,
La esperança sin alento ,

El animo sin valor.

Todo lo puede la ausencia,
 Todo lo causa el temor,
 Todo lo ordena el destino,
 Y todo lo siento yó.

Lloremos pues, ojos mios,
 No refreneis lo veloz,
 Que siendo tantas las penas,
 Justas las lagrimas son.

Declare mi sentimiento
 Vuestra muda explicacion,
 Evitareis una offensa,
 Exercitando un favor.

Y tu querido peligro,
 A cuya separacion
 Tributo tanto disvelo,
 Dedico tanto dolor:

Si tan diversos pezares
 Te obligan a compassion,
 Favor, que muero de ausencia,
 Piedad, que muero de amor.

R O M A N C E.

Z Agales de aquestos montes,
 Quien vió mayor maravilla,

Que

Que viva un cuerpo sin alma,
Que sienta una alma sin vida?

Prodigios son en mi daño
Los que esta vez os admiran,
Pues vivo para las penas,
Pues muero para las dichas.

Sin vida padece el alma,
Sin alma el cuerpo se anima;
Porque penosas ausencias
Del alma, y vida me privan.

Muero, y vivo juntamente,
Mas en tal muerte, y tal vida
Para vivir estoy muerta,
Para sentir estoy viva.

Entre diversos pezares
La suerte me vivifica;
Ya porque viva quexosa,
Ya porque muera sentida.

Quien vió desdicha mas grande,
Quien vió mayor tyrannia,
Que nó me mate la ausencia,
Porque me mate la vida?

No dude pues de mi pena
Quien de mi vida se admira,
Que tambien haze milagros
El poder de la desdicha.

Mas ay, que de mi dueño dividida
 Penando vivo muerta , y muero viva.

R O M A N C E.

N Aõ trateis mais de offenderme,
 Covardes desconfianças,
 Que estou muy favorecida
 Para estar desconfiada.

Deponde o rigor injusto
 De vossa força tyranna ,
 Que se não mentem favores ,
 Bem posso ter confianças.

Desconfiar entre offensas,
 Recear entre inconstancias
 Effeitos são muy conformes
 A's qualidades das causas.

Mas duvidar entre glorias,
 Deimayar entre bonanças
 Mais será grande delirio ,
 Que justa desconfiança.

Anfriso amor me confessa
 Com veras taõ declaradas ,
 Que não desmente com obras
 O que me diz com palavras.

Se lembranças me refere,

Tambem me mostra lembranças,
Se verme diz que deseja,
Tambem por verme se cansa.

Mentir amantes affectos
Bem pode hum peito, que engana;
Mas acreditar verdades
He de quem verdades trata.

Quem mente, a si se desmente,
Porque quando a causa he falsa,
Logo dos mesmos effeitos
São grandes as dissonancias.

Vontade, que estando livre,
Finge que está penhorada,
Com palavras assegura,
Mas com obras desengana.

Porém quem tudo conforma
Sem admitir repugnancias,
Que muito que me confie,
Se em tudo mostra que ama.

Se porque indigna me vedes,
Cuidais que Anfriso me engana,
Sabei que nunca as indignas
São muito desgraçadas.

E quando razoens tão certas
Não me deraõ confiança,
Para que tivesse muita,

Querer a Anfriso bastava.

Deixaime pois livre o peito ,

Deixaime pois livre a alma ,

Que para sentir rigores

Basta que tema mudanças.

Eu vivo de tal maneira

Aos temores vinculada ,

Que no melhor das venturas

Estou temendo as desgraças.

Porque como a sorte dura

He sempre inconstante , e varia ,

Temo que me precipite

Ao passo , que me levanta.

E se he temeridade ,

Cuidar que Anfriso me paga ,

Confessar que me confia ,

Imaginar que me ama ;

Bem paga fica esta culpa ,

Tyrannas desconfianças ,

Pois morro de temerosa ,

Se vivo de temeraria.

R O M A N C E .

C Ahido haveis en el laço ,

Amada libertad mia ,

Per-

Perdida si , mas ganada ,
 Ganada si , mas perdida.

En dos extremos os veo ,
 Que por notables admiran ,
 En la ocasion muy señora ,
 En la prision muy cautiva.

Entre penas , y entre glorias
 No sê libertad que os diga ,
 Si consuelos de sujeta ,
 Si parabienes de altiva.

Iguales por el objecto
 Estos extremos litigan ;
 Mas en favor del empleo
 Amor sentencias confirma.

Mucho el cuidado disvela ,
 Mucho el ser libre se estima ;
 Mas cautiverio tan dulce
 A que alvedrio no excita ?

Aplausos las confusiones
 Buelve mi fé , quando mira
 En las desdichas venturas ,
 En los tormentos delicias.

Vivid alegre en el laço ,
 O' mi libertad rendida ,
 Que beneficios adquiere
 Quien aplaude tyrannias.

Contemplad en vuestro dueño,
Hallareis introducidas
En rendimientos victorias,
En tristezas alegrías.

Y tu dichosa vengança
De malogradas porfias,
Motivo para soberbias,
Estimulo para embidias.

Tu, que usurpado a ti propio
Excessos immortalizas,
Indignidades alientas,
Divinidades olvidas:

Si como dizes padeces,
Si sientes como publicas,
Perseverante desiniente
Prognosticadas ruinas.

Eternas venturas sean.
Las que naciendo osadías
Pudieron ser escarmientos,
Si fenecieron desdichas.

Vinculadas por tu causa
Entre los extremos vivan,
La esclavitud al imperio,
La indignidad a la dicha.

Y si de mi fé constante
A caso dudas animas,

Advierte, que eternidades
Aun me seran breves dias.

En el Cielo de tus partes,
O' generoso homicida,
Cuidados que han sido errantes
Quedaran estrellas fixas.

Esto en su lyra cantava
Cierta pastora rendida
Y contemplando sus glorias,
Ansi sus penas alivia:

Libertad, que se pierde
Con tanta dicha,
Yo le llamo ganada,
Que nó perdida.

F I M.